



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ANTÔNIO LOPES DA SILVA NETO

**O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA EM SÃO
MIGUEL DOS CAMPOS/AL NO PERÍODO TÉCNICO-
CIENTÍFICO-INFORMACIONAL**

**MACEIÓ
2016**

ANTÔNIO LOPES DA SILVA NETO

**O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA EM SÃO
MIGUEL DOS CAMPOS/AL NO PERÍODO TÉCNICO-
CIENTÍFICO-INFORMACIONAL**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELIZA PINTO DE ALMEIDA

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO
DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO ORGANIZAÇÃO
SOCIOESPACIAL E DINÂMICAS TERRITORIAIS**

**MACEIÓ
2016**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586c Silva Neto, Antônio Lopes da.
O circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos -AL no período técnico-científico-informacional / Antônio Lopes da Silva Neto. – 2016. 164 f.: il.

Orientadora: Eliza Pinto de Almeida.
Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curso de Geografia. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 150-154.
Anexo: f. 155-164.

1. Geografia humana. 2. Geografia econômica. 3. Circuito inferior – São Miguel dos Campos (AL). 4. Economia urbana. 5. Consumidores de baixa renda – Alagoas. I. Título.

CDU: 911.3(813.5)



PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA – PPGG/UFAL
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO FINAL

Em sessão pública, no dia 31 de agosto de 2016, às 10h, na Sala 4 do IGDEMA/UFAL – Bloco 6 (Ampliação), deu-se início à Defesa de DISSERTAÇÃO FINAL DO PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA, com área de concentração em Organização do Espaço Geográfico, do aluno ANTÔNIO LOPES DA SILVA NETO, orientando da Prof.ª Dr.ª Eliza Pinto de Almeida, intitulado: “O circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos/AL no período técnico-científico-informacional”, como requisito para a obtenção do título de MESTRE. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes docentes: Prof.ª Dr.ª Eliza Pinto de Almeida (UFAL), presidente da banca; Prof. Dr. Cícero Péricles de Oliveira Carvalho (UFAL) e como convidado externo o Prof. Dr. Marcos Antônio de Moraes Xavier (UNILA). A defesa constituiu de uma apresentação oral de 20(vinte) minutos, seguida de inquirições de 20(vinte) minutos para cada um dos examinadores e das respostas, e foi assistida pelas pessoas que se fizeram presentes. Ao final, a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente e decidiu em atribuir ao conteúdo do trabalho e à defesa a menção: APROVADO, com base no art. 63 do Regimento Interno do Curso. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a defesa, sendo a presente ata assinada pelos componentes da Banca Examinadora.

Pareceres da Banca Examinadora conforme art. 63 e seus parágrafos do Regimento Do Programa De Pós-Graduação Em Geografia.

Parecer 1:

O mestrando finalizou com êxito o trabalho de dissertação, demonstrando responsabilidade e compromisso acadêmico. Cumpriu com rigor o trabalho de pesquisa. Desta forma, a banca examinadora aprova o candidato indicando que as observações realizadas na defesa sejam atendidas com a orientação

Assinatura:

Parecer 2:

PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA – PPGG/UFAL

Assinatura:

Maceió, 31 de agosto de 2016.

Prof.ª Dr.ª Eliza Pinto de Almeida – Presidente

Prof. Dr. Cícero Péricles de Oliveira Carvalho – Titular Interno

Prof. Dr. Marcos Antônio de Moraes Xavier – Titular Externo

Obs.: Caso o espaço disponível não seja suficiente, favor utilizar outra folha em branco devidamente assinada.

Índice

Índice de tabelas, quadros, gráficos, imagens e mapas.....	7
Siglas.....	12
Agradecimentos.....	13
Resumo.....	15
Introdução.....	17
 Capítulo 1 - A TEORIA DOS CIRCUITOS E OS ELEMENTOS DA URBANIZAÇÃO DE SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL NO PERÍODO ATUAL..	 21
1.1- A teoria dos dois circuitos da economia urbana e o seu potencial explicativo.....	22
1.2- Território usado no período técnico-científico-informacional.....	25
1.3- A dinâmica populacional em São Miguel dos Campos/AL.....	33
1.4- A dinâmica do meio ambiente construído e o circuito inferior em São Miguel dos Campos.....	37
1.5- Mercado de trabalho e aumento da pobreza urbana.....	42
 Capítulo 2 - A RACIONALIDADE ECONÔMICA DO CIRCUITO INFERIOR: A ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	 47
2.1- A racionalidade do circuito inferior da economia urbana.....	48
2.2- Micros e pequenas empresas de serviços e comércio e a expansão do circuito inferior da economia urbana.....	51
2.3 - Circuito inferior e mobilidade urbana: moto-táxis, vans e ônibus do transporte intraurbano.....	59
2.4- A feira livre e o mercado público de São Miguel dos Campos/AL.....	72
 Capítulo 3 - OS CONTEÚDOS DO CIRCUITO INFERIOR A PARTIR DAS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS.....	 76
3.1- As novas oportunidades e o uso do território pelos homens lentos.....	79
3.2- As micros e pequenas empresas pesquisadas.....	78
3.3- O circuito inferior e a dinâmica do meio construído.....	81
3.3.1 – Circuito inferior central e residencial na cidade de São Miguel dos Campos/AL.	83
3.4- Aspectos da organização das micros e pequenas empresas.....	85
3.5- As finanças do circuito inferior de micros e pequenas empresas.....	86
3.6- A especificidade do trabalho nas micros e pequenas empresas.....	90
3.7- Novas tecnologias a serviço do circuito inferior e a produção das formas de publicidade.....	95
3.8- Os fluxos de mercadorias e pessoas: a abrangência de mercado do circuito inferior	97
 Capítulo 4 - O FUNCIONAMENTO DO TRANSPORTE URBANO DO CIRCUITO INFERIOR DE SÃO MIGUEL DOS CAMPOS.....	 101
4.1- Caracterização dos agentes do circuito inferior de transporte.....	102
4.2- A dinâmica do trabalho na atividade de transporte urbano.....	104
4.3- Equipamentos utilizados na atividade de transporte urbano.....	108
4.4- Rendimento, consumo e a financeirização da atividade de transporte urbano.....	109
4.5- A importância e a abrangência do transporte urbano do circuito inferior.....	114

4.6- Os conflitos e disputas das atividades de transporte como elemento do circuito inferior da economia urbana.....	115
Capítulo 5 - AS CONDIÇÕES TÉCNICAS, DE CAPITAL E A ORGANIZAÇÃO DA FEIRA LIVRE.....	117
5.1- Breve caracterização dos feirantes de São Miguel dos Campos.....	118
5.2- As características do trabalho na feira livre.....	123
5.3- Circuito espacial produtivo e circuito inferior: a feira livre como ponto de escoamento da produção regional.....	132
5.4- Mecanismos financeiros do circuito inferior da feira livre.....	138
5.5- Abrangência de mercado do circuito inferior da feira livre.....	141
5.6- A cidade vista em sua totalidade a partir das atividades do circuito inferior.....	144
Considerações finais.....	147
Referências.....	150
Anexos.....	155

Índice de tabelas, quadros, gráficos, imagens e mapas

Tabelas

Tabela 1 - Tabela 1 - Brasil, Alagoas e São Miguel dos Campos – Evolução da população (1960-2010)	34
Tabela 2 – São Miguel dos Campos - Índices de urbanização	35
Tabela 3: Origem das famílias dos Loteamentos Hélio Jatobá I, II e III	40
Tabela 4 – São Miguel dos Campos: População ocupada por setores – 2011, 2012 e 2014	43
Tabela 5 – Ocupações com e sem carteira em São Miguel dos Campos – 2010	44
Tabela 6 – Faixa salarial da população economicamente ativa – 2010	45
Tabela 7 - Evolução das Micros e Pequenas Empresas em Alagoas e no Brasil	53
Tabela 8 - Participação das MPEs na quantidade total de empresas – São Miguel dos Campos – Alagoas - Brasil	54
Tabela 9 - Evolução das Micros e Pequenas Empresas e participação no número total de empresas em São Miguel dos Campos/AL	54
Tabela 10: Crescimento das principais MPE's de São Miguel dos Campos – 2014-2015	57
Tabela 11: Evolução da frota de motocicletas em São Miguel dos Campos-AL – 2005 a 2014	61
Tabela 12: Pequenos estabelecimentos pesquisados em São Miguel dos Campos	79
Tabela 13: Motivos alegados para inserção no circuito inferior	80
Tabela 14: Valores dos alugueis das micros e pequenas empresas	81
Tabela 15: Situação das micros e pequenas empresas referente ao pagamento do IPTU	82
Tabela 16: Média da Arrecadação do IPTU por habitante para o Brasil e São Miguel dos Campos 2013/2014 e Arrecadação total do IPTU em São Miguel dos Campos – 2013-2014	82
Tabela 17: Funcionários por micro e pequena empresa (%)	90
Tabela 18: Jornada de trabalho dos funcionários das micros e pequenas empresas	91
Tabela 19: Emprego de mão de obra familiar e mão de obra familiar com e sem carteira assinada nas micros e pequenas empresas	92
Tabela 20: Valores pagos aos funcionários das micros e pequenas empresas	93
Tabela 21: Valor médio do rendimento dos trabalhadores do circuito inferior de transporte	110
Tabela 22: Formas de pagamento dos equipamentos de trabalho (%)	111
Tabela 23: Faixa etária dos trabalhadores da feira-livre de São Miguel dos Campos	120
Tabela 24: Escolaridade dos agentes do circuito inferior da feira livre	120
Tabela 25: Cidades de residência dos feirantes que migraram para São Miguel dos Campos	122
Tabela 26: Motivos de entrada dos trabalhadores na feira livre	124
Tabela 27: Tempo de trabalho na feira livre	125
Tabela 28: Evolução da quantidade de benefícios da Previdência Social – Alagoas e São Miguel dos Campos	128
Tabela 29: Horas trabalhadas pelos agentes do circuito inferior da feira livre	130
Tabela 30: Rendimento médio semanal dos feirantes de São Miguel dos Campos	140

Quadros

Quadro 1- Características dos dois circuitos da economia urbana	24
Quadro 2: Atividades anteriores dos agentes do circuito inferior de transporte	104
Quadro 3: Feirantes entrevistados na feira livre de São Miguel dos Campos	119
Quadro 4: Antigas ocupações dos agentes do circuito inferior da feira livre	126

Gráficos

Gráfico 1- Gráfico 01: São Miguel dos Campos – Dinâmica da população urbana e rural	35
Gráfico 2: Principais micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos/AL	56
Gráfico 3: Brasil: percentual de municípios com presença do serviço de Moto Táxi por Macrorregião, 2005-2008	60
Gráfico 4: Percentual da Escolaridade dos Agentes do Circuito Inferior	102
Gráfico 5: Localização da Residência dos Agentes do Circuito Inferior	103
Gráfico 6: Jornada de trabalho diária dos agentes do circuito inferior de transporte	106
Gráfico 7: Equipamentos de segurança utilizados pelos agentes do circuito inferior de transporte	108
Gráfico 8: Principais gastos dos agentes do circuito inferior de transporte	111
Gráfico 9: O consumo dos agentes do circuito inferior	112
Gráfico 10: Principais gastos com o veículo	113
Gráfico 11: Cidade de origem dos feirantes de São Miguel dos Campos	121
Gráfico 12: Residência dos trabalhadores da feira livre	123
Gráfico 13: Consumo dos trabalhadores da feira livre	141

Imagens

Imagem 1- Localização de São Miguel dos Campos no Estado de Alagoas	28
Imagem 2: Micros e pequenas empresas localizadas nas áreas centrais (Ruas Barão de Jequiá e Visconde de Sinimbu)	55
Imagem 3: Micros e pequenas empresas localizadas no bairro Hélio Jatobá I (Avenida Francisco Jatobá)	55
Imagem 4: Ponto de atuação dos moto-taxistas no centro da cidade	61
Imagem 5: Pontos estratégicos dos moto-taxistas	63
Imagem 6: Sede da associação dos moto-taxistas de São Miguel dos Campos /AL	65
Imagem 7: Sede da associação dos motoristas autônomos do bairro de Fátima	66
Imagem 8: Vans do transporte urbano na rua Barão de Jequiá	69
Imagem 9: Vans do transporte urbano na rua Visconde de Sinimbu	69
Imagem 10: Ônibus do transporte urbano - ponto de saída	70
Imagem 11: Ônibus do transporte urbano na rota em direção à parte alta	70
Imagem 12: Ônibus do transporte urbano em frente ao mercado público – ponto final da rota	70
Imagem 13: Ônibus do transporte urbano em atividade no período noturno	70
Imagem 14: Vista do Centro Comercial José Torres Filho	74
Imagem 15: Placa indicativa dos pontos dos moto-taxistas	115
Imagem 16: Comércio de variedades no mercado público de São Miguel dos Campos	131
Imagem 17: Comércio de CD's e DVD's no mercado público de São Miguel dos Campos	131
Imagem 18: Comércio de carnes no mercado público em dia de feira	132
Imagem 19: Ponto de venda de frutos do mar no mercado público	133
Imagem 20: Trabalhador responsável pelo transporte das mercadorias	135

Mapas

Mapa 1: Mapa da Localização do Estado de Alagoas na Região Nordeste e no Brasil	28
Mapa 2 - Área ocupada pela cana de açúcar em Alagoas	31
Mapa 3 - Grau de Urbanização do Estado de Alagoas	36
Mapa 4: Divisão dos Bairros de São Miguel dos Campos	39
Mapa 5: Densidade Populacional de São Miguel dos Campos	40
Mapa 6: Rota do transporte urbano (vans e ônibus)	68
Mapa 7: Origem dos produtos das Micros e Pequenas Empresas e a circulação no circuito inferior	98
Mapa 8: Os fluxos do circuito inferior: origem dos clientes das micros e pequenas empresas	99
Mapa 9: A circulação dos produtos comercializados na feira livre	134
Mapa 10: A feira livre e os fluxos no circuito inferior	142
Mapa 11: A circulação de pessoas e os fluxos da feira livre em São Miguel dos Campos	143

Siglas

ASSIMPEC - Associação Nacional dos Sindicatos das Micro e Pequenas Empresas do Comércio
ASSIMPI - Associação Nacional dos Sindicatos das Micro e Pequenas Empresas da Indústria
BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CCB - Cimpor Cimentos do Brasil
CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONTRAN - Conselho Nacional de Trânsito
CODEFAT - Conselho Deliberativo do Fundo de Assistência ao Trabalho
DVD – Disco Digital de Vídeo
FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FINAME - Financiamento e Aquisição de Máquinas e Equipamentos
FPM – Fundo de Participação dos Municípios
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPT – Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação
IFAL – Instituto Federal de Alagoas
INMETRO - Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
INSS - Instituto Nacional de Seguro Social
IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano
MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MPEs – Micros e Pequenas Empresas
MTE - Ministério do Trabalho e Emprego
PBF – Programa Bolsa Família
PCONE - Programa de Crédito Orientado aos Novos Empreendedores
PIB - Produto Interno Bruto
PL – Projeto de Lei
PNMPO - Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROCON - Programa de Proteção e Defesa do Consumidor
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SICONFI - Sistema de Informação Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro
SIMPEC - Sindicato das Micro e Pequenas Empresas do Comércio
SIMPI - Sindicato das Micro e Pequenas Empresas da Indústria
SIMPLES - Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte
SMTT Superintendência Municipal de Trânsito e Transporte
SPC - Serviço de Proteção ao Crédito
TRANSPAM - Transportadora de Passageiros Miguelense
UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas
UPGN-AL - Unidade de Processamento de Gás Natural de Alagoas

Agradecimentos

À Profa. Dra. Eliza Pinto de Almeida, orientadora. De quem muito aprendi ao longo de todo este processo e seguirei pegadas. Pelas orientações, aulas, correções e pela paciência e presteza nas leituras de meu trabalho. Mas sobretudo pelo compromisso testemunhado com a luta política e com uma universidade pública, democrática e de qualidade.

Aos professores Dr. Márcio Cataia e Dr. Cícero Péricles de Carvalho que participaram de minha banca de qualificação e muito contribuiriam para o aprofundamento de questões essenciais da pesquisa e desenvolvimento do trabalho. Assim como ao Prof. Dr. Marcos Xavier, pela participação na banca examinadora da dissertação, cujas contribuições, agradeço.

À Universidade Federal de Alagoas-UFAL, ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente-IGDEMA e ao Programa de Pós-graduação em Geografia-PPGG nas pessoas da Profa. Dra. Silvana Quintella e do Prof. Dr. Ferreira pelo apoio desde a fase inicial do curso de mestrado.

Aos companheiros de curso Antonio Ferreira, Wanubya Menezes, Targino Filho, Ezequias Santos e Tairan Oliveira cujos momentos de partilha e debates foram importantes para o crescimento intelectual e humano ao longo das aulas e na construção do trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas-FAPEAL pelo incentivo financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Um agradecimento ao Prof. Ms. Reinaldo Sousa da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, coordenador do Grupo de Estudos Territoriais-GETERRI, em virtude do incentivo, oportunidades e trocas de experiências geográficas e humanas. Assim como a todos os companheiros do GETERRI pela parceria nos debates geográficos e pela contribuição na aplicação dos questionários da pesquisa. De maneira especial agradeço a Amistson Lopes da Silva pela parceria na geografia e na vida e a Fernando Antonio Silva cujas conversas, discussões e contribuição foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Ms. Clélio Cristiano dos Santos pelo estímulo e importante contribuição ao longo do processo de formação acadêmica.

À Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL – Campus V – União dos Palmares/AL na pessoa do Magnífico Reitor Prof. Ms. Jairo José Campos da Costa, onde e com quem pude dar os primeiros passos na vida profissional e acadêmica.

À minha família (Angelyne Heloyze Lopes da Silva, Adnajara Ariane Lopes da Silva – irmãs, Maria José Lopes da Silva – mãe e José Lopes da Silva – pai) que foi inspiração para este trabalho. Agradeço de forma especial à Silmara Lopes de Souza pelo companheirismo, presença e colaboração ao longo de todo o processo.

Ao Padre Antônio Alexandre da Silva (*in memoriam*) e ao monge irmão João Batista Magalhães Sales, bem como à Fraternidade Contemplativa do Discípulo Amado-FCDA que logo cedo me fizeram olhar para os mais pobres do povo e perceber a necessidade de uma vida política, profissional e religiosa orientada em favor destes.

Por fim, tenho que agradecer a Deus, força e energia criadora que a tudo dá sentido e harmoniza. E a partir da aventura de acreditar, agradeço a Jesus Cristo, Filho desse Deus, que ao tornar-se homem fez-se povo pobre, excluído e condenado e revelou-nos a mais singela e profunda forma de contemplar a vida, o mundo e o homem.

“Há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra. Seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais. O cidadão é o indivíduo no lugar. A República somente será realmente democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independente do lugar onde estejam”.

Milton Santos, 2012b, p. 151.

SILVA NETO, Antônio Lopes da. **O circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos/AL no período técnico-científico-informacional**. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é compreender a dinâmica da economia urbana de São Miguel dos Campos-AL no período técnico-científico-informacional a partir de atividades do circuito inferior da economia urbana, bem como analisar os usos do território pelos pequenos agentes da economia. A teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos (2008, [1979]), compreende importante viés teórico-metodológico para o entendimento da urbanização nos países subdesenvolvidos. O circuito inferior da economia é formado pelo conjunto das atividades de pequeno porte existentes na cidade. Atendendo geralmente às necessidades de trabalho e consumo dos pobres urbanos. Escolhemos a situação geográfica de São Miguel dos Campos/AL. E para compreender a dinâmica de sua urbanização, analisamos as características, organização e o funcionamento de três atividades do circuito inferior da economia: as micros e pequenas empresas, o transporte urbano de passageiros e a feira livre de São Miguel dos Campos. O entendimento dessas atividades além de revelar os usos do território da cidade, apresentam as situações de pobreza de grande parte da população urbana e indicam a necessidade de seu enfrentamento no período atual.

Palavras-chave: Circuito inferior. São Miguel dos Campos. Economia urbana. Período atual. Trabalho. Consumo.

SILVA NETO, Antônio Lopes da. **The lower circuit of the urban economy in São Miguel dos Campos / AL in the technical-scientific-informational period.** 2016. 164 p. Dissertation (Master's Degree) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016

ABSTRACT

The objective of this labor is to comprehend the urban economic of São Miguel dos Campos-AL in the period technico-scientific-informational from activities of lower circuit of urban economy, and to analyze the use of agents as well as to analyze uses of the territory by the small agents of economy. The theory about the two circuit of economy proposal by Milton Santos (2008, [1979]), comprehend important bias theoretical and methodological to the understand of urbanization in the underdeveloped countries. The lower circuit of economy is formed by existing set of small activities in the city. Generally meeting the labor needs and consumption of the urban poor. We choose the situation of São Miguel dos Campos-AL. And to understand the dynamic of your urbanization, we analyzed your characteristics, organization and the operation of three activities of lower circuit of economy: the micro and small companies, the urban passenger transport and the free fair of São Miguel dos Campos. The understanding these activities in addition to revealing the uses of the territory of the city, They feature the major part of poverty of the urban population and indicate the need for solving them in the current period.

Keywords: Lower circuit. São Miguel dos Campos. Urban economy. Current period. Labor. Consumption.

INTRODUÇÃO

Buscamos com este trabalho analisar a dinâmica da economia urbana em São Miguel dos Campos-AL no período técnico-científico-informacional a partir de atividades do circuito inferior da economia urbana e os diversos usos do território pelos agentes hegemônicos da economia. Mais especificadamente a partir dos anos de 1990.

Escolhemos a situação geográfica de São Miguel dos Campos/AL como recorte para a nossa pesquisa em virtude das características particulares de sua urbanização no Estado de Alagoas. Em São Miguel dos Campos, as micros e pequenas empresas-MPEs, o transporte urbano de passageiros e a feira livre são atividades do circuito inferior da economia que revelam usos específicos do território da cidade e possuem lógicas próprias de funcionamento, submetidas às necessidades de trabalho e de consumo da população.

Desta maneira, analisar a organização e o uso do território através das micros e pequenas empresas, dos serviços de transportes intraurbano e da feira livre de São Miguel dos Campos; identificar a incorporação da informação, do crédito e dos novos vetores de modernização nas atividades do circuito inferior e identificar as disputas entre os agentes dos circuitos da economia urbana, compõem outros objetivos desta pesquisa.

Como proposta de método, partimos da compreensão de que o espaço geográfico é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS: 2009a). Esses objetos e ações dados os imperativos da modernidade, são dotados de uma maior complexização no período atual, o que confere novos conteúdos e novas dinâmicas no espaço geográfico. Este espaço geográfico, pode ainda ser compreendido como sinônimo de território usado, conforme Milton Santos (2012c:138) ao sustentar que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”.

Não obstante, o dinamismo dos dois circuitos da economia urbana, revelam o uso do território nos lugares. É, por conseguinte, sob a ótica do território usado, no qual coexistem os dois circuitos da economia que buscamos entender a dinâmica do circuito inferior da economia em São Miguel dos Campos a partir de três atividades de pequena dimensão. Para Montenegro (2006), a teoria dos circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos compreende um caminho de método para refletirmos sobre as transformações espaciais produzidas, diretamente e indiretamente, pelas modernizações que atingem o território no período atual.

A cidade é uma totalidade (SILVEIRA, 2004) que constitui um sistema. Este sistema urbano está subdividido em dois subsistemas econômicos. Assim, a cidade comporta o circuito

superior e o circuito inferior da economia urbana. Enquanto que o circuito superior da economia – originando-se diretamente da modernização tecnológica - constitui-se do conjunto das atividades modernas como bancos, comércio e indústria de exportação, serviços modernos, atacadistas e transportadoras, o circuito inferior da economia, cuja origem é resultado indireto da modernização tecnológica, é formado pelas atividades de pequena dimensão existentes na cidade (SANTOS, 2008 [1979]). E interessa sobretudo às populações mais pobres no que se refere às necessidades de trabalho e consumo.

O circuito superior e o circuito inferior formam assim um par dialético, são contraditórios e complementares. Porém, um dado importante é a dependência do circuito inferior em relação ao circuito superior da economia urbana.

A teoria dos circuitos é importante viés teórico metodológico para compreender a dinâmica da cidade de São Miguel dos Campos que perpassa no período atual por intenso processo de urbanização - haja vista a migração da população rural e de outras cidades – e a ampliação do meio ambiente construído que aumenta a complexidade do sistema urbano e intensifica os usos do território da cidade. Com o crescimento do número de desempregados e as situações de pobreza urbana da população de São Miguel dos Campos, o circuito inferior da economia urbana desempenha papel primordial na dinâmica e articulação das relações da cidade.

Partimos assim da hipótese de que o circuito inferior da economia possui uma lógica de funcionamento, portanto reúne um conjunto de atividades racionais tão dinâmicas quanto as atividades do circuito superior. Mesmo com a escassez de capitais, reduzida organização e uso mais restrito de tecnologias, as atividades do circuito inferior possuem uma organização que é bastante dependente das condições locais.

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, abordamos “*A economia urbana de São Miguel dos Campos/AL no período atual*”. Apresentamos o potencial explicativo da teoria dos circuitos da economia urbana para a compreensão das cidades dos países subdesenvolvidos e como se dá o uso do território no período técnico-científico-informacional por parte de alguns elementos do circuito superior e do dinâmico circuito inferior da economia urbana presentes em São Miguel dos Campos/AL. A dinâmica populacional e conseqüentemente a ampliação do meio ambiente construído que se aprofundaram a partir dos anos de 1990 e por fim, trazemos alguns elementos que demonstram o movimento do mercado de trabalho e suas segmentações no tecido urbano e as condições de pobreza e desigualdade da população urbana de São Miguel dos Campos.

“A racionalidade econômica do circuito inferior: a organização das atividades”, é a proposta do segundo capítulo do trabalho. Nos propomos a compreender as lógicas e razões do surgimento e do funcionamento das atividades do circuito inferior da economia urbana, a partir da organização e estrutura geral das micros e pequenas empresas, transporte intraurbano e da feira livre em São Miguel dos Campos/AL.

Como os dados estatísticos secundários das micros e pequenas empresas, as informações concedidas sobre o transporte e a falta de dados sobre a feira livre não permitem uma compreensão da realidade destas atividades, o trabalho de campo se fez extremamente necessário para o entendimento do circuito inferior a partir do levantamento de dados primários. Vale ressaltar ainda, a dificuldade em relacionar o conceito de circuito inferior da economia urbana com os conceitos de micro e pequena empresa e setor formal, adotados pelas categorias oficiais (MONTENEGRO, 2011) que levantam a grande parte dos dados secundários. Para Milton Santos (2012c, p. 68), a quantidade de estatísticas bem como as facilidades de sua manipulação pode eliminar o esforço de compreender a realidade e nos induzir ao erro.

Dessa maneira, buscamos, a partir da análise e interpretação das características das micros e pequenas empresas, transporte urbano de passageiro e feira livre; compreender os dinamismos atuais do circuito inferior da economia urbana de São Miguel dos Campos/AL. Para uma melhor exposição do esforço da pesquisa, as atividades analisadas encontram-se tratadas em capítulos distintos.

O terceiro capítulo, denominado *“Os conteúdos do circuito inferior a partir das micros e pequenas empresas”*, apresenta as principais características das MPE's do circuito inferior de São Miguel dos Campos. A relação destas com o meio ambiente construído, o trabalho gerado pelos micros empreendimentos e o processo de comercialização e consumo próprios das micros empresas, sobretudo, a ampliação da abrangência de mercado do circuito inferior no período atual.

No quarto capítulo tratamos *“O funcionamento do transporte urbano do circuito inferior de São Miguel dos Campos”*. As características gerais dos agentes desta atividade do circuito inferior, as relações do trabalho gerado nesta atividade e a dinâmica de funcionamento do serviço de transporte urbano de passageiros de São Miguel dos Campos.

Por fim, o quinto capítulo do trabalho demonstra *“As condições técnicas, de capital e a organização da feira livre”*. Esta parte aborda o perfil do trabalhador feirante, o mecanismo financeiro existente na feira e as características e organização desta atividade cujo trabalho e consumo estão pautados na circulação de mercadorias.

Para apreender as características das atividades analisadas, realizamos entrevistas e aplicações de questionários. Desse modo foram realizadas 13 entrevistas com os principais agentes das atividades pesquisadas. Quanto aos questionários, foram aplicados 178, distribuídos de maneira que 66 foram aplicados para as micros e pequenas empresas, 59 para as atividades de transporte analisadas (37 moto-taxistas, 17 motoristas de vans e 5 motoristas dos ônibus) e 53 para os agentes da feira livre de São Miguel dos Campos/AL nas áreas centrais e periféricas, entre 14 de outubro de 2015 e 25 de novembro de 2015. Os questionários aplicados tiveram por objetivo apreender algumas das principais características das atividades. Foram abordadas questões relacionadas ao funcionamento das atividades do circuito inferior, buscando compreender as relações dessas atividades com a dinâmica da cidade. O funcionamento das micros e pequenas empresas, do transporte urbano e da feira livre da cidade, revelam a partir de suas características a dinâmica do circuito inferior no período atual.

Com base nos questionários aplicados e as informações obtidas nas entrevistas foram elaboradas tabelas, gráficos, quadros e mapas, que serão apresentados ao longo do trabalho com o objetivo de demonstrar as características e a lógica de funcionamento das atividades do circuito inferior pesquisadas.

CAPÍTULO 1

A TEORIA DOS CIRCUITOS E OS ELEMENTOS DA URBANIZAÇÃO DE SÃO MIGUEL DOS CAMPOS/AL NO PERÍODO ATUAL

1.1- A teoria dos dois circuitos da economia urbana e o seu potencial explicativo

No livro *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos*, de autoria de Milton Santos no final da década de 1970, encontramos a teoria dos dois circuitos da economia urbana, uma “*teoria do desenvolvimento econômico em sua dimensão espacial*” (SANTOS, 2008 [1979], p. 26) para a compreensão da urbanização dos países periféricos.

Segundo a teoria dos dois circuitos, o sistema urbano que é uma totalidade, está dividido em dois subsistemas econômicos - o circuito superior e sua porção marginal¹ e o circuito inferior da economia urbana - formando entre eles um par dialético. O circuito superior é aquele formado pelas atividades modernas e de grande porte, enquanto que o circuito inferior é formado pelo conjunto das atividades de pequena dimensão. A cidade é, portanto, um grande mercado, formado por diversos circuitos de produção e consumo (SILVEIRA, 2010, p. 2).

O circuito superior é, portanto, constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. Nele podemos encontrar os próprios motores da mais nova divisão territorial do trabalho que se pauta sobre conteúdos intensivos em técnica, ciência, informação e finanças, ou seja, sobre as variáveis determinantes da globalização (MONTENEGRO, 2011). O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não-‘capital intensivo’, pelos serviços ‘não-modernos’ fornecidos “a varejo” e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão (SANTOS, 2008 [1979], p. 40). Daí sua importância na geração de trabalho para uma significativa parcela das populações urbanas.

É importante assim lembrar, que no período atual, a cidade abriga uma segmentação do mercado (ALMEIDA, 2000), tanto do ponto de vista do trabalho quanto do consumo. Dessa maneira,

Os pobres não têm acesso aos produtos modernos e os mais pobres dentre eles só podem proporcionar-se consumos correntes por intermédio de um sistema de distribuição particular frequentemente completado por um aparelho de produção igualmente específico e que

¹ O circuito superior da economia urbana é dividido em “circuito superior propriamente dito e circuito superior marginal”. Para Milton Santos o [...] circuito superior marginal formado por firmas que, de maneira mais geral, participariam do circuito superior por meio de diversas formas produtivas e se assemelhariam ao circuito inferior pelo fato de que presença na cidade é, sobretudo, o resultado da existência de uma demanda a ser satisfeita (SANTOS, 2009, p. 95)

é uma resposta às condições de pobreza da grande massa da população. (SANTOS, 2008 [1979], p. 196).

A destarte, nas cidades dos países subdesenvolvidos encontraremos a existência de uma infinidade de formas de trabalho e de consumo, surgidas a partir das necessidades das populações mais pobres, mas não apenas destas. A esta dinâmica e movimento frente às condições de pobreza urbana, Milton Santos (2009a) denomina *flexibilidade tropical*.

Essas metamorfoses do trabalho dos pobres nas grandes cidades cria o que, em um outro lugar (Santos, 1991), denominamos de “flexibilidade tropical”. Há uma variedade infinita de ofícios, uma multiplicidade de combinações em movimento permanente, dotadas de grande capacidade de adaptação, e sustentadas no seu próprio meio geográfico, este sendo tomado como uma forma-conteúdo, um híbrido de materialidade e relações sociais (SANTOS, 2009a, p. 324).

O circuito superior e o circuito inferior da economia urbana portanto, tratar-se-ia de divisões sociais e territoriais do trabalho superpostas ou de uma rede diferenciada de agentes que, distribuídos no meio construído, produzem e consomem a partir de lógicas distintas porém interdependentes (SILVEIRA, 2010, p. 2). Isto significa dizer que ambos os circuitos são contraditórios e complementares. Formando uma oposição dialética (SANTOS, 2009b). Todavia, é importante frisar a dependência do circuito inferior para com o circuito superior. Como assinalou Eliza Almeida (2000), ao sustentar que “o Circuito Inferior, cresce, desse modo à sombra do Circuito Superior, ora como subordinado, ora complementando ou mesmo relativamente independente deste circuito” (ALMEIDA, 2000:105). Assim, os dois circuitos complementam-se e a natureza relacional dos circuitos da economia (SILVEIRA, 2014) no período atual incorpora novas formas e feições.

É mister lembrar que a complementaridade dos circuitos da economia urbana dá-se sobretudo pela dependência do circuito inferior com relação ao circuito superior. E que ambos os circuitos estão “subordinados às mesmas leis gerais do desenvolvimento capitalista” (SANTOS, 2009c, p. 63) O autor vai ainda mais longe, sustenta que “a provável função essencial do circuito inferior é difundir o modo capitalista de produção entre a população pobre através do consumo” (SANTOS, 2009c, p. 70). Logo, o circuito inferior compõe indiscutivelmente a lógica de desenvolvimento do sistema de produção capitalista junto ao circuito superior. E não apenas este último participa da dinâmica do capitalismo no período atual. Para Maria Laura Silveira (2014), dentre as funções do sistema financeiro e do crédito,

incorporados ao circuito inferior no período atual, drenar os recursos do subsistema inferior para o circuito superior é a principal delas.

Os dois circuitos da economia urbana têm o mesmo conjunto de causas, ambos são originados a partir do processo de modernização tecnológica (SANTOS, 2009c) e dessa maneira, são inter-relacionados. As atividades componentes do circuito superior e do circuito inferior são diferenciadas pelo grau *tecnológico, organizacional e de capital* (SANTOS: 2008 [1979]).

Os usos do território são, portanto, distintos segundo os agentes que compõem cada circuito da economia. No circuito superior, por exemplo, cresce a tendência de substituir mão de obra por capital intensivo. Daí a crescente inovação nos processos produtivos. Uma das consequências desse processo é o crescimento do número de desempregados e a não absorção de novos trabalhadores no setor produtivo nas grandes empresas. Milhares de trabalhadores acabam se refugiando no circuito inferior da economia urbana que abre possibilidades de sobrevivência para grandes parcelas da população economicamente ativa. O quadro abaixo é revelador das principais características dos dois circuitos da economia urbana.

Quadro 1- Características dos dois circuitos da economia urbana

	Circuito superior	Circuito inferior
Tecnologia	Capital-intensivo	Trabalho-intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor (haggling)
Crédito	Bancário institucional	Pessoal – não institucional
Margem de Lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios; exceção: produtos de luxo	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas e personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização de bens	Nula	Frequente
“Overhead capital)	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nada
Dependência direta do exterior	Grande atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: SANTOS:2009c, [1978]: 61-62

Nos propomos aqui a compreender a dinâmica do circuito inferior da economia urbana na cidade de São Miguel dos Campos, considerando o importante papel deste circuito no conjunto da economia urbana, visto que o circuito inferior tem importante papel na absorção dos excluídos e daqueles que nunca entraram no mercado formal de trabalho (ALMEIDA, 2000).

Não obstante, como “[...] pobreza e circuito inferior aparecem com relações de causa e efeito inegáveis” (SANTOS, 2008, [1979], p. 196), compreender o circuito inferior nos coloca diante do entendimento e do enfrentamento da pobreza urbana no período atual. E a importância da compreensão do funcionamento da economia dos pobres reside no fato de que “[...] sem se levar em consideração esse circuito inferior, a compreensão da cidade é incompleta” (SANTOS, 2008 [1979], p. 196). Assim, é importante dar evidência ao conjunto das atividades de pequeno porte que em São Miguel dos Campos utiliza o território e dinamiza a economia urbana.

1.2- Território usado no período técnico-científico-informacional

O espaço geográfico formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2009a), deve ser compreendido como sinônimo de território usado. Para Milton Santos (2000: 17-18), a categoria de território usado “aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território”. Na concepção de Milton Santos (2000: 225), “o território não se restringiria apenas ao nome político para o espaço de um país, mas a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”. Daí a importância de se considerar nas análises a coexistência de distintos agentes da sociedade e as diversas maneiras como se apropriam do território, revelando uma multiplicidade de usos que expressam a cada momento da história a vida de relações nos diversos pedaços do território.

[...] o território usado é uma categoria inclusiva porque leva em conta todos os atores, e não apenas o Estado, como na acepção herdada da modernidade; todos os atores, e não apenas os que têm mobilidade, como nas mais clássicas noções de espaço de fluxos; o domínio da contiguidade, e não somente a topologia das empresas; a existência total, e não apenas o espaço econômico (SILVEIRA:2011: 80).

A cada período ocorrem nos lugares a combinação de um conjunto de objetos que contêm frações da sociedade em movimento. O arranjo dos objetos nos lugares nos dá a sua

configuração territorial, isto é, o conjunto de sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade, e dos sistemas de engenharia, isto é, objetos técnicos e culturais historicamente construídos (SANTOS:2000). É sob essa configuração territorial que as ações presentes ocorrem. Como observa Ana Clara Torres Ribeiro (2005:12458), “o território usado constitui-se numa categoria mediadora, posicionada entre o passado e o presente e, ainda mais, indispensável ao desvendamento dos futuros possíveis”.

O desvendamento do presente e dos futuros possíveis passa pelo entendimento do alcance das ações que não é semelhante para todos os agentes. Os agentes hegemônicos têm um poder de ação que engloba o território como um todo. Por sua vez, os agentes hegemonzados têm uma ação limitada no território, podendo ser regional ou local, dependendo do seu grau de poder econômico e/ou político.

O período atual é marcado pela difusão do meio técnico-científico-informacional. Técnica, ciência e informação interagem de maneira imbricada e a difusão dos sistemas técnicos é comandada pelas técnicas informacionais. A difusão dos novos sistemas de objetos e ações permitiu a consolidação do processo de globalização². No entanto, a seletividade dessa difusão aprofunda a fragmentação dos territórios e intensifica as relações de dependência política e econômica entre os diferentes lugares.

Para Maria Laura Silveira (2004) é evidente que as características do período atual criam novos processos e intensificam outros, como exemplo, o constante processo de monetarização da economia e a expansão dos consumos modernos. Há também uma mudança na composição dos empregos, uma crescente precarização das relações de trabalho que geram novas formas de produzir a pobreza.

A intensa urbanização, a reorganização do Estado e da economia, a monetarização da economia e da sociedade que vão se completando, os agregados de ciência, técnica e informação à vida social e ao território, e a diversificação e aprofundamento dos consumos são dados novos do período, que alteram a natureza do espaço no qual os circuitos da economia urbana se desenvolvem (SILVEIRA: 2004: 3).

Desse modo, Edison Oliveira (2009) também identifica as implicações das variáveis do período atual. Para o autor,

A estreita relação entre a ciência e a técnica, a informação, as finanças, a diversificação e intensificação dos consumos, o entrelaçamento das redes em

² Abordaremos esse tema um pouco mais diante ao tratar da pobreza estrutural, globalmente produzida.

termos organizacionais e técnicos, o desemprego crônico, uma nova forma de produzir a pobreza e o empobrecimento relativo, as formas da cooperação/competição entre empresas, as relações entre o mercado e o Estado (OLIVEIRA, 2009, p. 108).

Como já assinalamos, a difusão do meio técnico-científico-informacional é seletiva e não atinge igualmente todos os pontos do território.

[...] “em determinados subespaços engendram-se arranjos espaciais particulares que autorizam o exercício das atividades ligadas ao circuito superior da economia. Um novo conjunto de objetos e ações construídos com um maior grau de ciência, tecnologia e informação é o próprio retrato das ações hegemônicas que presidiu sua criação. Esses novos sistemas que se sobrepõem em frações da cidade são atravessados pelos tempos hegemônicos. No entanto, a cidade abriga os tempos mais lentos, hegemonzados, pois nem todos os espaços são atingidos pelas modernizações impostas pelos nexos técnico-científicos-informacionais. A impossibilidade de ampliar os espaços modernos de uma só vez é dado pela própria materialidade construída, fruto das divisões sociais e territoriais pretéritas, tornando-se um obstáculo à difusão das modernizações. Daí advém a grande riqueza das cidades que cria oportunidades de sobrevivência para as camadas da população mais pobres. De um lado, os lugares não atingidos pelas modernizações ou precocemente envelhecidos oferecem as condições para que pequenas firmas e comércio sejam criados e, por outro lado, essas atividades se beneficiam das infra-estruturas criadas em função do circuito superior da economia e que têm um impacto importante sobre a redução dos custos de distribuição e de circulação (ALMEIDA, 2003:219).

Analisaremos a dinâmica do uso do território em São Miguel dos Campos, que é um ponto desse meio técnico-científico-informacional e seus desdobramentos. Atentando para as palavras de Ana Clara Torres Ribeiro (2005) que enfatiza que “a ação é sempre interação, o território usado é revelador das múltiplas experiências daqueles que conquistam a sobrevivência em ambientes hostis, antagônicos”.

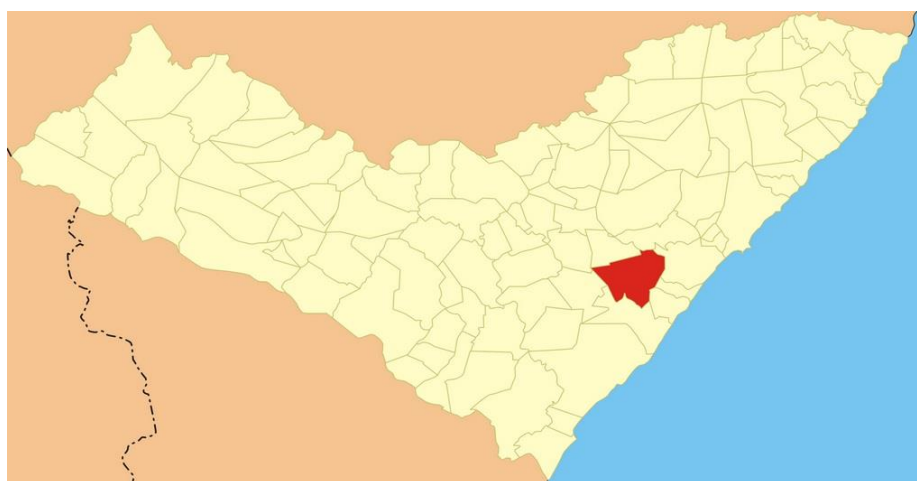
A cidade de São Miguel dos Campos está localizada no estado de Alagoas, na Região Nordeste do Brasil (mapa 1). Possui uma área territorial de 362,99 Km² e está situada na Microrregião de São Miguel dos Campos e na Mesorregião do Leste Alagoano, na chamada Zona da Mata (imagem 1).

Mapa 1: Mapa da Localização do Estado de Alagoas na Região Nordeste e no Brasil



Fonte: Disponível em <http://dados.al.gov.br/>. Acesso em 16/01/2015

Imagem 1: Localização de São Miguel dos Campos no Estado de Alagoas



Fonte: Disponível em www.wikialagoas.al.org.br. Acesso em 16/01/2015

Dentre outros elementos, a atividade canavieira desempenhou importante papel na dinâmica sócio territorial de São Miguel dos Campos e configura imprescindível fator de consolidação da economia deste município. Nos anos 70 e 80 do século XX, o governo brasileiro lançava o Programa Proálcool (Programa Nacional do Álcool) para intensificar a produção de álcool combustível (etanol) para substituir a gasolina. A crise do petróleo, na

década de 1970, estimulou o governo a buscar novas fontes de energia. Atualmente, o Brasil é um dos maiores produtores de etanol do mundo, utilizando-se até hoje da cana-de-açúcar para obter esse produto. O Proálcool teve relevantes impactos no Estado de Alagoas e em São Miguel dos Campos/AL.

Conforme Paulo Candido e Edgard Malogodi (2009), a atividade sucroalcooleira é a principal atividade econômica do Estado de Alagoas. A produção sucroalcooleira concentra-se na Zona da Mata, que pertence a Mesorregião do Leste Alagoano, que compõem junto com a do Sertão e do Agreste as três mesorregiões que dividem o estado.

Em 2009, funcionavam 26 usinas e destilarias autônomas, responsáveis por 91.000 empregos diretos em todo o estado, conforme Fabio Guedes (2014). Como observa Cícero Péricles de Carvalho (2008:23), *“a estrutura fundiária do estado de Alagoas reflete os traços mais fortes herdados do seu passado colonial: concentração da terra, ausência de diversificação produtiva, pobreza e degradação ambiental”*. Pode-se dizer que o modelo agrícola está centralizado em poucas atividades, como a pecuária e a cana-de-açúcar, ambas herdadas do Brasil colonial. Cícero Péricles de Carvalho (2008) sintetiza a situação no campo alagoano, analisando a relação entre os estabelecimentos familiares e o conjunto patronal.

Os considerados patronais são aqueles que utilizam majoritariamente mão-de-obra assalariada; os familiares são aqueles que têm na mão-de-obra familiar sua base de sustentação. A polarização é clara: os patronais são apenas 7% do total, mas ocupam 64% da área agrícola do Estado e realizam 76% do valor bruto da produção (CARVALHO: 2008:21).

A produção canavieira passou por mudanças significativas nas últimas décadas. Segundo Paulo Candido e Edgard Malogodi (2009), no Nordeste, ocorre o processo de reconversão produtiva da agroindústria canavieira, que tem conduzido a uma nova configuração com a incorporação dos chamados “tabuleiros”, áreas mais elevadas. Em Alagoas, Lúcio de Vasconcellos Verçoza (2012), destaca que as áreas do tabuleiro, começaram a ser incorporadas já na década de 1950, pela lavoura canavieira, graças às suas peculiaridades naturais que facilitariam a mecanização.

As zonas dos tabuleiros estendem-se desde o pediplano de Arapiraca (município localizado no agreste alagoano) até às formações litorâneas, possuindo nas Alagoas muito maior largura do que em Pernambuco. Acha-se inclinada, grosso modo, em direção ao mar, pois alcança quase 200m de altitude a Oeste de Arapiraca, para descer até os 40 ou 50m nas proximidades

da praia onde formam abruptas falésias. (Verçoza, Lúcio Vasconcellos: 33 apud, ANDRADE: 1959: 24)

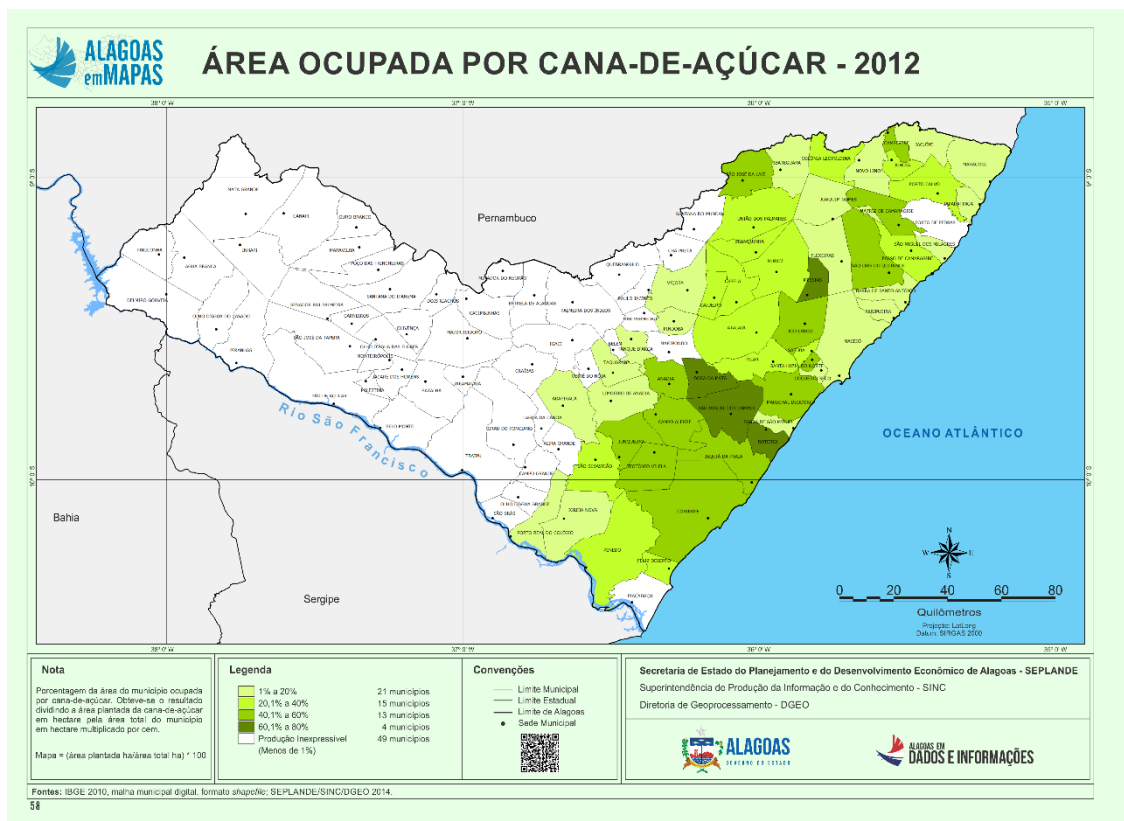
Observou-se então, como salientou o agrônomo MORAIS (Rodolfo de A – 1958), que os tabuleiros apresentam uma série de vantagens; por ser plano, é o tabuleiro menos atingido pela erosão, facilitando, por conseguinte, a mecanização, o Tratamento e a colheita da lavoura (os canaviais da [usina] Sinimbu são cortados por rodagens paralelas e perpendiculares umas às outras, de cinquenta em cinquenta metros, formando quadrados semelhantes a um tabuleiro de jogo de damas); outra vantagem é a de que nos tabuleiros as canas suportam melhor a estiagem, são mais uniformes e menos sujeitas a doenças. Todos esses fatores, sobretudo a fácil mecanização, trazem grande economia para a usina, que cultiva diretamente seus canaviais (Verçoza, Lúcio Vasconcellos: 33 apud, ANDRADE, 1959: 56)

Os tabuleiros se estendem do Rio Grande no Norte ao estado de Sergipe. A incorporação das áreas de tabuleiro abriu possibilidades de novos usos do território. Os acréscimos crescentes de técnica e ciência mudaram a paisagem dessas áreas que passaram a intensificar o uso de tecnologias mais modernas. Configuraram-se novos circuitos espaciais de produção³, de distribuição e de consumo do setor sucroalcooleiro. Grosso modo, a modernização sucroalcooleira resultou da interação e integração entre usinas, destilarias, fornecedores de matérias-primas e insumos, passando ainda pelos centros de pesquisa, universidades, fabricantes de equipamentos, instituições governamentais, representantes atacadistas e varejistas até chegar ao consumidor final.

Em Alagoas, a ocupação para fins de expansão da lavoura canavieira da área do tabuleiro fez com que São Miguel dos Campos ganhasse importância no cenário da produção estadual. Em 2012, como mostra o mapa 02, São Miguel dos Campos é um dos quatro municípios do estado de Alagoas com maior produtividade de cana-de-açúcar.

³ De acordo com Milton Santos os circuitos espaciais de produção “seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final” (SANTOS, 2012a, p. 56). Essas etapas englobam produção, distribuição, comércio e consumo final de um determinado produto.

Mapa 2: Área ocupada pela cana de açúcar em Alagoas



Fonte: www.seplande.com.br Acesso em 24/10/2015

No caso específico de São Miguel dos Campos, há um aprofundamento das especializações dos lugares em atividades produtivas (CATAIA e SILVA: 2013). A modernização sucroalcooleira se fez com a manutenção da estrutura assentada na concentração da terra, ausência de diversificação produtiva, pobreza e degradação ambiental. O conjunto patronal que absorve trabalhadores assalariados tem investido cada vez mais em tecnologias poupadoras de mão-de-obra, aprofundamento das relações de exploração dos trabalhadores. Como afirmam Paulo Candido e Edgard Malogodi (2009: 140), de maneira geral, a ocupação dos tabuleiros *“foi acompanhado de um quadro geral de mudanças, tanto na base técnica como gerencial da produção sucroalcooleira. Já nas relações sociais de trabalho, houve aumento de trabalhadores temporários”*, como também a deterioração dessas relações, com a intensificação da jornada de trabalho e com a manutenção da precarização das relações trabalhistas. Essas transformações contribuíram para o processo de urbanização, como veremos adiante.

No período atual, os novos sistemas de objetos e ações difundem o meio técnico-científico-informacional, que chega como manchas ou pontos em diferentes partes do território. É nesse contexto que podemos observar a presença de empresas como a Cimpor Cimentos do

Brasil (CCB), a Petrobrás, Granbio e as mudanças operadas na Usina Caetés, na área do tabuleiro alagoano que tem impactado no uso do território no município de São Miguel dos Campos.

Ainda nesta perspectiva, assistimos a chegada de alguns dos símbolos do consumo contemporâneo, os shoppings centers, as redes de supermercados, as filiais de empresas de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, a intensificação do processo de “financeirização da sociedade e do território” através da instalação dos serviços bancários, das casas de crédito, dos caixas eletrônicos e a presença de serviços de saúde, educação, informação.

Em São Miguel dos Campos, a instalação do pequeno Shopping Center Cinema, a chegada da rede supermercadista Unicompra, a presença de instituições de ensino como o Instituto Federal de Alagoas-IFAL (2008 - ensino técnico-profissional) e a Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL (1999 - ensino superior), revelam as novas dinâmicas e os novos usos do território da cidade de São Miguel dos Campos. Concentram-se ainda algumas redes de lojas de eletrodomésticos, eletrônicos, móveis, perfumaria de alcance nacional e/ou regional, como a Insinuante, Guido, Ricardo Eletro e O Boticário.

O território usado no período atual, pode ser ainda compreendido como espaço banal, isto é, o lugar de todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar (SANTOS, 2009a). Podemos assim, observar que o território é o campo de atuação de forças e elementos antagônicos e complementares. Tanto os atores hegemônicos, como as empresas e grandes corporações, quanto os agentes hegemonizados, homens pequenos e lentos e atividades de pequena dimensão utilizam o território como suporte para as suas ações.

Desta maneira, [...] interagem na cidade a divisão de trabalho hegemônica e as divisões de trabalho não-hegemônicas (OLIVEIRA, 2009, p. 130), configurando formas múltiplas de uso do território pelos diferentes e desiguais agentes que o conformam. Em São Miguel dos Campos, observamos a coexistência de vetores modernos da economia atual e de elementos característicos da economia não hegemônica.

A cidade de São Miguel dos Campos abriga uma infinidade de formas hegemonizadas de trabalho, o que revela o território usado pelos pequenos agentes da cidade. O que o torna abrigo para as populações mais pobres que sobrevivem dessas atividades. Nas ruas Sampaio Marquês, do Mercado, Dr. Miguel Lopes, Visconde de Sinimbú, Barão de Jequiá, Senador Máximo (nas intermediações do centro da cidade) e deputado Dinei Torres (próximo à

rodoviária), mas também na avenida Francisco Jatobá e outras das intermediações do bairro Hélio Jatobá, encontraremos uma multiplicidade de pequenas atividades de comércio, serviços e de produção.

Essa concepção permite compreender as várias formas e utilização e os novos conteúdos do território. Cada interstício do território é hoje objeto de interesse dos agentes que coexistem na cidade.

1.3- A dinâmica populacional em São Miguel dos Campos/AL

A teoria dos dois circuitos da economia coloca-nos no enfrentamento da questão da urbanização, no que concerne às características das cidades dos países subdesenvolvidos. Como enfatiza Milton Santos (2009b), nas cidades do Terceiro Mundo coexistem elementos da modernidade e de uma grande massa de deserdados, gerados, em boa parte, como função dessa mesma modernização que é seletiva e, portanto, excludente, acentuando o seu caráter perverso.

No Brasil, a urbanização está intimamente ligada ao processo de difusão do meio técnico-científico-informacional nos anos recentes. Como esta difusão ocorre de maneira seleta, resulta na elevação das taxas de urbanização em determinadas parcelas do território brasileiro. No caso Estado de Alagoas e, especialmente, em São Miguel dos Campos, a urbanização está fortemente vinculada às modernizações do campo.

“A rede urbana é hoje mais complexa respondendo a relações específicas que propiciaram as novas condições de realização da vida econômica e social, decorrência da própria expansão do meio técnico-científico-informacional. De um lado, temos o desenvolvimento da produção material que modifica as estruturas industriais, de circulação e o próprio consumo e, de outro lado, a dispersão das atividades econômicas no território. Muitas cidades cresceram em decorrência de uma produção especializada que atende aos novos consumos produtivos do país. O aumento das cidades médias e maiores e, principalmente das metrópoles acompanha esse movimento de urbanização” (ALMEIDA: 2000: 98).

É nesse contexto que a cidade de São Miguel dos Campos, desde a década de 1960, apresenta mudanças importantes na sua estrutura populacional. De modo geral, tivemos a evolução do crescimento populacional e, de outro, o aumento dos índices de urbanização.

Entre o período de 1960 a 2010, o município de São Miguel dos Campos apresentou um incremento demográfico de 129,14%, passando de 23.818 habitantes, em 1960, para 54.577, em 2010, correspondendo a um aumento de 30.759 habitantes. O crescimento foi inferior ao

observado no Brasil no mesmo período, que registrou uma taxa de crescimento de 172,20% e, ao estado de Alagoas que apresentou uma taxa de crescimento de 148,01%, como observamos na tabela 1.

Tabela 1 - Brasil, Alagoas e São Miguel dos Campos – Evolução da população (1960-2010)

ANO	Brasil	ALAGOAS	SÃO MIGUEL DOS CAMPOS⁴
1960	70.070.457	1.258.170	23.818
1970	93.139.037	1.588.109	29.721
1980	119.002.706	1.982.591	40.708
1991	146.825.475	2.514.100	50.689
2000	169.590.693	2.822.621	51.456
2010	190.732.694	3.120.494	54.577

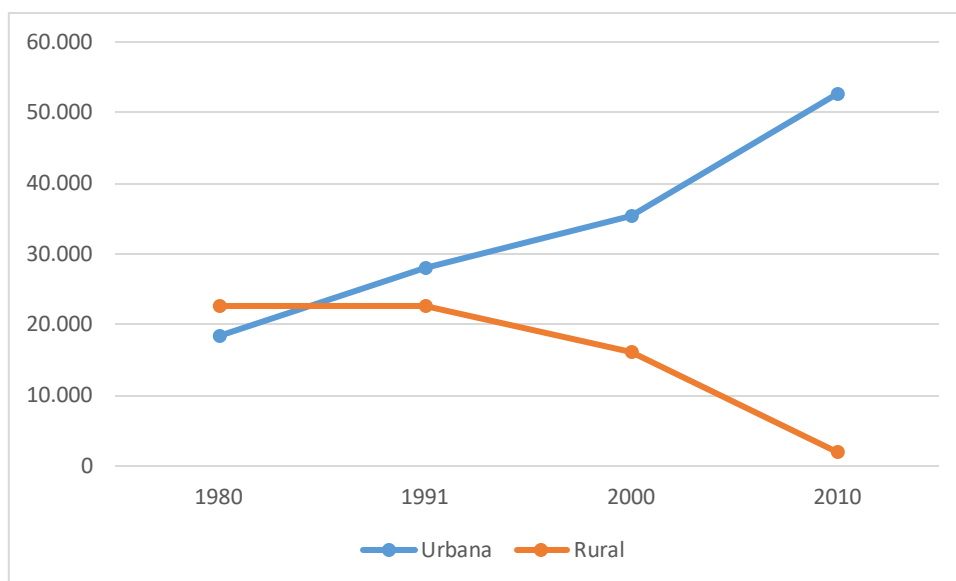
Fonte: IBGE –Censo Demográfico, 2010.

O incremento da população de São Miguel dos Campos se deu a partir da década de 1980. Esse processo é resultado do êxodo rural que se intensificou com a ocupação das áreas do Tabuleiro para o cultivo de cana-de-açúcar, como também, da migração da população dos municípios vizinhos. Segundo o Estudo da Região de Influências das Cidades-REGIC do IBGE (2007), São Miguel caracteriza-se como Centro de Zona A da região. Dessa maneira, atrai as populações de cidades como Anadia, Boca da Mata, Campo Alegre, Coruripe, Jequiá da Praia, Junqueiro, Roteiro e Teotônio Vilela.

Entre 1991 e 2010, consolida-se a urbanização. Em 2010, dos 54.577 habitantes de São Miguel dos Campos, apenas 2.011 viviam no meio rural (gráfico 1).

⁴ Entre os anos 1991 e 2000 o baixo crescimento populacional de São Miguel dos Campos, isto é, de apenas 767 habitantes, está diretamente relacionado ao desmembramento de seu povoado e consequente criação do município de Jequiá da Praia com cerca de 13.076 habitantes. A delimitação da área territorial de Jequiá da Praia ocorreu em 03 de fevereiro de 1995 e a instalação oficial da sede do município se deu em 01 de janeiro de 2001. Atualmente o município conta com 12.029 habitantes de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010).

Gráfico 1: São Miguel dos Campos – Dinâmica da população urbana e rural



Fonte: IBGE - Censos demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

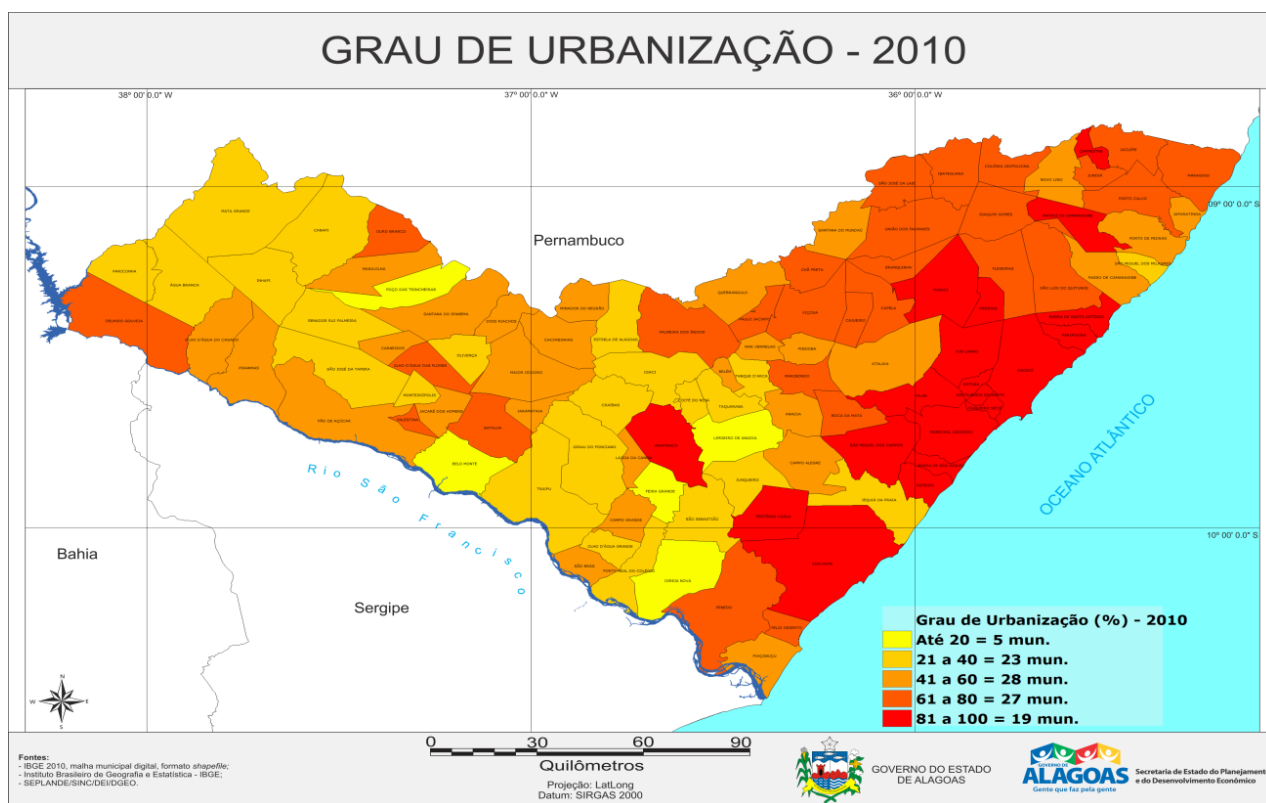
Dessa maneira, em 2010 o índice de urbanização de São Miguel dos Campos supera o estado de Alagoas e o Brasil (tabela 2). O município tornou-se eminentemente urbano, com 96,32% de população vivendo na cidade. Vale lembrar que São Miguel dos Campos encontra-se em 2010 entre as 19 cidades mais populosas da unidade federativa de Alagoas, como podemos observar no Mapa 3.

Tabela 2 – São Miguel dos Campos - Índices de urbanização

Anos	Brasil	Alagoas	São Miguel dos Campos
1980	67,59	49,47	45,35
1991	75,59	58,53	55,48
2000	81,23	68,03	81,28
2010	84,36	73,63	96,32

Fonte: IBGE: Censos demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

Mapa 3: Grau de Urbanização do Estado de Alagoas



Fonte: www.dados.al.gov.br, acesso em 15/09/2015

No período entre 1980 e 2010, o crescimento da população urbana de São Miguel dos Campos é fruto de um conjunto de fatores que culminaram em um processo de urbanização acelerado. Dentre os fatores que impulsionaram o processo de urbanização em São Miguel dos Campos, as transformações no setor sucroalcooleiro, principal atividade econômica do município de São Miguel dos Campos, contribuiu diretamente para o aumento da população urbana, devido à dispensa de mão de obra ligada ao setor. De acordo com Milton Santos (2013:11), “o campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos”.

A expansão das lavouras canavieiras nas áreas do tabuleiro impulsionou a ida dos pequenos lavradores para a cidade, provocando o êxodo rural. Somado a esses fatores, na década de 1990, muitas fazendas pertencentes às usinas de cana-de-açúcar, dispensaram os moradores de suas propriedades, que eram seus empregados. O destino dos moradores impulsionou o processo de migração do campo para a cidade⁵.

⁵ Em matéria de 28 de maio de 1995, sobre o fechamento das fazendas das usinas de cana-de-açúcar e a destruição de casas, revelando o fim das relações de moradia nas propriedades canavieiras, o jornal

Esta parcela da população vinda do campo, recebeu lotes e passou a residir nos novos conjuntos habitacionais da cidade:

Para o caso de São Miguel dos Campos, os loteamentos do Conjunto Hélio Jatobá, que começaram a surgir a partir da década de 1990, serviram como “depósito” para as pessoas provenientes dessas fazendas pertencentes às Usinas, das quais as mesmas foram expropriadas, rompendo com a relação de moradia (ROCHA, 2015, p. 38)

É dentro desse contexto que vamos analisar o dinamismo do circuito inferior da economia urbana e suas imbricações no meio ambiente construído. Dentre outras consequências da dinâmica populacional de São Miguel dos Campos, constatamos a ampliação de seu meio ambiente construído.

1.4- A dinâmica do meio ambiente construído e o circuito inferior em São Miguel dos Campos

Para Silveira (2004) um princípio básico para a compreensão da dinâmica dos circuitos da economia urbana, é considerar a cidade como uma totalidade em permanente movimento, pois, “não é possível compreender a constituição do meio construído sem a relação entre as forças produtivas e o consumo, cujo escopo depende do poder dos agentes” (SILVEIRA, 2010, p. 2). A autora afirma ainda que o entendimento da cidade como totalidade e de seu movimento são princípios de partida para a compreensão da dinâmica urbana.

La premisa de partida es, sin embargo, considerar la ciudad como un todo em permanente movimiento. La ciudad es una totalidad, hecha de cosas y personas, de objetos y relaciones, de formas y acciones, en un movimiento desigual y combinado, en una dinámica de cooperación y conflicto (SILVEIRA, 2004 p. 2).

Folha de São Paulo divulgou sob o título de *Usineiros destroem casas e criam favelas*, demonstrou que cerca de 40 mil casas foram destruídas em Alagoas nesse período. Revelando o contexto de saída da população dessas áreas, bem como a situação de pobreza em que vivem, a Folha de São Paulo relatou “as usinas fazem a demolição frequentemente com o trabalho dos próprios moradores expulsos que em alguns casos ficam com sobras de tijolos, telhas e madeira, utilizadas para construção de uma nova casa na cidade mais próxima”.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/28/brasil/34.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2015

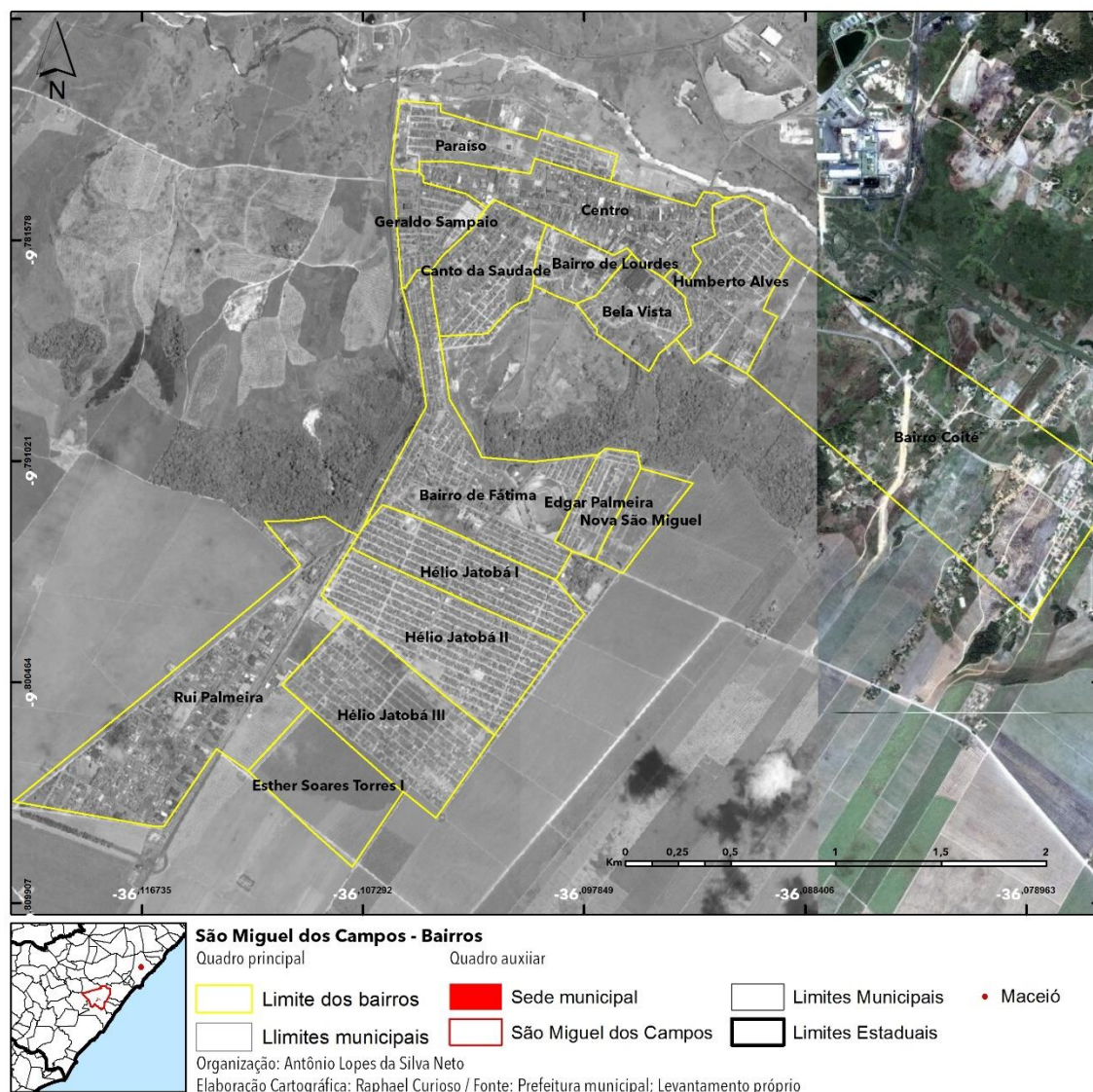
Compreendemos assim a cidade como *meio construído*⁶ revelando a estreita ligação dos circuitos da economia com as formas geográficas existentes na cidade. Enquanto o circuito superior pode a partir de seu lugar privilegiado no conjunto da economia, determinar a localização de suas atividades, o circuito inferior usa intensamente cada interstício que possa garantir a sobrevivência de suas atividades. A dinâmica do meio ambiente construído desempenha papel essencial para analisarmos a economia urbana e sobretudo o circuito inferior da economia, pois, “a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza [...]. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial” (SANTOS, 2013, p. 10). Analisando as novas dinâmicas do circuito inferior da cidade de São Paulo-SP

[...] o circuito inferior se aproveita dos espaços mais deteriorados dos centros urbanos, pois os aluguéis são mais baixos, mas esses espaços são finitos, por isso, para intensificar o seu uso, o comércio do circuito inferior também é realizado nas noites e madrugadas. Ou seja, o uso da cidade impõe novos ritmos à vida e às atividades econômicas, cada atividade tem um lugar no espaço e um lugar no tempo (CATAIA, 2013, p. 65)

O circuito inferior da economia urbana estabelece significativa relação e dependência com o meio construído. O espaço urbano de São Miguel dos Campos está organizado em duas áreas principais (mapa 4). Uma área central, na parte baixa da cidade, próximo ao rio São Miguel, em que se encontram os bairros mais antigos, e uma área periférica, na parte alta da cidade, onde localizam-se o bairro de Fátima (criado nos anos 1960) e os novos bairros surgidos a partir de 1990, resultado da dinâmica populacional e da expansão do meio ambiente construído. De acordo com Rocha (2015) o loteamento Hélio Jatobá I surgiu a partir de 1999, o Hélio Jatobá II a partir de 2001 e o Hélio Jatobá III foi criado em 2009.

⁶[...] o ambiente construído pode ser dividido em elementos de capital fixo a serem utilizados na produção (fábricas, rodovias, ferrovias, etc) e em elementos de fundo de consumo a serem utilizados no consumo (casas, ruas, parques, passeios etc). Alguns elementos, tais como ruas e o sistema de esgoto, podem funcionar quer como capital fixo, quer como parte de fundo de consumo, dependendo de seu uso. (HARVEY, sem ano, p. 7)

Mapa 4: Divisão dos Bairros de São Miguel dos Campos



Do projeto de expansão urbana, os lotes doados para a consolidação dos loteamentos Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II e Hélio Jatobá III foram ocupados por habitantes da área urbana de São Miguel dos Campos, bem como da área rural. Mas também foram ocupados por habitantes vindos das áreas urbanas e rurais de outros municípios. A tabela 03 apresenta a origem das famílias que receberam as parcelas do solo urbano nos loteamentos Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II e Hélio Jatobá III.

Tabela 3: Origem das famílias dos Loteamentos Hélio Jatobá I, II e III

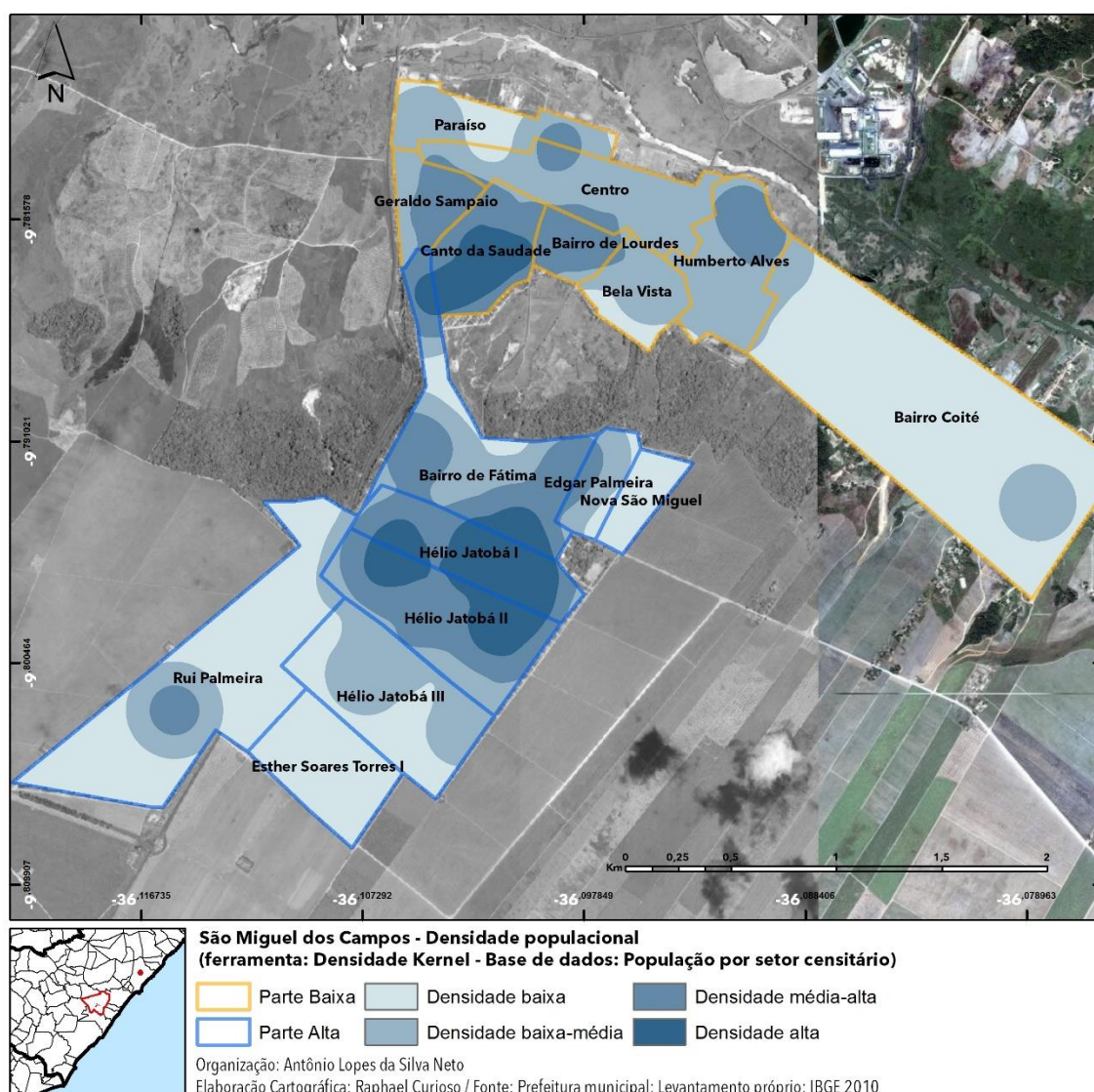
	São Miguel dos Campos		Outros Municípios		Total
	Area Urbana	Area Rural	Area Urbana	Area Rural	
Hélio Jatobá I	1.752	576	4	104	2.444*
Hélio Jatobá II	1.265	144	4	31	1.479
Hélio Jatobá III	1.812	253	1	15	2.083

Organizado pelo autor a partir de ROCHA, 2015.

*Quantidade de famílias e de lotes

Na parte alta da cidade concentra-se a grande maioria da população de São Miguel dos Campos, como observa-se no mapa 5. Os habitantes destes bairros são oriundos da cidade de São Miguel dos Campos, mas também em menor proporção da área rural e de outras cidades da região.

Mapa 5: Densidade Populacional de São Miguel dos Campos



A área central concentra as atividades do comércio, serviços e as áreas residenciais mais nobres. Já a área periférica abriga os novos conjuntos habitacionais. A dinâmica da cidade de São Miguel dos Campos tem impulsionado o surgimento de atividades do circuito inferior da economia tanto na área central como na área periférica, garantindo a obtenção de renda para os trabalhadores inseridos nesse circuito urbano. Rocha (2015), mostra a dinâmica de evolução do espaço urbano de São Miguel dos Campos e aponta que novas atividades, encontradas anteriormente apenas no centro da cidade, se instalam hoje nas periferias.

A cidade de São Miguel dos Campos tem seu núcleo inicial de formação no vale do rio São Miguel e se expandiu para as áreas de tabuleiro, mantendo ainda o seu centro na parte baixa da cidade onde se concentra a maioria dos serviços, no entanto, no que se refere ao comércio, vem ocorrendo uma descentralização, ou seja, uma ampliação do comércio para a parte alta da cidade onde redes de lojas e farmácias (locais e não locais) que antes só se localizavam no centro, agora se concentram em outra área, juntamente com outras lojas e supermercados (ROCHA, 2015, p. 33).

Com a expansão do meio construído, o espaço urbano tornou-se mais complexo. Esta complexização do meio ambiente construído é reveladora das situações de desigualdade e pobreza urbana vivenciadas pela população e que estão presentes em São Miguel dos Campos. O aumento populacional, a expansão da cidade, a pobreza urbana e as necessidades de trabalho são alguns dos nexos que permitem entender o papel do circuito inferior da economia e sua importância para partes significativas de sua população.

1.5- Mercado de trabalho e aumento da pobreza urbana

A partir dos anos de 1990, além de um aumento do desemprego, o Brasil passou a intensificar o processo de precarização do trabalho (SINGER, 1999). Assim, é importante frisar a distinção entre trabalho e emprego, que não são sinônimos. Emprego e trabalho são noções distintas:

O trabalho é uma categoria universal, que designa as atividades humanas e sociais desde sempre. Neste sentido, todo trabalho é trabalho humano. O emprego por sua vez, é uma espécie de formalização capitalista de uma fração de trabalho, o que pressupõe o mercado, a propriedade privada dos meios de produção, o valor de troca. Podemos simplificar dizendo que emprego é o trabalho assalariado (CASTILLO: 1999: 12).

Partindo desse pressuposto, Paul Singer (1999) discute o conceito de emprego. Para ele, emprego implica assalariamento – uma relação que só existe quando alguém, em geral uma firma, compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado, que, por sua vez, se disponibiliza a vender sua força de trabalho⁷. Não estaríamos assim enfrentando no período atual, apenas um processo de desemprego, mas um processo de precarização do trabalho (SINGER, 1999), pois este último reflete mais adequadamente a realidade das condições de trabalho das populações.

Sobre o aumento do desemprego no Brasil bem como em países latino-americanos

[...] o aumento do desemprego se apresenta com gravidade ainda maior, uma vez que, incide sobre um contexto social em que persistem formas tradicionais de superexploração do trabalho, expressas no subemprego e nos baixos rendimentos da população ocupada, as quais convivem com sistemas de proteção social incompletos e desiguais (OLIVEIRA, 2009, p. 131).

⁷ Em primeiro lugar, o fato de que necessita de ocupação, que não é sinônimo de emprego. Este último conceito implica assalariamento – uma relação de emprego só existe quando alguém, em geral uma firma, dá um emprego a alguém. A própria linguagem é enganadora. Não há qualquer *doação*, mas compra e venda. O emprego resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado. Os empresários gostam de falar em *oferta de emprego*, como se o emprego fosse alguma dádiva que a firma faz ao empregado. Na realidade, é o contrário: é o trabalhador que *oferece*, ele que é o vendedor, e a mercadoria não é o emprego mas a capacidade de produzir do trabalhador. A firma empregadora é o comprador, o demandante, e como tal, paga o preço da mercadoria o salário (SINGER, 1999, p. 12).

O estado de Alagoas não se encontra distante dessa dinâmica. Como observa Cícero Péricles de Carvalho (2008) acerca da precarização do trabalho, em Alagoas um conjunto de apenas um quarto do total de pessoas que compõem a mão de obra é absorvido pelo mercado formal de trabalho, isto é, possuem carteira de trabalho assinada.

São Miguel dos Campos perfaz dinâmica semelhante no período atual. A cidade assiste a um significativo crescimento no número de sua população absoluta, uma acentuada modernização agrícola, e em contraponto um aumento do desemprego e da pobreza urbana.

Dos 54.577 habitantes de São Miguel dos Campos, cerca de 58,1% compõe a população economicamente ativa, enquanto que 41,9% compreende a parte da população economicamente ativa desocupada e economicamente inativa (PNUD, 2013). Podemos assim, observar que relevante parcela da população de São Miguel dos Campos se encontrava em 2013 sem trabalho.

De maneira geral, a indústria, os serviços (incluindo administração pública) e o comércio englobam a grande parte da população ocupada em São Miguel dos Campos. A população ocupada por setores encontra-se assim distribuída.

Tabela 4 – São Miguel dos Campos: População ocupada por setores – 2011, 2012 e 2014

Setores	2011	2012	2014
Agropecuária	447	218	424
Comércio	1.447	1.537	1.602
Construção Civil	148	141	334
Indústria	6.810	6.870	3.670
Serviços	3.474	3.535	3.295*

Fonte: Perfil Municipal, 2014, n. 2 (2014) e MTE – Informações para o Sistema Público de Emprego e Renda.

*Inclui prestação de serviços, social e administração pública.

É importante salientar que o número total de trabalhadores formais se reduziu 46,10%, entre 2011 e 2014, na indústria de transformação. Um dos fatores que colaboraram para essa queda foi o fechamento de algumas usinas⁸, como a Usina Roçadinho⁹ que em 2013 demitiu 1.100 trabalhadores.

⁸De acordo com GOMES (2014: 162-165), a crise do setor sucroenergético em Alagoas se agravou mais ainda nos anos 2013 e 2014: A agricultura em Alagoas foi o setor que mais reduziu sua participação na geração de riqueza e renda no estado. Assim, em termos gerais, em 2011, a indústria de transformação contava com 106.881 trabalhadores formais; em 2013, reduziu para 93.938, portanto 12,9 mil postos de trabalho foram fechados. De janeiro a abril do corrente ano, 28,4 mil trabalhadores já foram dispensados. Então, de 2011 ao primeiro quadrimestre de 2014, foram fechados 41 mil postos de trabalho na indústria alagoana.

⁹A usina Roçadinho localizada em São Miguel dos Campos/AL não entrou em operação na safra 2013-2014 e, portanto efetuou demissão de 1.100 trabalhadores. Disponível em: www.blogsdagazetaweb.com.br (Acesso em 20/02/2015)

Os trabalhadores ocupados no mercado “formal” em São Miguel dos Campos, de acordo com dados do Censo Demográfico de 2010 (tabela 5), possui em sua maioria carteira de trabalho assinada. Mas é significativo o percentual de trabalhadores que não possuem carteira de trabalho assinada.

Tabela 5 – Ocupações com e sem carteira em São Miguel dos Campos – 2010

	Números Absolutos	%
Total	9.407	100%
Com carteira	6.302	66,95
Sem carteira	3.105	33,05

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2010

Em 2010, a média de rendimento mensal das pessoas com carteira de trabalho assinada era de R\$ 896,00 contra R\$ 456,67 para as pessoas sem carteira de trabalho assinada. Já os trabalhadores por conta própria recebiam em média R\$ 862,87 (IBGE – Censo Demográfico, 2010).

A carteira assinada bem como outros direitos trabalhistas são resultados de um histórico de lutas travadas pelos trabalhadores do Brasil. A partir da Constituição de 1934, promulgada no governo de Getúlio Vargas, os direitos na legislação trabalhista foram sendo lentamente assegurados, como jornada de oito horas de trabalho, férias e descanso semanal remunerado, proteção ao trabalho do menor e da mulher, entre outras medidas. Desse modo, o trabalhador com carteira de trabalho assinada foi tendo seus direitos assegurados pela legislação até os dias de hoje. É importante lembrar que os direitos conquistados pelos trabalhadores, foram adquiridos inicialmente pelos trabalhadores urbanos, ficando os trabalhadores rurais durante muitos anos à mercê dessas conquistas trabalhistas.

Nesses 81 anos, muitos outros direitos foram incorporados, como o direito licença maternidade, licença doença, acréscimos às horas extras, entre outros. Contudo, a partir da década de 1990, a precarização das relações trabalhistas cresce, com o início do processo de terceirização das atividades meio. Em 1993, a Súmula 331 do Tribunal Superior do Trabalho rege a terceirização no Brasil e restringe essa prática aos serviços de vigilância e limpeza e a funções não relacionadas às atividades fins das empresas. Devido à terceirização das atividades, a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995), milhares de trabalhadores têm contratos precários, que desrespeitam a legislação trabalhista, o que obriga, a entrarem na

justiça do trabalho. No entanto, a legislação trabalhista está ameaçada após a aprovação do PL 4330, pelo congresso nacional, em abril de 2015, que prevê a terceirização das atividades fins.

O aumento do desemprego, assim como a precarização do trabalho, tem implicações diretas nas condições sociais de vida dos habitantes urbanos. Dessa maneira, vemos se agravar as situações de pobreza urbana em São Miguel dos Campos, sobretudo, com a intensificação da desigualdade na distribuição de renda.

Para Milton Santos (2013), “o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza”. Dessa maneira a pobreza urbana pode ser explicada como consequência do processo de modernização capitalista. Em outro momento, o autor afirma que

Nos dias atuais, as cidades tocadas pelo processo de modernização agrícola ou industrial típico do período técnico-científico conhecem um crescimento considerável, ao passo que é nas grandes cidades que se acumulam a pobreza e atividades econômicas pobres [...] (SANTOS, 2009, p. 72-23)

As disparidades salariais e de rendimento da população economicamente ativa de São Miguel dos Campos em 2010, revelam as condições de desigualdades enfrentadas pela população (tabela 6). Os trabalhadores que ganham de até $\frac{1}{2}$ a 2 salários mínimos representam 65,65% da população economicamente ativa que possui rendimentos mensais em São Miguel dos Campos. Menos de 1% da população tem ganhado entre 10 a 20 S.M. (0,58%) e acima de 20 S.M. (0,25%). Há um significativo percentual da população sem nenhum rendimento, estes somam 17,94%.

Tabela 6 – Faixa salarial da população economicamente ativa – 2010

	20.918	100%
Até $\frac{1}{2}$	2.221	10,61
Mais de $\frac{1}{2}$ a 1	5.983	28,60
Mais de 1 a 2	5.658	27,04
Mais de 2 a 5	2.566	12,26
Mais de 5 a 10	559	2,67
Mais de 10 a 20	123	0,58
Mais de 20	54	0,25
Sem rendimento	3.753	17,94

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2010

A diferença dos rendimentos contribui para o desenvolvimento das atividades do circuito inferior, já que as pessoas não têm as mesmas possibilidades de acesso aos diferentes

bens e serviços. Desse modo, os pobres procuram tirar o melhor proveito de sua presença nas cidades (ALMEIDA, 2000, p. 141). O meio ambiente construído permite a atuação dos diferentes tipos de capitais e de trabalho, abrigando milhares de pessoas e de pequenas firmas que necessitam recriar a cada dia novas estratégias, garantia de sua própria sobrevivência.

Sobre as desigualdades de rendimentos obtidos na cidade, Milton Santos (2009c:119) afirma que são duas as consequências dessas disparidades. Grandes aglomerações de diversos tipos e formas de capitais trabalhando juntos (o circuito superior e o circuito inferior) e a alimentação de formas de subemprego e desemprego que garantem e prolongam a presença de capitais não-hegemonizados (as atividades do circuito inferior).

O aumento do valor do salário mínimo é um fator que impulsiona as atividades econômicas. Por sua vez, a valorização do salário mínimo também impulsiona as atividades do circuito inferior da economia urbana. É importante frisar que existem 3.753 pessoas da população economicamente ativa sem rendimentos em São Miguel dos Campos. Essa parcela da população encontra refúgio para sobreviver no circuito inferior da economia, visto que os pobres, ou mesmo os socialmente excluídos se sustentam por meio de ocupações precárias (SINGER, 1999, p. 14). De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD (2013), em 2010, 45,86% de pessoas de 18 anos ou mais sem o ensino fundamental completo estavam em ocupação “informal”, em São Miguel dos Campos.

Em 2010, 57,23% da população de São Miguel dos Campos/AL se encontravam vulneráveis à pobreza (PNUD, 2013). Não obstante “a associação entre desemprego e baixas remunerações é determinante para o processo atual de produção da pobreza” (OLIVEIRA, 2009, p. 128), o que nos faz constatar que em São Miguel dos Campos, estamos diante de uma pobreza estrutural¹⁰ (SANTOS, 2000).

Dessa maneira é possível indagar-se, como sobrevivem, onde e como trabalham o percentual de população economicamente ativa desocupada e economicamente inativa de São Miguel dos Campos? Onde os pobres e desempregados encontram refúgio para obtenção de renda? Como pretendemos demonstrar, acreditamos que o circuito inferior da economia urbana de São Miguel dos Campos absorve esta parcela da população.

¹⁰Para Milton Santos os países subdesenvolvidos conheceram três formas de pobreza: a pobreza incluída (apresentada como um acidente natural ou social), a marginalidade (quando era admitida a possibilidade de sua correção pois os pobres eram considerados marginais, produzidos pela divisão do trabalho nacional ou interna) e a pobreza estrutural (esta é resultado da convergência de causas que se dão em diversos níveis, resultado necessário do presente processo, uma pobreza pervasiva, generalizada, permanente, global).

CAPÍTULO 2

**A RACIONALIDADE ECONÔMICA DO CIRCUITO INFERIOR: A
ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES**

2.1- A racionalidade do circuito inferior da economia urbana

Milton Santos (2008 [1979]:53) questionava os estudos que privilegiam uma análise dualista da economia a partir da abordagem de setor formal e informal, termos que se consagraram e são usados nas análises de diversos especialistas até os dias atuais. O setor formal era e ainda é visto como aquele que cria “*ações eficientes e racionais*”. O setor informal corresponderia “*a um conjunto inarticulado de ações arcaicas, irracionais e ineficientes*”. Essa visão é eivada de preconceitos.

[...] se alguém de outra sociedade toma uma decisão diferente da nossa, é porque provavelmente tem uma hierarquia de valores e prioridades diferentes e não porque o seu comportamento é irracional ou errado (SANTOS, 2008 [1979]:53 apud Wilkinso, 1973: 198)

Para Milton Santos (2008 [1979]) as atividades do chamado ‘setor informal’ que abriga os pobres funcionam segundo uma lógica e, portanto, são ações tão racionais quanto aquelas inseridas no dito setor formal. É a partir dessas premissas que Milton Santos propõe a teoria dos dois circuitos da economia urbana – o circuito superior e inferior. O autor argumenta que o mercado é único, porém, segmentado. É essa segmentação do mercado que possibilita analisar o funcionamento da economia urbana.

A economia chamada informal tem como representação maior o comércio de ambulantes e camelôs, e não é com apenas duas categorias que haverá a compreensão do funcionamento da cidade. Visto que a cidade abrange

“Uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferença quantitativa e qualitativa no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços”. (SANTOS, 2004:37)

A racionalidade econômica esteve presente em distintos modos de produção. Segundo Maurice Godelier (1970, p. 28), muitos foram levados a crer que, “o reino da razão começa,

[...] com o aparecimento do capitalismo”. Mas, contrapondo-se a essa assertiva, “outros autores, pelo contrário, tentam apresentar o princípio da racionalidade, não como um dado intemporal, mas como o produto da História” (GODELIER, 1970, p. 27). Dessa maneira a racionalidade não surgiria com o capitalismo, mas com este sistema emerge uma racionalidade econômica hegemônica (OLIVEIRA, 2009)

Pensar a racionalidade na economia, é tarefa que exige o entendimento das razões que motivam o surgimento e a existência de uma atividade econômica. Dessa maneira, não é possível avançar na compreensão da economia sem uma definição do econômico e esta definição, não pode ser formal (GODELIER, 1970). Em virtude das limitações da abordagem das teorias formais. Para o autor,

O econômico se apresenta como uma realidade social complexa porque é um campo particular de atividade voltada para a produção, a repartição e o consumo de objetos materiais e é, ao mesmo tempo, pelos mecanismos desta produção, desta repartição e deste consumo, um *aspecto particular* de todas as atividades não-econômicas. (GODELIER, 1970, p. 35)

Dessa maneira, toda e qualquer ação ou atividade dirigida possui aspecto econômico em virtude do seu conteúdo, sobretudo “se sua realização implica direta ou indiretamente o emprego de meios materiais” (GODELIER, 1970, p. 35). Não podendo assim, em hipótese alguma declarar irracional uma atividade econômica por mais simples que se apresente a sua atuação. Pois, “para poder-se rotular uma ação humana de irracional, é preciso estar em condições de provar que essa ação não possui um objetivo permanente nem um comportamento suficientemente firme para resultar em normas efetivas” (SANTOS, 2009c, p. 67).

No caso do circuito inferior, seu funcionamento é dotado de uma racionalidade perfeita (SANTOS, 2008 [1979], p. 260), uma dinâmica própria. Dada esta compreensão Santos (2009c) assevera que

O circuito inferior da economia urbana constitui um mecanismo permanente de integração que oferece um número máximo de oportunidades de emprego com um volume mínimo de capital. Esse circuito corresponde exatamente às condições gerais de emprego e disponibilidade de dinheiro, assim como às necessidades de consumo de uma importante fração da população (SANTOS, 2009c, p. 67)

As atividades que formam o circuito inferior da economia urbana atendem e respondem a uma lógica efetivamente racional que é ao mesmo tempo econômica, social e política (SANTOS, 2009c, p. 68). Assim, poderíamos concordar que “não há racionalidade em si nem racionalidade absoluta. O racional de hoje pode ser irracional amanhã, o que é racional para uma sociedade, pode ser irracional para outra. Enfim, não há racionalidade exclusivamente econômica” (GODELIER, 1970, p. 392)

A cidade comporta inúmeras racionalidades, ou melhor, como nos lembrou Milton Santos (2009a), a cidade engloba tanto as “racionalidades” quanto as “contra-racionalidades”¹¹. Assim é possível constatar a racionalidade do circuito inferior, no âmbito de sua organização, nas razões do surgimento de suas atividades e na dinâmica de seu funcionamento.

No entanto, convém ressaltar que os domínios da racionalidade da economia hegemônica foram tomados como única racionalidade existente e possível, todavia, “a racionalidade hegemônica não é, de fato, a única racionalidade presente no meio urbano”, mas ocorre que os atores hegemônicos querem impor a racionalidade hegemônica econômica como a “única válida” (OLIVEIRA, 2009, p. 135).

Portanto, dentro dessa perspectiva que divide o mundo em formal e informal, o circuito inferior da economia para muitos é visto como algo que desregula e interfere na economia a ponto de trazer prejuízos para o comércio, pois as pessoas deixam de consumir no mercado “formal” para consumir no circuito inferior devido aos preços. Desse modo, é importante lembrar que o mercado é segmentado tanto quanto o espaço. Os mais pobres e parcelas da classe média buscam satisfazer suas necessidades de consumo no circuito inferior da economia.

A análise do funcionamento do circuito inferior e seu dinamismo em São Miguel dos Campos permite entender a proliferação das micros e pequenas empresas, o surgimento do transporte intraurbano e a importância da feira livre que dependem das condições gerais de uso da fração de território em que se instalam. Dessa maneira, a organização e as características

¹¹ Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se de um ponto de vista dos atores não beneficiados, falar de irracionalidades, isto é, de produção deliberada de situações não-razoáveis. Objetivamente, pode-se dizer também que, a partir dessa racionalidade hegemônica, instalam-se paralelamente contra-racionalidades. Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais “opacas”, tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente. O que muitos consideram, adjetivamente, como “irracionalidade” e, dialeticamente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo (SANTOS, 2009a, p. 309)

gerais das atividades estudadas revelam a racionalidade e o dinamismo próprios do circuito inferior.

2.2- Micros e pequenas empresas de serviços e comércio e a expansão do circuito inferior da economia urbana

As micros e pequenas empresas vêm ganhando relevante importância no cenário socioeconômico do país e a grande maioria delas pertencem ao circuito inferior da economia urbana.

As micros e pequenas empresas são citadas no relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (2003) como “*colchão amortecedor do desemprego*”, pois são consideradas uma alternativa de ocupação para aqueles que estão excluídos do mercado formal de trabalho. Muitas são criadas para gerar trabalho e renda para aqueles expulsos do mercado de trabalho e/ou para aqueles que foram excluídos permanentemente. A partir da década de 1980, um conjunto normativo incentiva esse tipo de empreendimento. Entre os quais destacamos:

- A lei a implantação do primeiro Estatuto da Microempresa, Lei nº 7.256 de 27 de novembro de 1984;
- A inclusão das micros e pequenas empresas na Constituição Federal de 1988 (Artigo 179 do capítulo da Ordem Econômica);
- A transformação, em 1990, do Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa - CEBRAE -, criado em 1972, em Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, com funções mais amplas;
- Na década de 1990, a criação de linhas especiais de crédito no BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil;
- Lei nº 9.317 de 5 de dezembro de 1996, que instituiu o Sistema Integrado de Pagamentos de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte - SIMPLES;
- Lei nº 9.841 de 5 de outubro de 1999, que instituiu o Estatuto da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; e o estabelecimento de um Fórum Permanente das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte.

No âmbito institucional, micros e pequenas empresas também registraram avanços significativos. Fortaleceram-se a partir de entidades criadas pelo associativismo, o que permitiu um maior e melhor diálogo com o governo e demais instituições. Podemos citar o Sindicato das Micro e Pequenas Empresas da Indústria - SIMPI, o Sindicato das Micro e Pequenas Empresas do Comércio - SIMPEC, a Associação Nacional dos Sindicatos das Micro e Pequenas Empresas da Indústria - ASSIMPI e a Associação Nacional dos Sindicatos das Micro e Pequenas Empresas do Comércio - ASSIMPEC.

Atualmente, o SIMPI e o SIMPEC possuem representações em várias unidades da federação (SEBRAE, 2007). Estes órgãos institucionais denotam a organização e a importância das micros e pequenas empresas¹² no Brasil.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, as MPEs são caracterizadas por atividades econômicas desenvolvidas com baixa intensidade de capital, altas taxas de natalidade e de mortalidade: demografia elevada, forte presença de proprietários, sócios e membros da família como mão-de-obra ocupada nos negócios, poder decisório centralizado, estreito vínculo entre os proprietários e as empresas, não se distinguindo, principalmente em termos contábeis e financeiros, pessoa física e jurídica, registros contábeis pouco adequados, contratação direta de mão-de-obra, utilização de mão-de-obra não qualificada ou semiquificada, baixo investimento em inovação tecnológica, maior dificuldade de acesso ao financiamento de capital de giro e relação de complementaridade e subordinação com as empresas de grande porte (IBGE, 2003). A partir das características supracitadas, é importante ressaltar que a totalidade das micros e pequenas empresas não integra o circuito inferior da economia urbana. Existem micros e pequenas empresas com alto grau de tecnologia e grande lucratividade, integrando assim o circuito superior marginal e por vezes o circuito superior propriamente dito. No entanto, esta é uma realidade distante das micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos, cujas MPE's integram em quase sua totalidade o circuito inferior.

¹²Não há uma definição unânime para micro e pequenas empresas por parte de órgãos e instituições governamentais e financeiras. Buscamos assim compreender o que caracteriza os micro e pequenos negócios no Brasil. De acordo com a Lei 9.841, de 05 de outubro de 1999, as micro empresas são aquelas que possuem receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 244 mil reais, enquanto que as empresas de pequeno porte tem uma receita que varia de 244 mil a 1,2 milhão de reais (SEBRAE: 2007).

Para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE, o que caracteriza um empreendimento como micro ou pequeno, não é o rendimento médio anual, mas a sua capacidade de ocupação de mão de obra. São micro empresas de acordo com este órgão, aquelas que possuem até 9 pessoas e empresas de pequeno porte as que ocupam de 10 a 49 pessoas nos postos de trabalho.

As micros e pequenas empresas desempenham papel importante no conjunto da economia, visto que os pequenos negócios são responsáveis pela criação de uma infinidade de ofícios e garantia de consumo para grande parte da população urbana. Para Eliza Almeida (2000) “as firmas menores são responsáveis pela geração de um grande número de postos de trabalho em virtude do próprio nível organizacional e tecnológico dessas empresas” (ALMEIDA, 2000, p. 105-106).

A evolução das MPes em Alagoas está diretamente ligada à expansão do circuito inferior, já que essas atividades são desenvolvidas com reduzidas quantidades de capitais (tabela 7).

Tabela 7 - Evolução das Micros e Pequenas Empresas em Alagoas e no Brasil

	2007	2010	2015
Alagoas	44.111	66.425	143.327
Brasil	5.348.212	7.456.418	14.591.248

Fonte: IBPT – Empresômetro, 2015
Organizado pelo autor

De acordo com os dados abordados na tabela, o número absoluto das micros e pequenas empresas, mais que dobrou em Alagoas e no Brasil no período entre 2007 e 2015. Porém as taxas de crescimento das micros e pequenas empresas em Alagoas têm sido superiores ao do país. Em Alagoas o crescimento das micros e pequenas empresas alcançou o percentual de 50,58%. Foram criadas 22.314, entre 2007 a 2010. Já no Brasil, no mesmo período o crescimento foi de 39,41%, com o acréscimo de 2.108.206 novas empresas. Entre 2010 e 2015, a taxa de crescimento foi de 115,77% para Alagoas, ficando novamente acima da taxa de crescimento do Brasil, que foi de 95,68% para o mesmo período.

Pensamos que o processo de expansão, bem como o ritmo do crescimento das micros e pequenas empresas são importantes elementos para entendermos o dinamismo do circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos.

Atualmente, micros e pequenas empresas desempenham um papel fundamental na economia, tanto no que se refere à geração de renda (para proprietários e empreendedores) quanto na geração de trabalho para o pessoal ocupado nesta atividade. Em São Miguel dos Campos, do total de empresas instaladas no município, o maior percentual é de micros e pequenas empresas. Processo semelhante ao que ocorre em Alagoas e no Brasil (tabela 8).

Tabela 8 - Participação das MPEs na quantidade total de empresas – São Miguel dos Campos – Alagoas - Brasil

	MPEs	%	Médias e Grandes Empresas	%	Total	%
São Miguel dos Campos	2.869	94,7%	159	5,3%	3.028	100%
Alagoas	143.327	94,3%	8.675	5,7%	152.002	100%
Brasil	14.591.248	93%	1.959.611	7%	16.550.859	100%

Fonte: IBPT - Empresômetro, 2015
Organizado pelo autor

As micros e pequenas empresas no território de São Miguel dos Campos expandiram-se de maneira significativa no intervalo entre 2007 e 2015. Já as médias e grandes estiveram abaixo das médias estadual e nacional.

Tabela 9 - Evolução das Micros e Pequenas Empresas e participação no número total de empresas em São Miguel dos Campos/AL

	MPEs	%	Médias e Grandes Empresas	%	Total de Empresas
2007	857	90,3	92	9,7	949
2008	942	91,1	92	8,9	1.034
2009	1.048	91,7	95	8,3	1.143
2010	1.254	92,7	99	7,3	1.353
2011	1.526	93,7	102	6,3	1.628
2012	1.898	94,5	105	5,5	1.793
2013	2.139	95,1	111	4,9	2.250
2014	2.513	95,3	124	4,7	2.637
2015	2.869	94,7	159	5,3	3.028

Fonte: IBPT - Empresômetro, 2015
Organizado pelo autor

De maneira geral, o município de São Miguel dos Campos assistiu nesse período, o crescimento de 219,07% das empresas independente do porte. A taxa de crescimento dos micro empreendimentos alcançou 234,77% entre 2007 e 2015, enquanto que as médias e grandes empresas cresceram 72,72%. Para Montenegro (2006) a expansão de atividades realizadas com tecnologia e capital reduzidos, como no caso das micros e pequenas empresas, aponta o dinamismo desses empreendimentos.

Entre as médias e grandes empresas houve uma diminuição no percentual de participação no total de empresas ativas no município. Estas empresas representavam 9,7% do total de empresas ativas em 2007. Porcentagem que caiu para 5,3% em 2015. Em contraponto, as MPE's passaram de 90,3%, em 2007 para 94,7% em 2015.

No Brasil, as principais MPEs atuam no setor de comércio e serviços. Das 16.550.859 de micros e pequenas empresas existentes no Brasil, 45,7% corresponde a micros e pequenos negócios de serviços, 44,2% compreendem microempresas do setor de comércio, 8,2% indústria e 1,9% agronegócio (IBPT, 2015). Em São Miguel dos Campos, as principais micros e pequenas empresas concentram-se nas atividades de comércio e serviço. As micros e pequenas empresas estão localizadas tanto nas áreas centrais quanto nos bairros distantes do centro (imagem 2 e 3), o que lhes conferem diferenciações quantitativas e qualitativas.

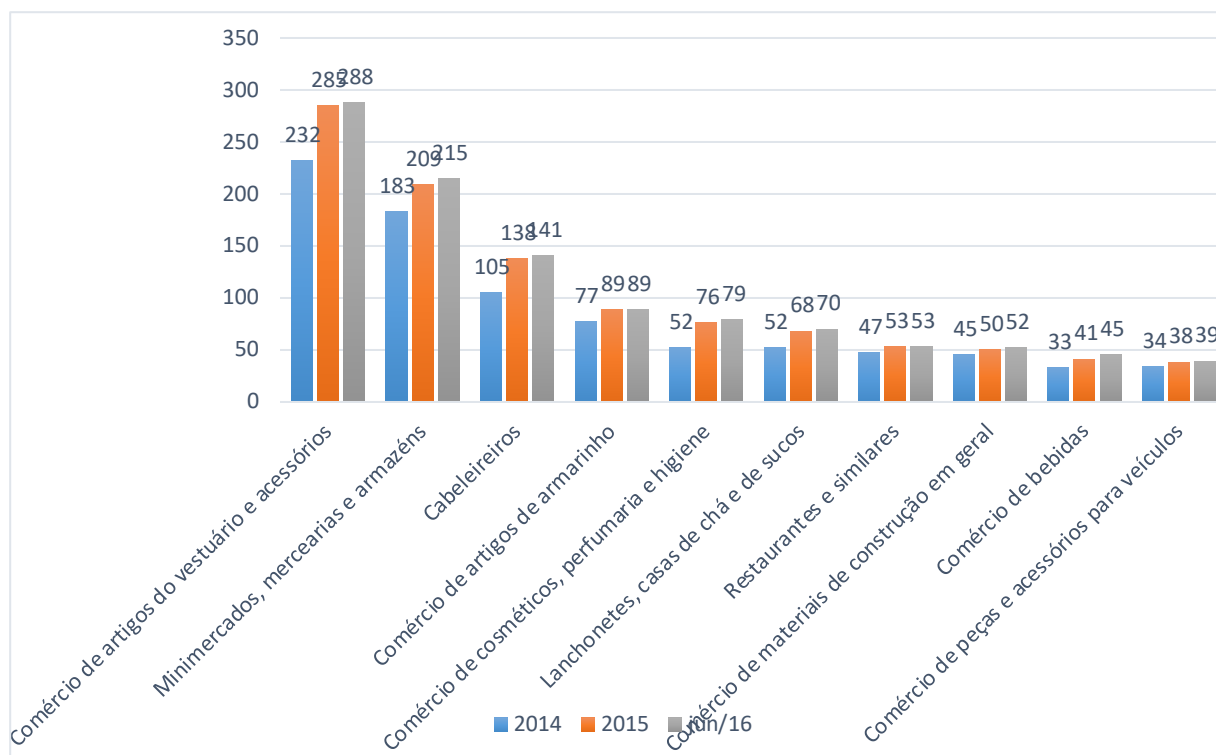
Imagem 2: Micros e pequenas empresas localizadas nas áreas centrais (Ruas Barão de Jequiá e Visconde de Sinimbu)

Imagem 3: Micros e pequenas empresas localizadas no bairro Hélio Jatobá I (Avenida Francisco Jatobá)



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Gráfico 2: Principais micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos/AL



Fonte: Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação-IBPT
Organizado pelo autor

Como mostra o gráfico 2 do total de MPEs em 2016, do total de micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos, 9,93% corresponde ao comércio de artigos do vestuário e acessórios, seguidas por minimercados, mercearias e armazéns (7,41 %), cabeleireiros (4,86%), comércio de artigos de armarinho (3,07%), comércio de cosméticos, perfumaria e higiene (2,72%), lanchonetes, casas de chá e de sucos (2,41%), restaurantes e similares (1,83%), comércio de materiais de construção em geral (1,79%), comércio de bebidas (1,55%) e comércio de acessórios de veículos (1,34%).

As taxas de crescimento das principais micros e pequenas empresas de São dos Campos, entre 2014 e 2015, em todas as categorias tiveram incremento significativo (tabela 10).

Tabela 10: Crescimento das principais MPE's de São Miguel dos Campos – 2014-2015

MPE's	(%)
Comércio de artigos do vestuário e acessórios	22,84
Minimercados, mercearias e armazéns	14,21
Cabeleireiros	31,43
Comércio de artigos de armarinho	15,58
Comércio de cosméticos, perfumaria e higiene	46,15
Lanchonetes, casas de chá, de sucos	30,77
Restaurantes e similares	12,77
Comércio de materiais de construção em geral	11,11
Comércio de bebidas	24,24
Comércio de peças e acessórios para veículos	11,76

Fonte: Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação-IBPT
Organizado pelo autor

Não podemos esquecer as novas variáveis que permeiam o funcionamento das micros e pequenas empresas na atualidade. A contribuição do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE, tem sido significativo para a organização das microempresas¹³ (SEBRAE, 2014). Tanto no que concerne aos treinamentos ofertados quanto aos incentivos concedidos aos microempreendedores. Estes incentivos dizem respeito, sobretudo ao acesso ao crédito pelas MPEs via processo de “formalização”.

Como lembram Lorga e Opuska (2015), é no primeiro mandato do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), mais especificadamente a partir de 2003 que as políticas públicas voltadas às micros e pequenas empresas obtiveram maior impulso. Entre os principais incentivos concedidos, temos o microcrédito¹⁴, que ajuda a potencializar suas ações. O Estado tem um papel fundamental na dinâmica do uso do território pela economia urbana como nos lembra Silveira (2010, p. 2) quando ressalta que no jogo desigual entre agentes

¹³ Entre os programas criados para auxiliar as micros e pequenas empresas citamos o Programa de Microcrédito Produtivo Orientado – CREDAMIGO, Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos – FINAME, Programa de Microcrédito do BNDS, Programa de Geração de Emprego e Renda do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, Conselho Deliberativo do Fundo de Assistência ao Trabalho – CODEFAT, Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado – PNMPO e o Programa de Crédito Orientado aos Novos Empreendedores – PCONE. Para exemplificar, em 2015 o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado – PNMPO atendeu um número equivalente a 2.487.320 milhões de micros e pequenas empresas, direcionando para estas cerca de 5.440.785,779 bilhões de reais. No intervalo entre 2008 e 2015 foram atendidos 25.487.794 milhões de MPEs e concedidos 45.000.223.517,24 bilhões de reais de investimentos nas microempresas.

¹⁴ Os bancos que oferecem linhas de créditos para as micros e pequenas empresas são Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDS, Banco do Brasil, Banco do Nordeste e Caixa Econômica Federal (LORGA e OPUSKA: 2015).

no uso do território, o Estado é uma mediação fundamental. Daí a importância do microcrédito para as atividades das micros e pequenas empresas.

David Harvey (2011) sustentou que as micros e pequenas empresas passaram a receber um novo tratamento no período atual. A partir de novas variáveis em seu dinamismo, estes pequenos empreendimentos foram incorporados à lógica de acumulação do capital. De acordo com o autor

Nos últimos anos, por exemplo, o que era chamado de “setor informal” no idioma oficial das instituições internacionais (e, portanto, de alguma forma fora da lógica da acumulação do capital) foi redefinido como um mundo de “microempresa”. O destino dessas empresas é então ligado ao do capital pela ampliação do microcrédito e das microfinanças. Esses esquemas estendem pequenas quantidades de crédito (com taxas muito altas de juros) a coletivos (geralmente um pequeno grupo de mulheres) dentre os 2 bilhões de pessoas que vivem com menos de 2 dólares por dia. O objetivo alegado é permitir à população sair da pobreza e participar do alegre, negócio da acumulação do capital. Alguns conseguem, mas para o resto isso significa os grilhões da dívida (HARVEY: 2011:121).

Os microcréditos direcionados às MPEs, embora façam voltar os capitais para a acumulação no circuito superior, têm outra função que merece atenção em nossa análise. Aumentam a potencialidade de atividades do circuito inferior da economia urbana. Com o microcrédito as MPEs podem atender a novas demandas, ao mesmo tempo em que aumentam sua capacidade de ocupação. No entanto, suas ações estão limitadas aos lugares onde se instalam, dada a sua limitação econômica e política.

O poder público precisaria dar maior atenção às atividades do circuito inferior da economia. Como veremos, essas atividades têm um papel fundamental na economia local, gerando renda e trabalho, mas também, articulando os mais diversos tipos de serviços e comércios, impulsionando o mercado imobiliário, além de gerar receitas para o próprio município.

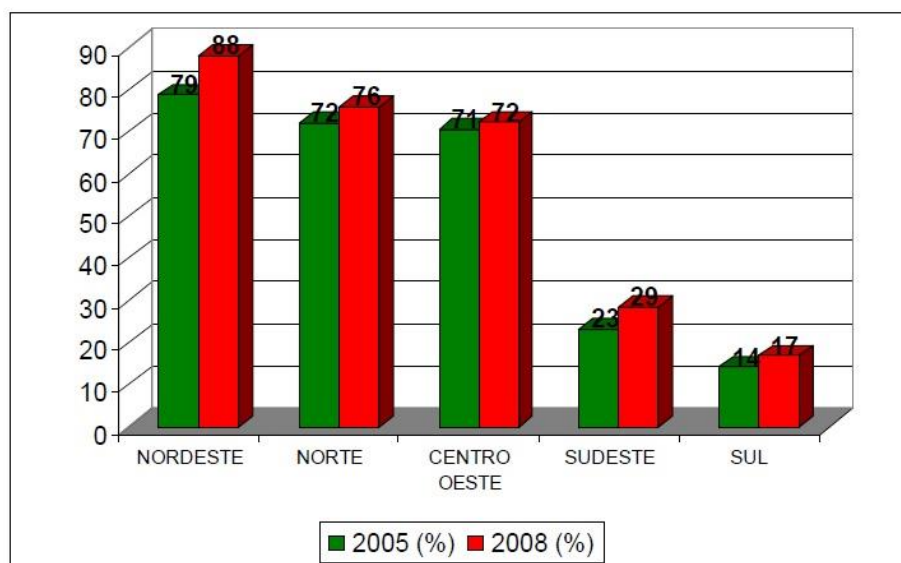
2.3- Circuito inferior e mobilidade urbana: moto-táxis, vans e ônibus do transporte intraurbano

Com a expansão urbana pela qual passou São Miguel dos Campos, o transporte tornou-se um dos principais problemas enfrentados cotidianamente pela população da cidade. O poder público municipal não tem investido na ampliação do transporte coletivo o que afeta grande parte dos moradores de São Miguel dos Campos que dependem desse tipo de transportes para se locomover. A ausência e/ou precariedade dos serviços de transportes oferecidos pelo poder público municipal abriram possibilidade para a proliferação das atividades dos moto-taxistas, das Vans que concorrem com a Transportadora de Passageiros Miguelense - TRANSPAM, em São Miguel dos Campos.

A atividade de moto-taxistas compreende a prestação de serviço de transporte de passageiros com o uso de motocicleta nos centros urbanos. Esta atividade surge no Brasil por iniciativa popular, pautada, de um lado, na necessidade de gerar trabalho para aquela parcela excluída do mercado de trabalho formal e, de outro lado, para solucionar os problemas de mobilidade urbana. De acordo com Oliveira (2009), o serviço de moto táxi estava amplamente difundido em todo território nacional, presente em aproximadamente 52% dos municípios. Com destaque para os municípios com população entre 50 e 100 mil habitantes que comportavam um percentual de 69% do total de atuação da atividade no Brasil.

Entre 2005 e 2008, o Nordeste foi a região do país que mais aumentou a quantidade de moto-taxistas (gráfico 3). Esta ampliação foi em cerca de 9%. Percentual superior ao Sudeste e ao Sul, por exemplo, cujo aumento foi de 6% e 3%.

Gráfico 3: Brasil: percentual de municípios com presença do serviço de Moto Táxi por Macrorregião, 2005-2008



Fonte: IBGE, Perfil dos Municípios 2008

Em Alagoas, de acordo com o IBGE (2012), em 2012 o serviço de moto-táxis já estava difundido em 92 dos 102 municípios do estado, ou seja, em 90,19% dos municípios alagoanos.

A mobilidade urbana, isto é, a necessidade de locomoção da população na cidade “tem como causa a crescente separação geográfica entre os diversos lugares de atividade e os lugares de residência” (GEORGE, 1983 *apud* OLIVEIRA 2009, p. 160). O surgimento da atividade de moto-taxistas em São Miguel dos Campos tem relação direta com a necessidade de mobilidade urbana da população dos bairros pobres e distantes, sobretudo os bairros surgidos recentemente, resultado do processo de expansão urbana. Não obstante, as necessidades de trabalho e renda por parte da população têm igualmente relação com o surgimento desta atividade de transporte urbano.

Em São Miguel dos Campos, o consumo de motocicletas, como demonstra a tabela 11, entre 2005 a 2014, cresceu, 158,26%.

A difusão da atividade de moto-taxistas em São Miguel dos Campos se deve a convergência de três processos apresentados por Oliveira (2009:160): o desemprego, as baixas remunerações e a mobilidade no meio urbano, e graças a facilidade de crédito, o consumo de motocicletas incentivou a atividade de moto-taxistas na cidade.

Tabela 11: Evolução da frota de motocicletas em São Miguel dos Campos-AL – 2005 a 2014

	2005	2006	2007	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Motocicleta	1.639	1.161	1.376	2.047	2.399	2.904	3.462	3.881	4.233

Fonte: IBGE – Cidades 2005, 2006, 2007, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

Organizado pelo autor

É interessante notar que o crescimento de motocicletas incentivou a instalação de lojas especializadas em venda de peças, acessórios e consertos de motocicletas em São Miguel dos Campos. A instalação dessas lojas tem relação direta com a expansão das motocicletas. Em 2007, eram nove lojas e, em 2015, já haviam 23 lojas voltadas para o comércio de motos de acordo com o Sebrae (2015). Conforme o Empresômetro (IBPT, 2015), até de 2007, não existiam serviços de manutenção e reparação de motocicletas e, em 2015, eram 4. Esse é um dado importante porque mostra que o circuito inferior interfere no dinamismo local.

A partir desse contexto, em 2003, os motoqueiros que realizam o transporte urbano de passageiros criam a Associação dos Moto-taxistas de São Miguel dos Campos¹⁵, com 80 motoqueiros, hoje são 244, atuando em 11 pontos estratégicos na cidade (imagem 4). Convém lembrar que a data da fundação da associação de São Miguel é anterior a promulgação da lei que regulamentou a atividade no Brasil.

Imagem 4: Ponto de atuação dos moto-taxistas no centro da cidade



Fonte: Trabalho de campo, 2015

¹⁵ É importante ressaltar a capacidade de organização e de representação social e política dos agentes hegemônicos do circuito inferior da economia urbana no que concerne a criação de associações (como no caso da associação dos moto-taxistas e da associação de transporte autônomo de São Miguel dos Campos). A partir dessas organizações os associados buscam e adquirem junto ao poder público e outros melhores condições de execução de seu trabalho.

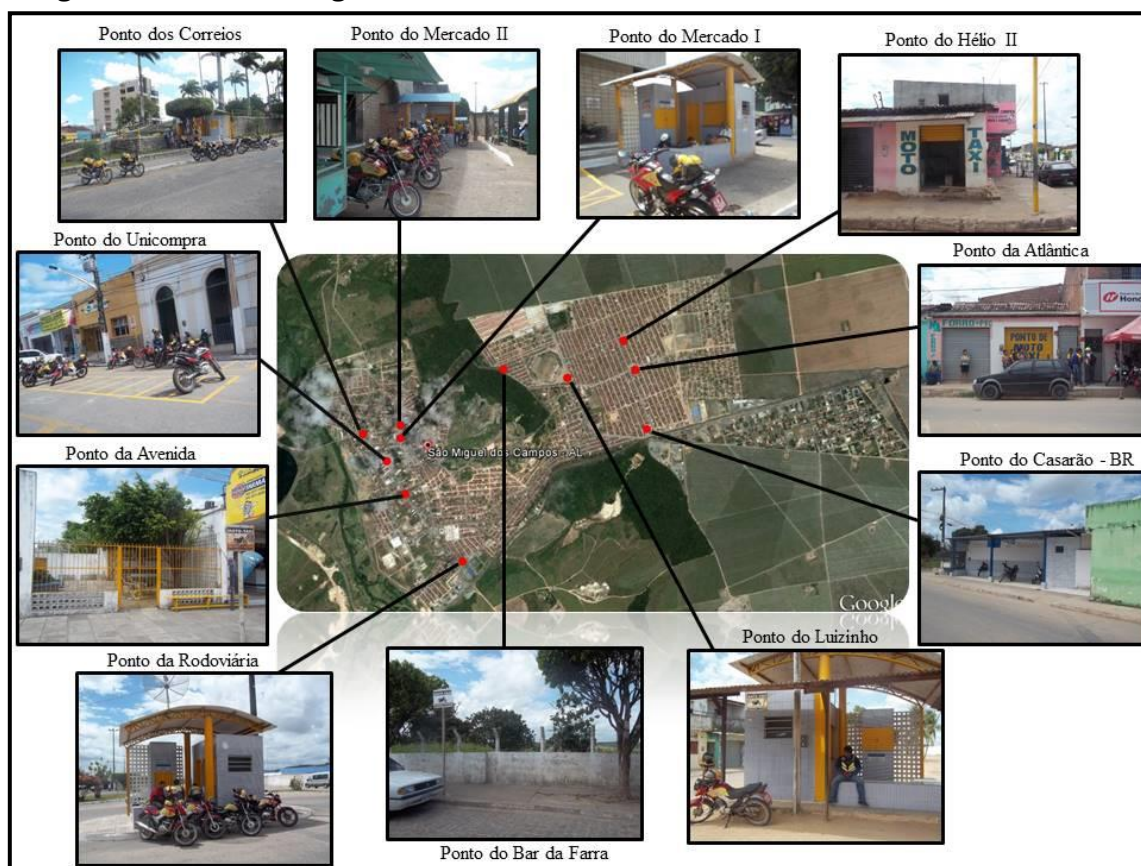
Nesse período em que surgiu a atividade de moto-taxista, apenas táxis faziam o transporte intraurbano de passageiros. Os taxistas cobravam uma tarifa de R\$ 3,00 por passageiro transportado. Não usavam o taxímetro para realizar as corridas no município. Contudo, os passageiros consideravam o valor elevado, o que incentivou o surgimento das atividades dos moto-taxistas que começaram a prestar serviço de mobilidade urbana à população de bairros distantes do centro por preço mais acessível. Isso revela a lógica do circuito inferior, que está atento às oportunidades surgidas nos lugares.

Como o capital e a tecnologia não são os principais fatores, a organização e as estratégias da associação são determinantes para caracterizar as formas de uso do território por meio desta atividade¹⁶. Podemos assim, afirmar que o uso do território pela associação se deu a partir da implantação de pontos estratégicos onde grupos de moto taxistas passaram a atuar.

A associação segue as determinações da Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte-SMTT de São Miguel dos Campos no que concerne a distribuição dos pontos dos moto-táxis.

¹⁶O território não é usado apenas pelos agentes hegemônicos-dominantes. Gottmann (2012) sustenta que o território além de *recurso* é igualmente *abrigo*. Assim, o território também abriga os agentes não-hegemônicos. Os indivíduos do cotidiano do lugar, utilizam igualmente o território de acordo com os suas necessidades.

Imagem 5: Pontos estratégicos dos moto-taxistas



Fonte: Google Earth (acesso em 12/12/14) e Trabalho de Campo (2014).
Organizado pelo autor.

Os moto-taxistas trabalham em 11 pontos: Ponto dos Correios - localizado na entrada da cidade; Ponto do Unicompra, os motoqueiros desse ponto além de realizar o transporte de passageiros, efetuam a entrega de mercadorias; Ponto da Avenida; Ponto I do Mercado; Ponto II do Mercado; Ponto da Rodoviária; Ponto do Casarão às margens da BR 102; Ponto da Atlântica; Ponto do Hélio; Ponto do Luizinho; Ponto do Bar da Farra (imagem 5).

De acordo com o presidente da associação, a distribuição dos motoqueiros nos pontos estratégicos se dá pela capacidade que cada ponto tem em demandar serviços para todos os motoqueiros.

Os pontos são geralmente construídos nas principais avenidas, onde ocorre um maior fluxo de pessoas e maior concentração de atividades comerciais, como pequenas lojas e a feira livre da cidade por exemplo. Aqui reside aspectos da racionalidade do circuito inferior da economia urbana, os moto-táxis desenvolvem sua atividade de transporte urbano a partir de estratégias.

Durante e depois do processo da distribuição dos moto-taxistas nos pontos de atuação, inúmeros conflitos e disputas se estabelecem entre os motoqueiros do grupo objetivando a permanência em pontos mais movimentados, ou seja, os localizados no centro. Os conflitos e disputas não ocorrem apenas entre os motos-taxistas da associação. De acordo com o presidente da associação aproximadamente 80 motoqueiros realizam transporte de passageiros de forma “ilegal”, pois não são associados. Dessa maneira a associação não os reconhece como trabalhadores do transporte de passageiros na cidade. Silva (2012:291) sobre os agentes do circuito inferior, sustenta que “*dessa complexidade de atores o conflito é evidente*”. É importante salientar, portanto, que o conflito dos moto-taxistas com os motoqueiros não associados revela a existência da noção de ilegalidade entre os agentes do circuito inferior.

No contexto de seu surgimento, o trabalho de moto-táxi foi considerado “ilegal”, por não haver um aparato normativo que regulamentasse a atividade. No entanto, o serviço foi devidamente reconhecido¹⁷, com a promulgação da Lei nº 12.009, de 29 de julho de 2009.

De modo geral, as atividades do circuito inferior da economia são vistas ainda como ilegais, informais e irracionais (SANTOS: 2009 [1978]). Os equívocos em relação ao circuito inferior advêm de uma visão parcial e preconceituosa sobre o funcionamento de atividades econômicas de pequena dimensão e pela falta de conhecimento sobre a importância desse circuito, na geração de trabalho para importantes camadas da sociedade brasileira. Como já vimos, o circuito inferior funciona e organiza-se a partir de uma lógica, portanto, é portador de uma racionalidade¹⁸, que é distinta da racionalidade do circuito superior. O circuito inferior existe, também, porque é relevante no dinamismo local como mostraremos em relação às atividades de moto-taxistas.

¹⁷ Foi no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que foi promulgada a lei nº 12.009, de 29 de Julho de 2009 que regulamentou o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, “mototaxista”, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112009.htm (acesso em 14/12/14)

¹⁸ Discorrendo acerca da noção de informalidade e irracionalidade atribuídas ao circuito inferior Milton Santos assevera que “para poder-se rotular uma ação humana de irracional, é preciso estar em condições de provar que essa ação não possui um objetivo permanente nem um comportamento suficientemente firme para resultar em normas efetivas” (SANTOS, 2009 [1978] p. 67).

As características apresentadas por Keith Hart (1973, p. 5) considerando-o como “informal” – uma existência baseada no dia a dia, marcada pela irregularidade das despesas em função dos pagamentos, flexibilidade do consumo e proliferação do crédito – constituem, ao contrário, o início a racionalidade desse circuito econômico, que encontra os princípios que governam seu mecanismo dentro de uma economia capitalista global cuja lógica permanece a mesma, embora apareça sob diferentes formas em cada subsistema (SANTOS: 2009 [1978]:68).

As formas de organização dos moto-taxistas revelam as múltiplas racionalidades do circuito inferior. A associação segue todos os pré-requisitos do Conselho Nacional de Trânsito- CONTRAN e a Lei Nacional que regulamentou a atividade de moto-taxista, quando se trata de inserir ou desmembrar um associado. Os associados precisam obter carteira de habilitação em motos; a documentação e os pagamentos de impostos e demais taxas precisam estar regularizados; as motos não podem ter mais de 7 anos de uso e todos os moto-taxistas precisam fazer o curso de transportes de passageiros, oferecido no estado de Alagoas, apenas na capital, Maceió.

Do ponto de vista administrativo a associação possui uma diretoria formada por um presidente e vice-presidente, secretário e vice-secretário, tesoureiro e vice-tesoureiro e um conselho fiscal. As eleições para a formação da presidência ocorrem a cada 2 anos. A mesma possui Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ devidamente registrado e estatuto aprovado. A associação possui sede própria no Bairro de Fátima (imagem 6).

Imagem 6: Sede da associação dos moto-taxistas de São Miguel dos Campos /AL



Fonte: Trabalho de Campo, 2014.

Observa-se, portanto, que em São Miguel o serviço de moto-táxi segue uma lógica que se coaduna com as necessidades de oferecer mobilidade urbana à população. As oportunidades para o desenvolvimento da atividade estão vinculadas com a própria expansão urbana e com a ausência do poder público que não investe em sistemas de transportes para os novos bairros.

A Associação dos Motoristas Autônomos do Bairro de Fátima, também presta serviço de transporte intraurbano em São Miguel dos Campos. Esta associação dos motoristas de vans foi criada em 02 de maio de 1994 – período em que ocorre a expansão urbana da cidade. Como

os moto-taxistas, os serviços de van são mais uma das opções de transportes para a população criadas no vácuo da presença da ineficiência dos serviços públicos.

Imagem 7: Sede da associação dos motoristas autônomos do bairro de Fátima



Fonte: Trabalho de campo, 2015

A associação do transporte de vans possui um total 23 carros que correspondem aos 23 associados. É importante lembrar que existem aqueles motoristas que possuem a praça¹⁹, porém contratam outros motoristas para o trabalho. As condições e acordos de trabalho desses motoristas contratados são as mais diversas. Geralmente os motoristas contratados permanecem com o carro e pagam diária de R\$ 200,00, em média, para o dono do veículo, ora, são empregados do proprietário do veículo, recebendo em média de R\$ 50,00 a R\$70,00 pelas horas trabalhadas.

Convém ressaltar ainda que alguns desses empregados são parentes ou filhos dos donos dos veículos. Confirmando a presença de mão de obra familiar nesta atividade do circuito inferior. Pois conforme assinalou Milton Santos (2008 [1979]), o trabalho familiar é uma das características do funcionamento do circuito inferior da economia. Reafirmamos a capacidade do circuito inferior de gerar trabalho e renda para a população das cidades.

¹⁹ Praça: é o nome que se dá a cada uma das 23 vagas para atuar na associação.

A aquisição dos veículos ou mesmo a troca para um carro mais novo é na maioria das vezes realizada por meio de financiamentos ou empréstimos. Aqui está uma questão central da compreensão desta atividade e do circuito inferior no período atual. A inserção do circuito inferior no sistema financeiro bem como o estreitamento das relações de complementaridade existentes entre o circuito superior e o circuito inferior. Maria Laura Silveira (2014: 163) afirma que as solicitações de recursos via crédito que as atividades do circuito inferior fazem ao circuito superior, estreitam ainda mais a inter-relação dos circuitos da economia urbana e aumenta a dependência do circuito inferior com relação ao circuito superior. Assim, “a cidade torna-se um sumidouro do dinheiro das classes médias e dos pobres, porque este é drenado através de um banco ou de uma grande rede comercial e financeira” (SILVEIRA, 2014, p. 163) para o circuito superior.

O serviço de transporte intraurbano realizado pelas vans, revela-nos tal realidade à medida que a maior soma do valor arrecadado é direcionada para as instituições financeiras, redes de distribuição e comercialização de combustível, lojas autorizadas de manutenção de veículos, entre outros.

No que se refere ao horário dos trabalhadores das vans, pode ser considerado flexível na medida que pode variar de acordo com a necessidade e organização de cada motorista. Os trabalhadores têm uma jornada de trabalho de 12 a 16 horas diária. Podendo ir das 6h às 18h ou das 6h às 22h. Os trabalhadores das vans como os moto-taxistas são autônomos. Já os trabalhadores da empresa de ônibus são contratados como empregados, isto é, tem carteira de trabalho assinada.

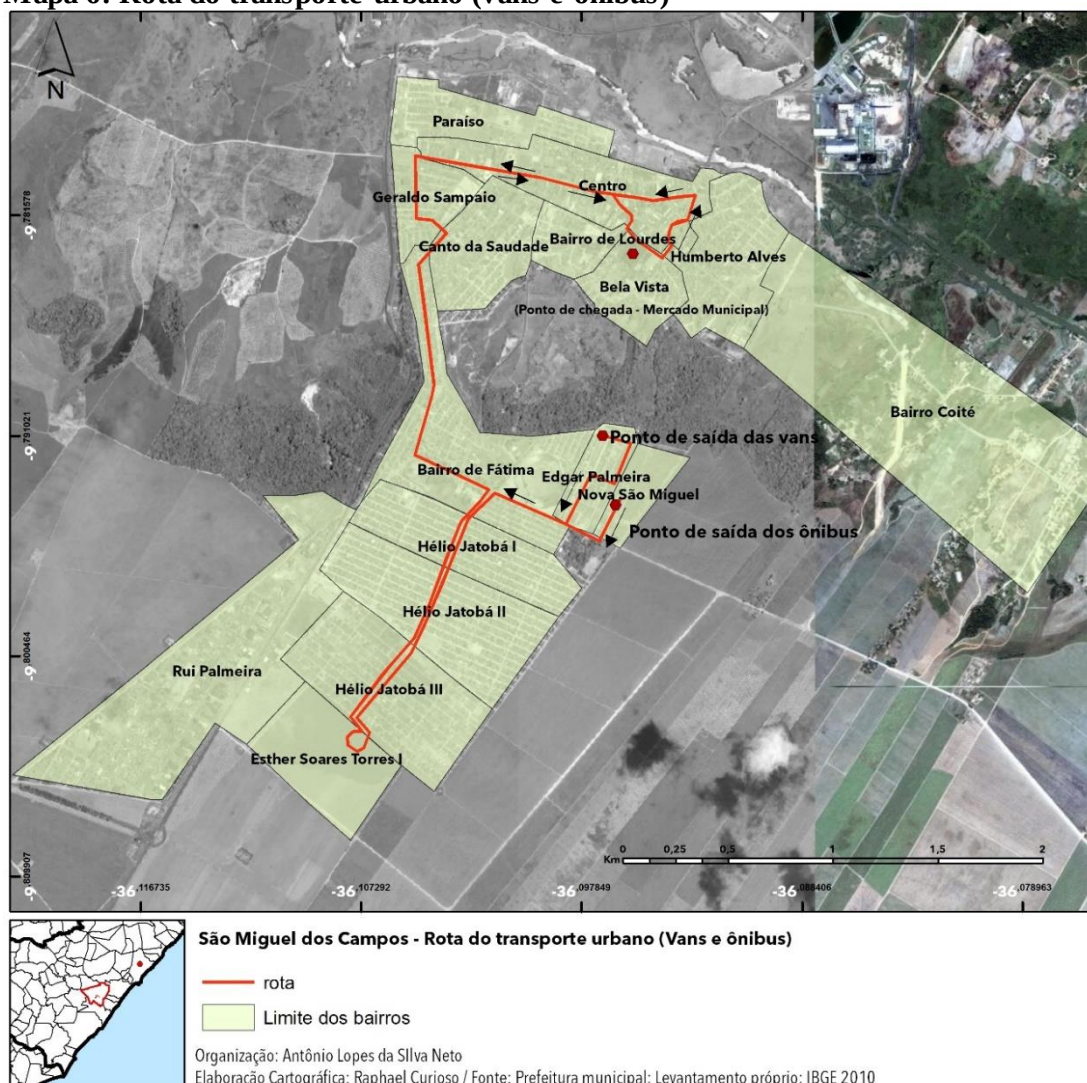
A associação das vans possui normas de funcionamento, para o escalonamento dos motoristas e para garantir o cumprimento dos horários de saída dos carros. As normas referentes ao trabalho dos associados estão contidas no estatuto da associação aprovado em 1994. É importante lembrar que a associação tem vínculo institucional com a Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito-SMTT de São Miguel dos Campos, seguindo as normatizações e efetuando o pagamento do alvará anualmente.

O valor de contribuição de cada associado é de R\$ 23,00 mensais para a manutenção da associação, para gastos como o pagamento do funcionário responsável pela sede da associação, compra de água e material de limpeza etc. Cada associado tem que pagar anualmente o valor de R\$ 58,00, referente à renovação do alvará junto à prefeitura do município.

Os serviços das vans, buscam suprir as carências de mobilidade urbana da população dos bairros pobres e, em certa medida, esta atividade atende às demandas pontuais que surgem no lugar. O valor da passagem custa R\$ 1,75 por passageiro. E torna-se mais barato que o transporte de moto-táxi, por exemplo.

Normalmente, os carros partem da sede da associação (imagem 5) que fica no bairro Edgar Palmeira, na periferia de São Miguel dos Campos, percorrendo os bairros de Fátima, Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II, Hélio Jatobá III e Jaci Clemente, levando os passageiros desses bairros para o centro da cidade. Podemos, dessa maneira, compreender a importância das atividades do circuito inferior da economia urbana para as populações mais pobres dos bairros mais distantes do centro da cidade. A rota realizada pelas vans e ônibus demonstram esta realidade ao percorrer os bairros mais periféricos onde a maior parte da população urbana está densamente fixada, conforme mapa 6.

Mapa 6: Rota do transporte urbano (vans e ônibus)



O intervalo entre a saída de um carro para outro é de 5 minutos. As vans têm capacidade para transportar até 18 passageiros, no entanto, nos horários de pico, costumam levar até 25 passageiros, desrespeitando a legislação do trânsito. Às segundas-feiras, dia da tradicional feira livre do município, parte das vans mudam o seu itinerário para atender a população do bairro de Coité que fica a 2 km de distância do centro. Nos demais dias da semana, esse bairro não é atendido por esse serviço de transportes. As imagens 6 e 7 a seguir apresentam o serviço de transporte urbano realizado pelas vans em duas ruas de São Miguel dos Campos.

Imagem 8: Vans do transporte urbano na rua Barão de Jequiá

Imagem 9: Vans do transporte urbano na rua Visconde de Sinimbú



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Além dos moto-taxistas e das vans, a garantia da mobilidade urbana da população de São Miguel dos Campos é também mantida pelos ônibus, conforme imagens a seguir. Essa atividade é executada pela empresa Transportadora de Passageiros Miguelense Ltda-Transpam. Vale salientar que a Transpam é uma empresa de pequeno porte administrada por uma família.

Imagem 10: Ônibus do transporte urbano - ponto de saída

Imagem 11: Ônibus do transporte urbano na rota em direção à parte alta

Imagem 12: Ônibus do transporte urbano em frente ao mercado público – ponto final da rota

Imagem 13: Ônibus do transporte urbano em atividade no período noturno



Fonte: Trabalho de campo, 2015

A empresa desenvolve o seu trabalho dispondo de 10 ônibus. Esses ônibus em sua maioria foram adquiridos de segunda mão e a manutenção é realizada na oficina própria da empresa. Essa característica reafirma a capacidade do circuito inferior em reutilizar os bens de consumo duráveis (SANTOS: 2008 [1979]).

No que concerne à realização da atividade, os ônibus possuem duas linhas, uma linha no Bairro de Fátima e outra no Bairro Rui Palmeira. Percorrendo as principais ruas dos bairros de Fátima, Edgar Palmeira, Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II, Hélio Jatobá III, Jaci Clemente e Rui Palmeira. O intervalo de saída dos ônibus entre um e outro é de 15 minutos. Convém

lembrar que esses são bairros periféricos e que destes bairros ocorre intenso fluxo de pessoas em direção ao centro da cidade (ver imagem 6).

Uma das características principais da atividade de transporte do circuito inferior é adaptar-se e organizar-se a partir dos fluxos. Nos feriados a lógica de funcionamento tende a ser modificada, os ônibus realizam o transporte de 30 em 30 minutos e o número de veículos é reduzido para 6 ônibus, pois a circulação de pessoas diminui significativamente.

A atividade de transporte urbano realizada pelos ônibus oferece algumas vantagens para uma parcela de seus clientes. Passes para trabalhadores e carteiras estudantis são as vantagens oferecidas. Os estudantes e os trabalhadores pagam meia passagem. Isto é, R\$ 0,85 por viagem, visto que o preço da tarifa é de R\$ 1,75. Essas vantagens fazem com que os ônibus sejam a atividade de transporte mais procurada por estes segmentos da população urbana. É importante salientar ainda que a política da meia passagem ofertada pela Transpam é uma forma de acirrar a competitividade ou mesmo os conflitos que ocorrem entre os ônibus e as vans na disputa constante por passageiros.

2.4- A feira livre e o mercado público de São Miguel dos Campos/AL

As feiras livres constituem uma das atividades mais antigas do Brasil. Para Firmino (2014:260) “a feira livre no Brasil, tem início com a expansão colonial europeia e a consequente chegada dos portugueses em terras brasileiras”. Inicialmente as feiras tinham apenas um destaque e enfoque local, mas com o passar do tempo passou a ter maior abrangência (FIRMINO, 2014). A história de São Miguel dos Campos confunde-se com a história da feira, quando por meio do rio São Miguel chegavam os produtos até o porto da cidade. A Feira da Ponte é a mais antiga da cidade²⁰.

[...] “no rio muitas barcaças velejavam, transportando açúcar, madeira, algodão e atendendo também aos municípios vizinhos e aos do sertão, que escoavam seus produtos pelo movimentado porto miguelense”. (CASTRO: 1991:35)

Discutindo a importância das feiras livres, Nobre e Belo (2014: 35) “sustentam que a feira é uma atividade importante para o abastecimento da cidade” e que a teoria dos circuitos da economia urbana oferece indicativos para a compreensão do comércio realizado na feira livre. Dessa maneira acreditamos que a feira livre por suas características de organização, tecnologia e capital compõe uma atividade do circuito inferior da economia urbana.

De acordo com as informações da Prefeitura Municipal de São Miguel, a feira livre é uma atividade que abriga cerca de 1.200 comerciantes. Entretanto, esse número aumenta para 1.600 comerciantes entre a última semana de cada mês e a primeira semana do mês seguinte. Esse aumento e diminuição da quantidade de feirantes estão vinculados aos pagamentos dos trabalhadores, tanto do setor público como do privado, quando os volumes e fluxo de pessoas e capitais tendem a ser maiores. O que aponta para uma capacidade de adaptação da feira frente

²⁰ A Feira da Ponte foi a primeira feira livre de São Miguel dos Campos/AL. Esta feira possui mais de 190 anos e recebe esse nome, porque era realizada na ponte que dá acesso à cidade. Atualmente, a Feira da Ponte acontece anualmente, num período de 3 dias – segunda, terça e quarta-feira da semana santa. A feira recebe cerca de 20 mil pessoas. Na feira é comercializado produtos manufaturados (bijuterias, alumínio, calçados, confecções) e alimentos frescos (estes últimos comercializados no mercado público). A feira reúne comerciantes dos municípios vizinhos – Barra de São Miguel, Roteiro, Campo Alegre, Jequiá da Praia – e de outros estados do nordeste – Sergipe, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Ceará. “Tradicionalmente ocorrendo durante os primeiros dias da Semana Santa, tem como ponto culminante quarta-feira. Resulta da migração de comerciantes e pescadores para a maior área de comércio regional do século passado, época em que ainda não existia a eletricidade, os congeladores, e que para o jejum que deveria ser seguido durante a quinta, e a sexta-feira santa, de carnes vermelhas, tornaria-se providencial, para a aquisição de pescados frescos” (CASTRO, 1991 p. 199).

ao dinamismo da economia local. Como assinala Milton Santos (2008, [1979] p. 253), “o circuito inferior só pode funcionar através de uma adaptação estreita às condições conjunturais”.

Do número total de feirantes, 400²¹ comerciantes encontram-se no mercado público, no Centro Comercial José Torres Filho (imagem 12). Inaugurado em 1986, o mercado está localizado nas proximidades da feira-livre na rua Sampaio Marquês e pode ser caracterizado como extensão semanal da feira, visto que os feirantes que trabalham neste espaço permanecem comercializando seus produtos durante a semana.

A feira livre de São Miguel dos Campos possui elementos que nos permite perceber no período atual, relações entre o Estado e o circuito inferior da economia urbana. O que exige um esforço de compreensão acerca do papel do Estado frente aos circuitos da economia.

Como nos alertou Santos (2008 [1979], p. 161), “o Estado apresenta-se como um aliado do circuito moderno da economia nos países subdesenvolvidos”. E apenas as atividades do circuito superior usufruíam de maneira direta ou indireta de ajuda governamental, enquanto que as atividades do circuito inferior não recebiam apoio do governo e por este eram em muitos casos perseguidas (SANTOS, 2008 [1979], p. 47).

Entretanto, essas situações não acontecem quando o poder público pode se beneficiar das atividades do circuito inferior da economia. No caso de São Miguel dos Campos, atualmente o mercado público municipal atende as necessidades dos agentes do circuito inferior da economia. Mas não apenas isso, a manutenção e a garantia de funcionamento do espaço são realizadas pela prefeitura municipal que demanda funcionários para o mercado público que abriga inúmeras atividades desse circuito.

²¹ Dos 400 comerciantes que atuam no mercado público, 250 trabalham dentro do mercado e 150 trabalham fora nas mediações da feira livre.

Imagem 14: Vista do Centro Comercial José Torres Filho



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

O mercado funciona todos os dias das 7h às 17h. O que revela uma intensa jornada de trabalho para os comerciantes que atuam no mercado. Nos feriados nacionais o mercado funciona até às 14h, em virtude da diminuição da clientela.

Os comerciantes usam boxes e barracas para comercializar seus produtos. Esses espaços pertencem à prefeitura que cobra taxas dos feirantes. Cada box custa R\$ 8,00 por semana. Alguns comerciantes que necessitam do freezer pagam mais R\$ 6,00 por semana para a Prefeitura Municipal. Já as barracas pagam R\$ 4,50 para a prefeitura para utilizar do espaço chamado de “chão”. A manutenção e gerência do mercado é realizado pela Prefeitura Municipal. Tanto na conservação da infraestrutura quanto o pessoal. Fazem parte da administração do mercado um diretor, um assessor do diretor, profissionais da segurança e profissionais de serviços gerais.

O mercado é parte da feira onde ocorre a comercialização de produtos vindos de cidades vizinhas como Roteiro, Anadia, Boca da Mata, Maribondo, Marechal Deodoro, Arapiraca, Limoeiro de Anadia. Os principais produtos comercializados no mercado são: confecções, calçados, produtos importados, consertos e acessórios para celular, óculos, bijuterias. Na parte de alimentos são comercializados produtos como hortaliças, frutas, cereais, farinhas, além de carnes, peixes, mariscos e ovos. Há barracas de lanches diversos.

O principal dia de vendas no mercado é o dia em que ocorre a feira-livre, a segunda-feira. Nos dias de sexta-feira, sábado e domingo com diminuição da demanda também se reduz a oferta. Esta última é realizada por apenas 30% do que é comercializado na segunda.

Outro elemento importante para se entender o funcionamento do mercado público e a dinâmica do circuito inferior no período atual é a inserção do sistema financeiro em todas as partes do território. Visando a ampliação do consumo no mercado público, foram instalados 3 caixas eletrônicos dos bancos do Banco Brasil, Bradesco e Caixa Econômica Federal, facilitando o acesso do consumidor ao dinheiro líquido e para o pagamento de contas. Assim podemos ressaltar que a instalação da Caixa Econômica Federal visa atingir os beneficiários do Programa Bolsa Família. Recebendo os valores que competem a seus benefícios no caixa eletrônico do mercado, podem instantaneamente consumir no local.

CAPÍTULO 3

**OS CONTEÚDOS DO CIRCUITO INFERIOR A PARTIR DAS MICROS
E PEQUENAS EMPRESAS**

3.1- As novas oportunidades e o uso do território pelos homens lentos

Para Ana Clara Torres Ribeiro contemplar a vida dos homens lentos é uma maneira de se aproximar da realidade social. Segundo a autora, o conceito de homem lento possibilita a apreensão das “hibridações socialmente necessárias entre saberes e práticas sociais” (RIBEIRO, sem ano, p. 60). Buscamos com nosso esforço, entender como a população pobre da cidade de São Miguel dos Campos/AL cria na cidade, através do circuito inferior da economia, as condições de sua sobrevivência. Dessa maneira, analisar as oportunidades criadas pelos agentes hegemonizados do circuito inferior da economia urbana, isto é, os homens lentos, apresenta-nos a “[...] necessidade de desencantar acordos tácitos; de conceber novos objetos de estudo e de criar áreas mais sólidas para a reflexão intersubjetiva e ética das condições de vida da maioria” (RIBEIRO, sem ano, p. 60) da população.

Num mundo marcado pela aceleração contemporânea (SANTOS, 2009a), a velocidade é um dado central. Para Harvey (2011), no sistema econômico vigente “aqueles que podem se mover mais rapidamente pelas diversas fases da circulação do capital acumulam lucros superiores aos de seus concorrentes”, isto é, “a aceleração quase sempre leva a maiores lucros”. Não obstante, homens e firmas diferenciam-se uns dos outros pela capacidade individual de uso do território. A velocidade confere diferenciações e desigualdades, cria portanto “espaços da rapidez e da lentidão²²” (SANTOS e SILVEIRA, 2011), homens rápidos e lentos.

Os homens rápidos seriam, grosso modo, aqueles indivíduos dotados de maior velocidade. Com melhores capacidades de mobilidade – do ponto de vista físico-material – e condições sociais. Enquanto que os homens lentos, são aqueles que na cidade vivenciam o cotidiano em situações econômicas, materiais e sociais desfavoráveis. Estes últimos podem ser

²² Discutindo as diferenciações existentes no território brasileiro, Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001) propõem pares dialéticos os pares dialéticos Zonas de densidade e rarefação, fluidez e viscosidade, espaços luminosos e opacos, espaços que mandam e espaços que obedecem, dentre eles segundo os autores, os espaços da rapidez e da lentidão. Para Santos e Silveira, [...] os espaços da rapidez são, do ponto de vista material, os dotados de maior número de vias (e de vias com boa qualidade), de mais veículos privados (e de veículos modernos e velozes), de mais transportes públicos (com horários mais frequentes, convenientes e precisos e também mais baratos). Do ponto de vista social, os espaços da rapidez serão aqueles onde é maior a vida de relações, fruto da sua atividade econômica ou sociocultural, ou então zonas de passagem, respondendo a necessidades de circulação mais longínqua. Os espaços da rapidez e da lentidão se distinguem também em função da importância da divisão do trabalho, sobretudo quando ela é interna à região, e também da variedade e da densidade dos consumos (SANTOS e SILVEIRA, 2011, p. 263)

também caracterizados por possuírem outras formas de existir na cidade. Formas diferentes da existência veloz, apreendida e disseminada pela racionalidade hegemônica, como única e verdadeira no período atual.

Estes homens, que vivenciam em seu cotidiano a lentidão, carregam consigo uma capacidade maior de sentirem e perceberem a realidade da cidade. Aí, portanto, habitam a sua rapidez e a sua força, pois “os pobres, homens comuns, os homens “lentos” acabam por ser mais velozes na descoberta do mundo, seu comércio com o prático-inerte não é pacífico, não pode sê-lo, inseridos que estão num processo intelectual contraditório e criativo” (SANTOS, 2013, p. 80). Dessa maneira, concordamos com Milton Santos (2013, p. 80) ao afirmar que na cidade “a força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade”.

A cidade pode ser assim definida como um espaço banal que abriga todos os homens, firmas e instituições. O território é usado na cidade tanto pelas empresas e corporações, quanto pelos pobres, motivados pela necessidade de sobreviver. Pois, o território é a arena onde ocorre a oposição entre o mercado com suas técnicas de produção e a sociedade civil, o que engloba todas as pessoas (SANTOS, 2009a). Não obstante

A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado”. (SANTOS, 2013 p. 79)

Desta maneira, o período atual possibilita a criação de condições para a existência e a atuação, embora precárias dos atores hegemonzados. O circuito inferior da economia urbana, por exemplo, aponta para essa capacidade criativa que os homens lentos desempenham para sobreviverem nas áreas urbanas.

Partindo desse contexto, de que os lentos, os pequenos, detêm a força e podem a partir da necessidade e da criatividade interferirem no conjunto da economia urbana, veremos como os atores hegemonzados atuam no dinamismo do sistema urbano de São Miguel dos Campos/AL.

3.2- As micros e pequenas empresas pesquisadas

As micros e pequenas empresas, como já vimos (capítulo 2), são atividades do circuito inferior da economia, cuja relevância reside na sua capacidade de criar ocupações de trabalho para parcelas significativas da população de São Miguel dos Campos.

Diante da gama de micro e pequenos negócios selecionamos os setores mais expressivos e aplicamos questionários com o intuito de apreender as características do funcionamento do circuito inferior da economia em São Miguel dos Campos. Foram pesquisados 66 empreendimentos do circuito inferior da economia, divididos nos setores de comércio, serviços e produção (conforme tabela 12).

Tabela 12: Pequenos estabelecimentos pesquisados em São Miguel dos Campos

Total do comércio	59	vestuário (16); alimentos (11); variedades (5); acessórios de informática (3); comercialização de calçados (2); comercialização de móveis e eletrodomésticos (2); artesanato e vestuário (2); vestuário e calçados (2); vestuário e cosméticos (2); artigos de ótica (2); CD's e DVD's (2); vestuário e perfumes (1); produtos importados (1); peças de granito (1); bijuterias (1); bijuterias, calçados e bonés (1); autopeças (1); ração de animais (1); brinquedos (1); relógios (1); livros (1)
Total dos serviços	05	Pet shop (1), agência de turismo (1), comunicação visual (1), oficina de conserto (1), serviços gráficos e papelaria (1)
Total de produção	02	Produção e comercialização de estofados (1), móveis planejados (1)

Fonte: Trabalho de campo, 2015

O setor de comércio engloba 59 das micros e pequenas empresas, destacando-se nesse segmento os pequenos negócios do ramo de vestuário, alimentos e acessórios de informática. Em muitos casos, os pequenos comerciantes diversificam os produtos oferecidos (calçados e vestuário; vestuário e cosméticos, papelaria e serviços gráficos), para atrair mais clientes,

revelando que o circuito inferior tem noções táticas para aumentar suas vendas. Os setores de serviços e produção são menos diversificados.

As entradas dos agentes do circuito inferior nas atividades acima mencionadas, demonstram a proliferação de pequenos negócios a partir da motivação dos proprietários em possuir seu próprio estabelecimento comercial. De acordo com Montenegro (2006), aumenta no Brasil o número de trabalhadores por conta própria. Essa é também uma das razões explicativas para o crescimento do número de micros e pequenas empresas no país.

As micros e pequenas empresas em São Miguel dos Campos/AL são reveladoras dessa realidade de trabalhadores por conta própria, bem como dos empregadores²³. Dos 66 entrevistados, 43 confirmaram que abriram pequenos negócios porque não conseguiram emprego, confirmando a assertiva de Oliveira (2009, p. 133, grifo nosso) ao sustentar que “a saída para muitos desses trabalhadores descartados no mercado **“formal”** de trabalho é se estabelecer em uma atividade por conta própria”. A influência da família (18,18% - 12 MPE's) é significativa, já que muitos negócios são herdados dos ofícios de parentes. A complementariedade da renda familiar aparece como um dado importante para aqueles que se inserem no circuito inferior da economia. A tabela 13 relata esta realidade.

Tabela 13: Motivos alegados para inserção no circuito inferior

Motivos	Quantidade	%
Ausência de oportunidade de emprego	43	65,16
Influência familiar	12	18,18
Complementação da renda	11	16,66
Total	66	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015

²³ Classifica-se como “conta própria” a pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado e contando, ou não, com ajuda de trabalhador não remunerado de membro da unidade domiciliar em que reside (IBGE, 2003, p. 4).

Classifica-se como “empregador” a pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, tendo pelo menos um empregado e contando, ou não, com ajuda de trabalhador não remunerado de membro da unidade domiciliar (IBGE, 2003, p. 4).

3.3- O circuito inferior e a dinâmica do meio construído

A necessidade de obtenção de renda aliada às oportunidades do lugar são fermentos importantes para a proliferação das atividades desse circuito. O meio ambiente construído (HARVEY, 2009) urbano é elemento indispensável para a compreensão da dinâmica do circuito inferior da economia. Para Almeida (2003:219), “faz-se mister considerar o papel fundamental do meio ambiente construído na produção da economia”. Ao contrário do circuito superior que seleciona as áreas da cidade em que deseja operar, o circuito inferior utiliza as parcelas mais deterioradas ou menos valorizadas do meio construído (MONTENEGRO, 2006). O circuito inferior da economia utiliza as áreas com menor carga de ciência, tecnologia e informação. Já que estas últimas são responsáveis pelas diferenciações existentes no meio ambiente construído (SANTOS, 2013, p. 69).

Ainda que se desenvolva também nas áreas mais degradadas da cidade, as micros e pequenas empresas em seu dinamismo, mostram como as atividades do circuito inferior podem gerar renda a partir de alugueis de imóveis. Este talvez tenha sido um aspecto pouco explorado.

É importante observar que muitas atividades do circuito inferior impulsionam o preço dos aluguéis, já que em São Miguel dos Campos a grande maioria das MPE's trabalha em imóveis alugados. Do total dos pequenos estabelecimentos, 66,67% (44) trabalham em imóveis alugados, enquanto que 33,33% (22) atuam em imóveis próprios. Na maioria dos casos analisados, ou seja, 86,37%, a pequena empresa não coincide com o local de moradia. Ocorre tanto nos imóveis localizados no centro quanto aqueles localizados nos bairros residenciais. Encontram-se fora da residência, 57 estabelecimentos. Apenas 13,63% (9), estão localizados nas residências dos agentes do circuito inferior. Na tabela 14 relacionamos o percentual de imóveis alugados com seus respectivos valores.

Tabela 14: Valores dos alugueis das micros e pequenas empresas

Valor do Aluguel – R\$	% de MPE's
Até 500,00	36,36
501,00 a 1.000	25,0
1.001,00 a 1.500,00	6,8
1.501,00 e 2.000,00.	2,3
2.001,00 a 2.500,00	4,54
2.501,00 a 3.000,00	6,8
Acima de 3.001,00	4,54
Não informaram	11,36

Fonte: Trabalho de campo, 2015

O circuito inferior tem um papel importante na arrecadação de impostos considerando os elementos imobiliários das áreas centrais da cidade de São Miguel dos Campos. A partir do pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano-IPTU, as micros e pequenas empresas do circuito inferior revelam a capacidade das atividades de pequena dimensão em gerar receitas para o município: O IPTU é pago por 74,24% das MPE's como demonstra a tabela 15. Para alguns dos proprietários das micros e pequenas empresas, o IPTU em São Miguel dos Campos é cobrado apenas nas principais ruas da cidade.

Tabela 15: Situação das micros e pequenas empresas referente ao pagamento do IPTU

Situação	Quant.
Pagam IPTU	49
Incluído no aluguel	5
Não pagam	4
Não informaram	7
Não soube informar	1
TOTAL	66

Fonte: Trabalho de campo, 2015

Dos estabelecimentos que pagam IPTU e que declararam, a média do imposto é de até R\$ 200,00. A Secretaria do Tesouro Nacional através do Sistema de Informação Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro – SICONFI, destaca que o IPTU é importante instrumento de arrecadação de tributos em São Miguel dos Campos (tabela 16).

Tabela 16: Média da Arrecadação do IPTU por habitante para o Brasil e São Miguel dos Campos 2013/2014 e Arrecadação total do IPTU em São Miguel dos Campos – 2013-2014

	Brasil	São Miguel dos Campos
2013	R\$ 110,03/hab	R\$ 4,76/hab
2014	R\$ 118,23/hab	R\$ 5,90/hab
2013		R\$ 281.140,73
2014		R\$ 352.949,99

Fonte: Sistema de Informação Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro-SICONFI
Organizado pelo autor

A média de arrecadação do IPTU em São Miguel dos Campos é relativamente baixa quando comparada com a média nacional, porém os valores são significativos para a receita de São Miguel dos Campos e demonstram um aumento entre 2013 e 2014. Essa informação reforça

a importância das micros e pequenas empresas do circuito inferior que contribuem para a arrecadação municipal.

3.3.1 – Circuito inferior central e residencial na cidade de São Miguel dos Campos/AL

A partir de sua localização na cidade, é possível admitir a existência de um circuito inferior central e um circuito inferior residencial. Embora não seja apenas a localização que os define, mas o comportamento do conjunto das atividades do circuito inferior presentes no centro da cidade e nas áreas periféricas, ou seja, “nas áreas menos valorizadas onde reside mormente uma população pobre e predominam infra-estruturas precárias e equipamentos de serviços deficientes” (BONDUK e ROLNIK, 1979, p. 147 *apud* MONTENEGRO, 2011, p. 5). Como mostra Milton Santos (2008 [1979]), há uma distinção entre dois tipos de circuito inferior.

A partir de uma certa dimensão, distinguem-se dois tipos de circuito inferior, de acordo com sua localização na cidade; um circuito inferior central e o outro residencial. A diferença não está somente na localização, mas no comportamento, cada um apresentando um funcionamento, específico. (SANTOS, 2008 [1979], p. 359)

Há, portanto, uma diferenciação no uso do meio construído. Os processos de valorização e desvalorização de áreas selecionadas do espaço urbano, interferem no funcionamento do circuito inferior da economia urbana.

Os aluguéis dos imóveis bem como os valores de IPTU pagos pelas micros e pequenas empresas revelam a diferenciação do valor de uso do meio construído urbano. De acordo com o trabalho de campo, nas áreas centrais, os aluguéis variam de R\$ 200,00 a R\$ 3.500,00. Enquanto que nas áreas residenciais ou periféricas em vista da desvalorização destas em relação ao Centro, os aluguéis dos imóveis tendem a ser menor, variando de R\$ 200,00 a 2.400,00. O IPTU pago pelas MPE's localizadas no centro da cidade varia de R\$ 35,00 a R\$ 1.000,00. Nas áreas residências, os pequenos estabelecimentos pagam de R\$ 38,00 a R\$ 350,00 de IPTU pelo uso do espaço urbano.

Podemos assim, grosso modo, defender que o circuito inferior central é dotado de uma maior complexidade e diversidade de atividades. Essas atividades são por vezes mais capitalizadas. O circuito inferior residencial, responde as necessidades do consumo cotidiano imediato da população

O primeiro está ligado à população do centro, mas caracteriza-se, além disso, pelas relações privilegiadas com as outras atividades centrais, entre as quais as atividades do setor moderno; sua clientela, aliás ocasionalmente pode ser a mesma do circuito superior. O circuito inferior residencial é totalmente ligado à população; no centro, portanto, as ligações entre os diversos elementos da economia urbana são mais numerosas e frequentes. (SANTOS, 2008 [1979] p. 350)

O centro da cidade é compreendido como o ponto de depósito das cargas e das mercadorias, do maior fluxo de pessoas onde se encontram os indivíduos das mais diferentes camadas sociais e lugares, tornando essas áreas da cidade mais complexas e dinâmicas. Nas periferias as atividades econômicas possuem uma complexidade menor, visto que há nos bairros, “a necessidade de uma resposta imediata às necessidades de uma população sem dinheiro que explica a presença do circuito inferior” (SANTOS, 2008 [1979] p. 350).

A partir da relação do circuito inferior com a dinâmica do meio ambiente construído de São Miguel dos Campos, podemos falar da existência de um circuito inferior central e um circuito inferior residencial. Um conjunto das atividades do circuito inferior mais capitalizado e diversificado localizado nas áreas centrais e um circuito menos capitalizado e diversificado, ocupando as áreas periféricas da cidade.

Em São Miguel dos Campos-AL, o circuito inferior central concentra a maior parte das atividades de comércio e serviços da cidade. Segundo Montenegro é o centro da cidade que abriga, em especial, uma maior multiplicidade de divisões do trabalho (2006 p. 99) e, portanto, tem características diferentes das atividades localizadas nas áreas residenciais ou periféricas.

O circuito inferior residencial ou periférico se consolidou a partir da ampliação do meio ambiente construído e do aumento da concentração populacional na cidade. Este circuito inferior com característica residencial localiza-se nas principais avenidas dos bairros da parte alta da cidade, nos bairros Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II, Hélio Jatobá III e o bairro de Fátima.

3.4- Aspectos da organização das micros e pequenas empresas

Outro aspecto fundamental para a compreensão da dinâmica do circuito inferior é o grau de organização das atividades que compõem este circuito. De acordo com o trabalho de campo, do total de 66 micros e pequenas empresas, 52 declaram ser formalizadas, um total de 78,78%. Enquanto que 14 (21,21%), declararam não ser formalizadas. Convém ressaltar que o caráter de formalização aqui ressaltado corresponde aos parâmetros legais da economia vigente.

Da organização das micros e pequenas empresas face ao processo de formalização, uma questão que emerge e que gostaríamos de chamar atenção, corresponde às transformações que ocorrem nesta atividade após o processo de formalização. A maioria dos pequenos empreendimentos, 25 destes (respectivamente 37,87%) afirmaram não ter mudado absolutamente nada após tornarem-se negócios formalizados. Outros 3 declararam o aumento dos impostos como resultado da regulamentação da atividade. 1 mudou para pior e 1 afirmou ter tido problemas com funcionários. Em contrapartida, 9 das MPE's sustentam que a atividade melhorou, mesmo não declarando os aspectos que tornaram-se melhores com a formalização. Temos os que afirmaram ter ocorrido a diminuição de problemas com fiscalizações e com informalidade (3), a ampliação do acesso ao crédito financeiro (2), a facilidade na compra dos produtos (1) e para adquirir experiência no comércio (1). 6 dos micros e pequenos negócios não informaram. Podemos observar assim, que mesmo que uma atividade do circuito inferior passe pelo processo de “formalização” dos órgãos governamentais, este não lhe garante significativas transformações ou mudanças, do mesmo modo que não representa elemento preponderante capaz de retirar qualquer atividade econômica deste circuito (BICUDO JUNIOR, 2006), como vimos anteriormente.

Elemento importante que permeia o circuito inferior é a utilização de serviços contábeis. Mais da metade das micros e pequenas empresas utilizam destes serviços no período atual. Este aspecto aponta ainda para a capacidade do circuito inferior da economia urbana em contratar e terceirizar atividades.

3.5- As finanças do circuito inferior de micros e pequenas empresas

Os produtos ou matérias-primas são adquiridos pelos micros empreendimentos a partir de diversas formas de pagamento e são procedentes de lugares bastante diversificados. Embora existam no circuito inferior de São Miguel dos Campos muitas formas de pagamento aos fornecedores, cartão de débito, cheque à vista, cheque pré-datado e em menor quantidade a duplicada, é o dinheiro líquido a forma de pagamento aos fornecedores mais corrente. Seguido de boleto bancário, que é uma forma de pagamento a prazo cujo limite para quitação da dívida é pequeno se comparado ao cartão de crédito e cheque. No caso do boleto, os micros empreendedores têm no máximo 5 dias para quitar o pagamento de suas mercadorias. Dentre as formas de pagamento não efetuadas com dinheiro à vista ou boleto bancário, o uso do cartão de crédito é a forma de pagamento com prazo mais frequente nos micros e pequenos negócios de São Miguel dos Campos.

Como já elucidamos, o circuito inferior da economia urbana utiliza dos elementos da financeirização no período atual, como são os casos do uso de linhas de crédito bancário pelos micros negócios. Entretanto, as micros e pequenas empresas que utilizam de crédito compreende menor quantidade que aquelas que não utilizam deste recurso financeiro em suas atividades. Sobre as linhas de crédito, do total de 66 micros e pequenas empresas, 68,18% afirmaram não utilizar, enquanto 31,82% dos pequenos empreendimentos sustentaram usar de linhas de créditos para o desenvolvimento da atividade. Dentre os créditos bancários utilizados pelas MPE's, o Crediamigo do banco do Nordeste é o mais utilizado, seguido de crédito oferecidos pelos Bancos do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica Federal.

Os empréstimos bancários configuram outro importante elemento do processo de financeirização que permeia o circuito inferior hoje, mesmo que o percentual das micros empresas que não utilizam seja maior que o dos empreendimentos que utilizam empréstimos. 74,24% das micros e pequenas empresas, isto é, 44 delas afirmaram nunca terem feito algum empréstimo enquanto que 17 (25,75%) já recorreram a este recurso financeiro. As principais instituições que oferecem empréstimos aos micros e pequenos negócios são Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste, Banco do Brasil e Bradesco (a ordem das instituições financeiras segue a quantidade de vezes que foram citadas no questionário, o que demonstra a participação e a importância de cada uma delas). Podemos assim observar o papel e a importância dos bancos públicos no que concerne o oferecimento de empréstimos e crédito aos agentes do

circuito inferior e prever as consequências para os pequenos empreendedores referente ao processo de privatização que ameaça os bancos públicos.

A utilização de serviços bancários é ainda reduzida no circuito inferior em São Miguel dos Campos/AL. Apenas 9, o que corresponde a 13,63% das micros e pequenas empresas afirmaram utilizar atualmente mais serviços bancários que antes. Estes serviços compreendem cheque, cartão de crédito, empréstimos, Crediamigo e contas bancárias. Dos demais micros e pequenos empreendedores, 56 (84,84%) não utilizam mais serviços bancários que antes e 1,5%, 1 estabelecimento não informou.

A partir do uso de créditos e serviços bancários bem como empréstimo pelas micros e pequenas empresas em cidades menores, como é o caso de São Miguel dos Campos – embora em pequena proporção comparada as MPEs de grandes cidades – podemos constatar que a circulação do dinheiro, em virtude do processo de financeirização da sociedade e do território, se amplia nos interstícios do território. Pois, o avanço da mundialização do capital, no período atual, está intrinsicamente ligada aos progressos nas telecomunicações, na eletrônica e na informática, através da arquitetura da globalização. O sistema financeiro é o principal beneficiário das redes que se proliferam no planeta.

Novos instrumentos financeiros são incorporados ao território na forma de depósitos e de créditos ao consumo. A sociedade, assim é chamada a consumir produtos financeiros, como poupanças de diversas espécies e mercadorias adquiridas com dinheiro antecipado. Com isso o sistema financeiro ganha duas vezes, pois dispõe de um dinheiro social nos bancos e lucra emprestando, como próprio, esse dinheiro para o consumo. (SANTOS E SILVEIRA: 2011:178).

Esse processo abriu o caminho para a financeirização da sociedade e do território. Na cidade de São Miguel dos Campos há quatro agências bancárias: o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste e o Bradesco. Os três primeiros são públicos e o último privado. É importante ressaltar que não há bancos na maioria dos municípios vizinhos a São Miguel dos Campos, que dependem, portanto, desse município para realizar operações bancárias.

Como explicam Milton Santos e Maria Laura Silveira (2011:173), os bancos comerciais fornecem créditos simples ou em contas garantidas, captam depósitos e fazem outras operações ligadas ao crédito, ao câmbio e ao comércio. Convém lembrar que os bancos que ainda não instalaram agências na cidade de São Miguel dos Campos, estão presentes por meio de

correspondentes bancários ou de caixas eletrônicos, como é caso do BMG, Banco do Cidadão, BV Financeira.

A necessidade de assegurar a continuidade dos fluxos geográficos do dinheiro, bens e pessoas exige que essa diversidade esteja entrelaçada por meio de transportes eficientes e sistemas de comunicação. A geografia resultante da produção e do consumo é profundamente sensível ao tempo e custo de atravessar o espaço. Esses tempos e custos foram muito reduzidos pelas inovações tecnológicas e organizacionais, além da queda nos custos de energia. Os problemas de distância têm um papel cada vez menor na limitação geográfica do capitalismo. Isso não significa, porém, que as diferenças geográficas não importam mais. Precisamente o contrário: o capital altamente móvel presta muita atenção até mesmo nas pequenas diferenças nos custos locais porque geram lucros mais elevados. (HARVEY: 2011: 133)

Essas inovações não alcançam todos os pontos do espaço nem todas as pessoas, visto que as modernizações são seletivas. Na economia urbana, é o conjunto das atividades modernas, isto é, o circuito superior, que mais se utiliza e incorpora os novos conteúdos técnicos, científicos e informacionais do período atual.

Desta maneira pode-se levantar a seguinte questão. Se a utilização de empréstimos e de crédito bancários, bem como de serviços bancários (cheques, cartões de débito, de crédito) é reduzida nas micros e pequenas empresas, qual a origem dos reinvestimentos realizados nestas atividades do circuito inferior de São Miguel dos Campos/AL?

Em relação aos lucros das micros e pequenas empresas do circuito inferior da economia de São Miguel dos Campos, as despesas familiares aparecem como o principal destino dos lucros obtidos. 35 empreendedores utilizam os lucros exclusivamente para o consumo familiar. Enquanto que 15 afirmaram utilizar os lucros para reinvestir na atividade, isto é, para adquirir novas mercadorias. Observamos que a principal fonte de recursos para a manutenção da atividade de MPE's de São Miguel dos Campos, são os lucros obtidos. 14 empresas afirmaram usar os lucros tanto para o consumo familiar quanto para reinvestimento na atividade; dois micros negócios não informaram o destino dos lucros.

A maioria dos proprietários das micros e pequenas empresas, possuem em seus negócios sua principal renda familiar. 68,18% dos micros e pequenos negócios consiste na principal renda dos donos dos estabelecimentos. Enquanto que 25,75% têm em seus negócios formas de complementar suas rendas. 13,63% não informaram e 1,5% não souberam responder.

No que concerne as formas de pagamentos aceitas pelos estabelecimentos, o dinheiro líquido e cartão de crédito são as principais formas. Do total de micros e pequenas empresas pesquisadas, 100% tem o dinheiro como a principal forma de pagamento. Embora outras formas de pagamento apareçam, o dinheiro é a mais frequente forma de pagamento oferecido aos clientes pelos micros negócios. Esta prerrogativa nos faz concordar com Santos (2008, [1979], p. 232), quando lembra que “o circuito inferior tem uma verdadeira “fome” de dinheiro líquido”.

O cartão de crédito compreende a segunda principal forma de pagamento aceita pelas atividades do circuito inferior. 62,11% dos micros negócios declararam aceitarem o cartão de crédito no processo de comercialização. A banalização dos cartões de créditos e débito em meio à população de baixa renda faz parte de um processo mais amplo pelo qual o país vem passando: a creditização da sociedade e do território (MONTENEGRO, 2006 p. 136). Assim, “a ampliação do crédito e do consumo (SILVEIRA, 2010) é outro recorte fundamental. Houve uma generalização do crédito às populações pobres, o que possibilitou o acesso ao consumo de bens de vestuário, eletrônicos e mesmo automóveis” (CATAIA e SILVA, 2013, p. 66). A venda com cartões de débito não foi declarada pelas micros empresas pesquisadas embora acreditemos que esta ocorra no desenvolvimento de suas atividades.

O fiado é uma das formas de créditos oferecidas aos clientes do circuito inferior, de acordo com os estabelecimentos pesquisados, a terceira mais utilizada. Um total de 25,75% dos estabelecimentos tem o fiado como forma de pagamento aceita. O fiado aponta para as relações pessoais entre vendedores e compradores do circuito inferior. Os critérios utilizados pelos agentes do circuito inferior para o oferecimento de vendas fiado são os clientes mais antigos, os amigos e conhecidos, indicações por parte de alguns clientes. Com menor frequência a consulta ao SPC e Serasa é utilizada por alguns estabelecimentos quanto ao critério de seleção de clientes para a venda fiado. Por fim, o cheque (6,06%) e o crediário (3,03%) são formas de pagamentos aceitas com menor frequência.

3.6- A especificidade do trabalho nas micros e pequenas empresas

O trabalho é uma das principais variáveis para se compreender a dinâmica do circuito inferior. Fornecer mão de obra para a população pobre da cidade consiste em uma de suas principais funções (SANTOS, 2008 [1979], p.43). Para Carvalho (2014), em Alagoas a economia “informal”, principalmente a do setor terciário, cresce aceleradamente e absorve parte da mão de obra do Estado. Não obstante o “trabalho intensivo” compreende a tecnologia do circuito inferior (SANTOS, 2008 [1979], p. 43). As micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos, revelam elementos indispensáveis ao entendimento do trabalho no circuito inferior no período atual. Pouca mão de obra empregada por estabelecimento, parte dos empregados trabalhando com carteira assinada, emprego de mão de obra familiar, fiscalizações por parte de órgãos públicos, pagamento de benefício aos trabalhadores, salários na média do mínimo e jornada de trabalho perfazem a dinâmica do trabalho dos pequenos negócios do circuito inferior.

Quanto a mão de obra empregada, os micros e pequenos estabelecimentos possuem em quase sua totalidade a quantidade de 0 a 5 trabalhadores por unidade, conforme tabela 17. É importante lembrar que significativa parcela dos negócios que declaram empregar a quantidade de 0 a 5 trabalhadores compreende o proprietário como único trabalhador empregado.

Tabela 17: Funcionários por micro e pequena empresa (%)

Quantidade de funcionários	%
De 0 a 5	81,81
6 a 10	9,09
Não informaram	9,09

Fonte: Trabalho de campo, 2015

Os trabalhadores dos micros negócios de São Miguel dos Campos desempenham jornadas de trabalho diárias bem diversificadas. A tabela 18 mostra que a grande maioria do total dos trabalhadores empregados, trabalham 8 horas diárias, mas é importante observar que existem elevadas jornadas de trabalho de 12 e 13 horas diárias. Referente ao trabalho intensivo presente em atividades por conta própria como as micros e pequenas empresas, Singer (1999) afirma que no período atual da globalização, cuja precarização do trabalho é uma das consequências, os trabalhadores por conta própria tendem a trabalhar cada vez mais, na ânsia de ganhar o suficiente.

Tabela 18 Jornada de trabalho dos funcionários das micros e pequenas empresas

Horas/diárias trabalhadas	%
13	1,5
12	3,03
10	3,03
9	1,5
8	68,17
7	3,03
4 e 5	3,0
Não informaram	15,15
Não tem funcionários	1,5
Total	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015

No que se refere aos trabalhadores das micros e pequenas empresas com carteira assinada, a média tende a ser baixa, mesmo sendo estes trabalhadores maioria. Das 66 MPE's, cerca de 37,87% dos trabalhadores dos pequenos estabelecimentos estão empregados com carteira assinada. Enquanto que 31,81% não possuem carteira de trabalho assinada. O que revela precária a condição de trabalho de uma importante parcela de trabalhadores do circuito inferior. Das empresas pesquisadas, 30,30% não informaram. O elevado percentual dos que não informaram se deve ao fato de que apenas o proprietário trabalha, e, em alguns casos pelo receio dos proprietários em sofrerem fiscalizações ou repressões por parte de órgãos ou instituições públicas.

Ainda é bastante representativo o percentual de mão de obra familiar empregada nos micros estabelecimentos de São Miguel dos Campos (tabela 19). A mão de obra familiar, portanto ainda compreende importante elemento do funcionamento do circuito inferior referente ao trabalho. Sobre a organização do trabalho,

Muitas vezes constituem estabelecimentos registrados com trabalhadores com carteira assinada, em outras ocasiões compreendem empresas registradas mas que não trabalham com mão-de-obra com carteira assinada; outras vezes têm parte de seus empregados registrados e parte não, essencialmente a mão-de-obra familiar. Em certos casos esses pequenos estabelecimentos podem trabalhar com mão-de-obra com carteira assinada e não pagar impostos, ou podem até mesmo constituir estabelecimentos não registrados que trabalham com empregados sem carteira e que não pagam nenhum tipo de benefício social (MONTENEGRO: 2006: 45).

Tabela 19: Emprego de mão de obra familiar e mão de obra familiar com e sem carteira assinada nas micros e pequenas empresas

Emprego de mão de obra		
	Nº Absolutos	%
Mão de obra familiar	31	46,96
Não empregam familiares	25	37,89
Não informaram	10	15,15
Total	66	100
Mão de obra familiar com e sem carteira assinada		
	Nº Absolutos	%
Sem carteira assinada	14	45,16
Com carteira assinada	9	29,03
Não informaram	8	25,9
Total	31	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015

Das 31 empresas que contratam mão de obra familiar, 45,16% dos trabalhadores desses estabelecimentos estão empregados sem carteira assinada e, 29,09% possuem carteira de trabalho assinada, conforme a tabela 19. O que demonstra em parte a precariedade das condições de trabalho de uma importante parcela de trabalhadores. Ainda é importante notar que das empresas pesquisadas, 25,9% não informaram.

A maioria das micros e pequenas empresas presentes em São Miguel dos Campos, não realizam contratações temporárias. 57,57% do total de empresas, não efetuam nenhum tipo de contratação em determinadas épocas do ano, enquanto que 39,39% dos empreendimentos realizam contratações de mão de obra. Especialmente nos meses janeiro, maio, junho, novembro e dezembro. Sendo que dezembro é o principal mês em que ocorre as contratações. Em relação às contratações, constatamos que é em virtude das comemorações do fim de ano cujo consumo é estimulado. Nesta questão, 3,03% das MPE's não informaram.

Os trabalhadores do circuito inferior da economia urbana são remunerados das mais diversas formas. Os salários são definidos a partir da dimensão do empreendimento, isto é, da capacidade de remuneração oferecida pelos micro negócios a partir de sua condição de rendimento. Referente à remuneração no circuito inferior, Santos (2008, [1979]) nos assegura que neste circuito, o emprego é raramente permanente e a remuneração compreende o salário mínimo. O autor sustenta ainda com base em McGee (1972a) que as contratações assumem a forma de um acordo entre patrão e empregado e que é grande a importância do trabalho familiar e do trabalho autônomo (SANTOS, 2008 [1979], p. 45).

Como podemos observar na tabela 20, a maior parte dos trabalhadores do circuito inferior da economia de São Miguel dos Campos tem como base salarial o salário mínimo²⁴, para os pequenos estabelecimentos que declararam empregar funcionários. E que acima do mínimo aparecem algumas remunerações relativamente altas.

Tabela 20: Valores pagos aos funcionários das micros e pequenas empresas

Valor (R\$)	Quantidade	%
788,00	24	36,36
400,00	2	3,03
250,00	1	1,5
788,00 mais comissão	1	1,5
800,00	1	1,5
820,00	1	1,5
850,00	1	1,5
887,00	1	1,5
888,00	1	1,5
1.000,00	1	1,5
1.300,00	1	1,5
Não têm funcionário	14	21,21
Não informou	16	24,24

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Dessa maneira, a grande parte dos funcionários das micros e pequenas empresas auferem rendimento médio de um salário mínimo mensal (R\$ 788,00). Outros casos como descritos acima, de salários com média de R\$ 250,00, R\$ 400,00 e mais elevados como R\$ 1.000,00 e R\$ 1.300,00 por exemplo, aparecem em menor frequências na atividade de micros e pequenas empresas do circuito inferior de São Miguel dos Campos. Convém salientar, que os 24,24% de micro estabelecimentos não informaram os salários pagos aos funcionários. A não declaração dessas informações ocorreram ora pelo constrangimento por abordarmos questões de ordem financeira da atividade, ora pelo receio de repressões por parte de órgãos fiscalizadores do trabalho.

A fiscalização por parte dos órgãos públicos nas micros e pequenas empresas é intensa. Cada vez mais aumenta o processo de fiscalização em relação as atividades do circuito inferior. Dos estabelecimentos pesquisados, 53 afirmaram ocorrer algum tipo de fiscalização. Uma

²⁴ Em 2015, o salário mínimo brasileiro compreendia o valor de R\$ 788,00 (setecentos e oitenta e oito reais).

média de 80,3% do total de pequenos negócios. Enquanto que 11 afirmaram não existir nenhum tipo de fiscalização. Não informaram 2 dos estabelecimentos. É importante ressaltar que dos 53 micros empreendimentos que declararam existir alguma espécie de fiscalização, 24 especificaram os órgãos competentes responsáveis pela fiscalização. Sejam referente ao recolhimento dos impostos, à qualidade dos produtos ou mesmo a questões de trabalho e emprego. Pela ordem de proporção os órgãos especificados foram Secretaria da Fazenda-SEFAZ, Ministério do Trabalho e Emprego-MTE, INMETRO, PROCON, Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO, Programa de Proteção e Defesa do Consumidor - PROCON, Prefeitura Municipal de São Miguel dos Campos e Vigilância Sanitária.

Os direitos conquistados pelos trabalhadores são de suma importância para a garantia da seguridade do trabalho (capítulo 1). A maioria (37,87%) das micros e pequenas empresas não pagam devidamente os direitos aos seus empregados. Enquanto que em um percentual menor 28,79% dos micros negócios pagam algum direito aos seus funcionários. 18,18% dos micros empreendimentos não informaram e 15,15% não têm funcionários contratados.

Das micros e pequenas empresas que informaram, 13,63% declararam efetuar pagamento do seguro social ao Instituto Nacional de Seguro Social-INSS e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço-FGTS de seus funcionários. Assim, trabalhadores do circuito inferior de São Miguel dos Campos passam a usufruir dos direitos da segurança social do trabalho.

3.7- Novas tecnologias à serviço do circuito inferior e a produção das formas de publicidade

Para Cataia e Silva (2013), o uso de novas tecnologias pelo circuito inferior não deve ser desprezado. As técnicas utilizadas para o desenvolvimento dos trabalhos realizados pelas micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos, faz-nos observar processos como a flexibilização dos objetos técnicos no período atual. “A banalização de objetos ligados à comunicação, à informação e à imagem, variáveis centrais do período, tem implicações sobre o funcionamento da economia urbana, tanto no plano do consumo, como da produção e da circulação” (MONTENEGRO, 2006 p. 136). Equipamentos técnicos como o celular, a maquina de cartão e o computador figuram os mais utilizados pelos micros empreendimentos de São Miguel dos Campos.

A banalização do consumo do telefone celular e a possibilidade deste objeto ser utilizado enquanto instrumento de trabalho pelos atores não-hegemônicos vêm permitindo, destarte, uma ampliação da área de atuação desses agentes na cidade (Montenegro, 2003a). O telefone celular pertence assim ao universo das técnicas dóceis, flexíveis (Santos, 1996, p. 144), que sofrem apropriações e finalidades diversas enquanto expressões próprias das horizontalidades (MONTENEGRO, 2006 p. 136).

São também utilizados, em menor proporção, pelos estabelecimentos, equipamentos como telefone fixo, fax, TV, aparelho de DVD e caixa de som para a comercialização dos produtos. Vale lembrar que a maior parte dos equipamentos utilizados pelos agentes do circuito inferior foram adquiridos novos. Apenas uma pequena parte comprou os equipamentos usados ou de segunda mão.

Aspecto importante que percebemos ao analisar as técnicas utilizadas pelos agentes do circuito inferior, é o uso do aparelho celular como maquina de cartão. De acordo com os proprietários de algumas micros e pequenas empresas – para a utilização desse tipo de equipamento cuja função é o recebimento de contas – é realizada uma ligação para a central pelo cadastro do celular e o crédito é liberado aos clientes. Segundo Santos (2013, p. 96), “os objetos que conformam os sistemas técnicos atuais são criados a partir da intenção explícita de realizar uma função precisa e específica”. O que emerge aqui portanto, é a capacidade criativa de adaptação da função das técnicas pelo circuito inferior para atender as necessidades que os agentes hegemonzados passam a ter no período atual.

As formas de publicidade utilizadas pelos agentes do circuito inferior da economia, é aspecto que merece atenção. O uso de publicidade e propaganda neste circuito aumenta de maneira considerável. 63,63% dos estabelecimentos do circuito inferior pesquisados utilizam algum tipo de propaganda para a comercialização de seus produtos e o desenvolvimento de suas atividades. 34,84% dos micros negócios não realizam propaganda. 1,5 não informaram. Do percentual de micros empresas que usam de propaganda o carro de som e a propaganda de rádio são as formas mais utilizadas. Ambas possuem o mesmo percentual. Outras formas de propaganda utilizadas pelos estabelecimentos são folders e panfletos, banners e faixas, internet e redes sociais, boca a boca, eventos, telão de propaganda, cartões de visita e a faixa das lojas. Desta forma concordamos com Montenegro (2006) ao sustentar que no período atual, a publicidade passa a permear progressivamente o circuito inferior. A propaganda é portanto um dado novo do circuito inferior no período atual.

Dentre as formas de produção da propaganda, o proprietário é o principal agente criador das formas de divulgação de seus negócios. Empresas contratadas também aparecem como produtoras de propaganda para os micros empreendimentos. Desta forma, a terceirização da produção da propaganda é um atributo dos micros estabelecimentos de São Miguel dos Campos hoje. E a existência de empresas especializadas na produção de publicidades, inclusive para as atividades do circuito inferior, emerge como um novo aspecto que permeia os circuitos da economia urbana na atualidade. Realizam ainda produção de propaganda em menor escala para a atividade das micros e pequenas empresas, familiares do proprietário, o próprio anunciante e funcionários da empresa.

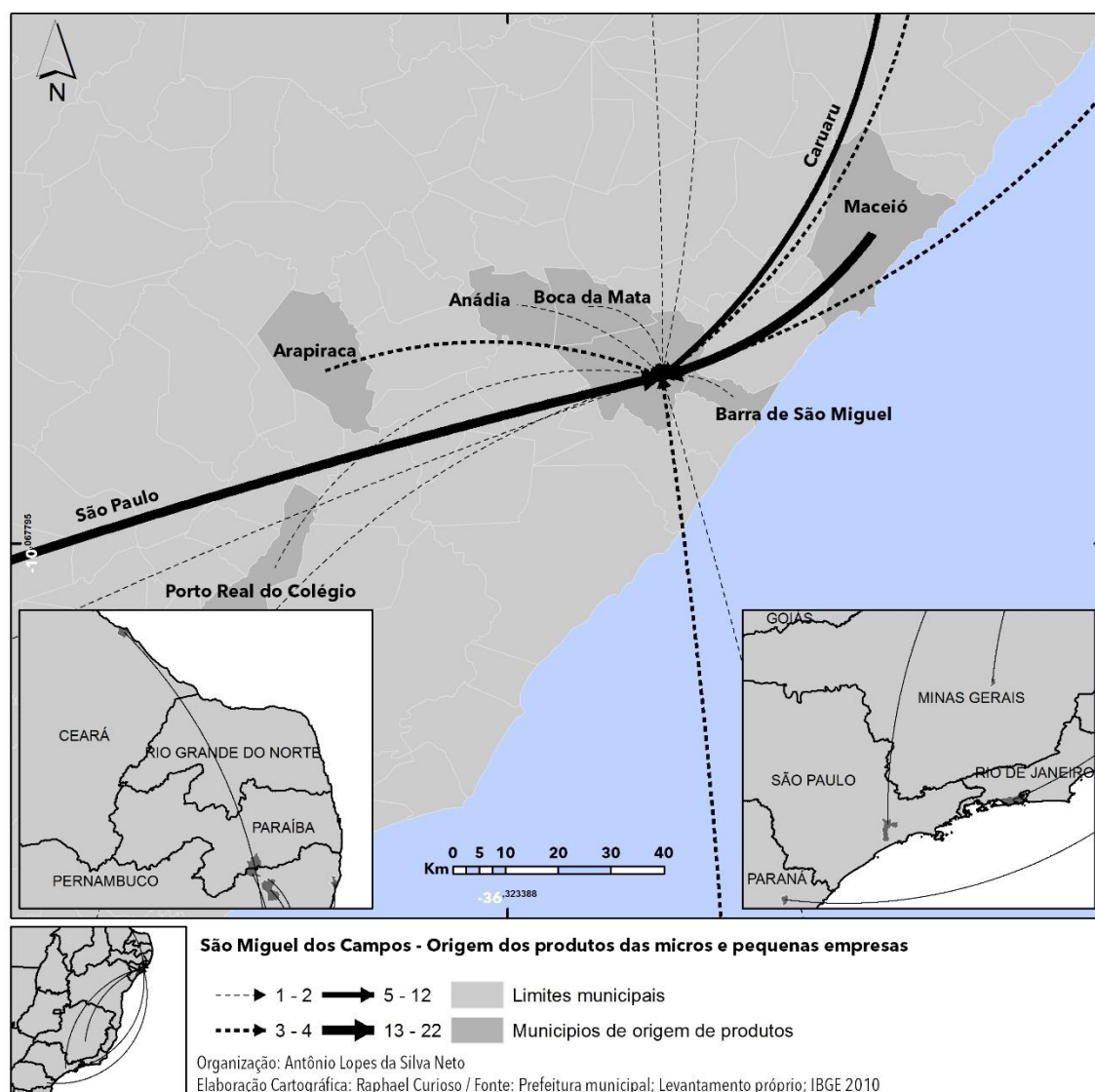
Podemos ainda ressaltar a partir da utilização de formas de propaganda como recurso para a ampliação de suas vendas, que as micros e pequenas empresas de São Miguel dos Campos possuem um grau de organização maior que a dos transportes que quase não utiliza propaganda e da feira cuja propaganda é praticamente nula.

3.8- Os fluxos de mercadorias e pessoas: a abrangência de mercado do circuito inferior

O circuito inferior da economia nos ajuda a compreender o processo de circulação das mercadorias no território. Assim como demonstra a crescente importância da circulação e como esta última torna-se cada vez mais imprescindível. Milton Santos nos lembra que no período atual, *“não basta, pois produzir. É indispensável pôr a produção em movimento. Em realidade, não é mais a produção que preside à circulação, mas é esta que conforma a produção”* (2009a, pp. 275). Nesta perspectiva a circulação passa a exercer determinada influência sobre a produção no período atual e o circuito inferior da economia urbana revela como os fluxos são intensificados tornando-se mais complexos. Para Mônica Arroyo (2006, pp.81) *“a circulação repercute sobre a produção, obrigando-a a modernizar-se. Os fluxos multiplicam-se, diversificam-se, tornam-se ainda mais importantes para a realização da produção”*.

São Miguel dos Campos aparece como uma das principais cidades fornecedoras de produtos para os seus micros estabelecimentos. Maceió, a capital do Estado de Alagoas, é a segunda principal cidade de origem dos produtos dos pequenos negócios de comércio de São Miguel dos Campos. Os agentes do circuito inferior das micros e pequenas empresas buscam ainda suas mercadorias em São Paulo-SP e Caruaru-PE, como representado no mapa 7. A circulação das mercadorias procedentes de inúmeras cidades do Estado de Alagoas, da Região Nordeste e do país para as micros e pequenas empresas desperta-nos ainda para o aspecto de que no período atual o circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos extrapola os limites da escala local no que concerne ao fornecimento de produtos e/ou matéria prima.

Mapa 7: Origem dos produtos das Micros e Pequenas Empresas e a circulação no circuito inferior

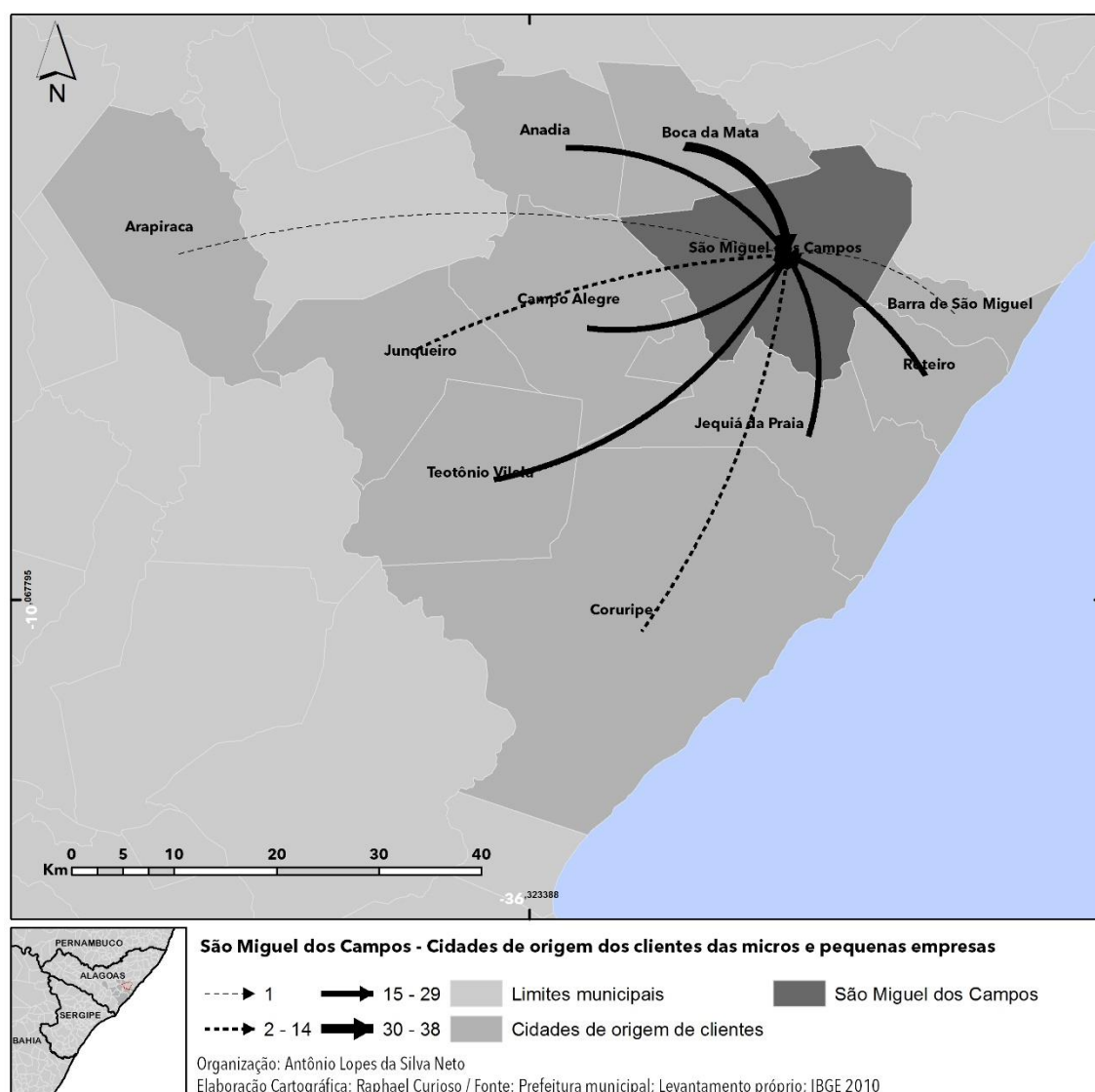


É importante observar que o processo de circulação das mercadorias do circuito inferior, confunde-se com o fluxo de pessoas para as atividades que compõem este circuito em São Miguel dos Campos. De acordo com Mônica Arroyo (2006) há uma multiplicação e diversificação dos fluxos à medida que o capital avança a partir da produção de mercadoria e do progresso técnico. Parece-nos que o circuito inferior é incorporado a essa lógica no atual período. Ampliam-se assim os fluxos para o circuito inferior.

A abrangência de mercado das micros e pequenas empresas, a partir das cidades de origem dos clientes dos pequenos negócios de comércio e serviços, além de revelar o papel de centralidade da cidade de São Miguel dos Campos em relação ao seu entorno e sua influência

com relação às cidades de sua região a partir do circuito inferior. Com base na origem dos clientes que recorrem aos micros empreendimentos do circuito inferior, observamos que São Miguel dos Campos concentra o fluxo de pessoas de sua região. Os habitantes das cidades vizinhas deslocam-se até São Miguel dos Campos além de outros serviços (bancos, feira livre, serviços médicos) para as micros e pequenas empresas do circuito inferior. Os fluxos originam-se sobretudo das cidades de Boca Mata, Campo Alegre, Teotônio Vilela, Roteiro, Anadia, Jequiá da Praia, Junqueiro, Coruripe e esporadicamente, Barra de São Miguel e Arapiraca, conforme o mapa 8.

Mapa 8: Os fluxos do circuito inferior: origem dos clientes das micros e pequenas empresas



A centralidade de São Miguel dos Campos que desempenha o papel de atração das populações das cidades circunvizinhas é assim uma vantagem para as micros e pequenas empresas do circuito inferior que têm um mercado mais amplo para a comercialização de seus produtos. O circuito inferior da economia urbana atende no período atual às lógicas da circulação e dos fluxos que se intensificam cada vez mais no território.

CAPÍTULO 4
O FUNCIONAMENTO DO TRANSPORTE URBANO DO CIRCUITO
INFERIOR DE SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

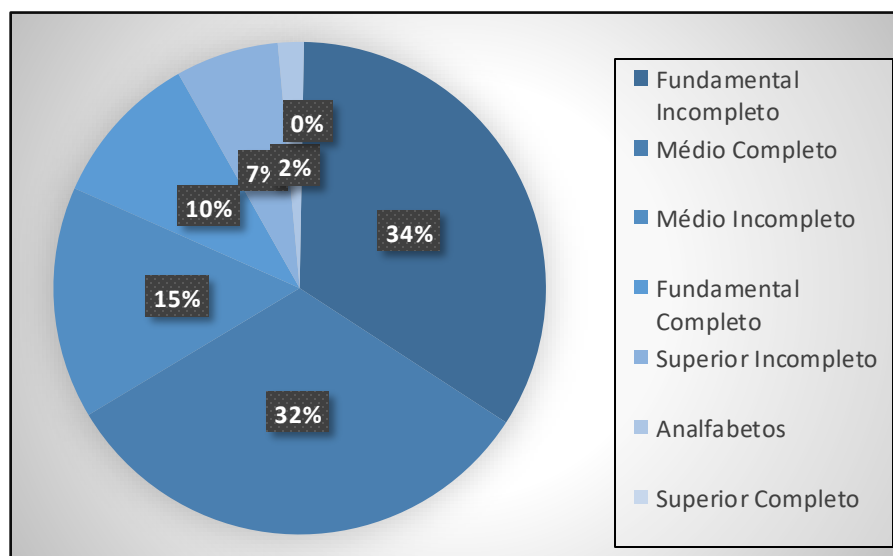
4.1- Caracterização dos agentes do circuito inferior de transporte

Buscamos inicialmente apreender algumas características gerais dos agentes do circuito inferior a partir da atividade de transporte intraurbano.

Um dos aspectos relevantes a ser levado em consideração nas atividades de transporte do circuito inferior é a questão de gênero. Há nas atividades de transportes, uma predominância absoluta de homens no trabalho. Dos 59 agentes pesquisados, 100% deles são do sexo masculino. Relembrando que 37 são moto-taxistas, 17 motoristas de vans e 5 motoristas de ônibus. Algo diferente ao que ocorre por exemplo com a feira livre, em que as mulheres são a maioria dos trabalhadores, como veremos a seguir.

Em relação ao grau de escolaridade, os trabalhadores do circuito inferior têm grau de escolaridade baixo. Para Oliveira (2009, p. 133), a realidade da falta de emprego é situação que “afeta, principalmente trabalhadores que não são especializados, cuja escolaridade atinge no máximo o ensino médio”. Estes trabalhadores desempregados recorrem ao circuito inferior da economia urbana para suprir suas necessidades de empregabilidade. A partir dos agentes pesquisados, constatamos que a maioria dos trabalhadores das atividades de transporte possui o ensino fundamental incompleto e o ensino médio completo. Em seguida aparecem aqueles com ensino médio incompleto e fundamental completo. Uma minoria possui ensino superior incompleto e uma ínfima parcela são analfabetos. No gráfico 4, é possível observar o percentual da escolaridade dos agentes da economia inferior.

Gráfico 4: Percentual da Escolaridade dos Agentes do Circuito Inferior

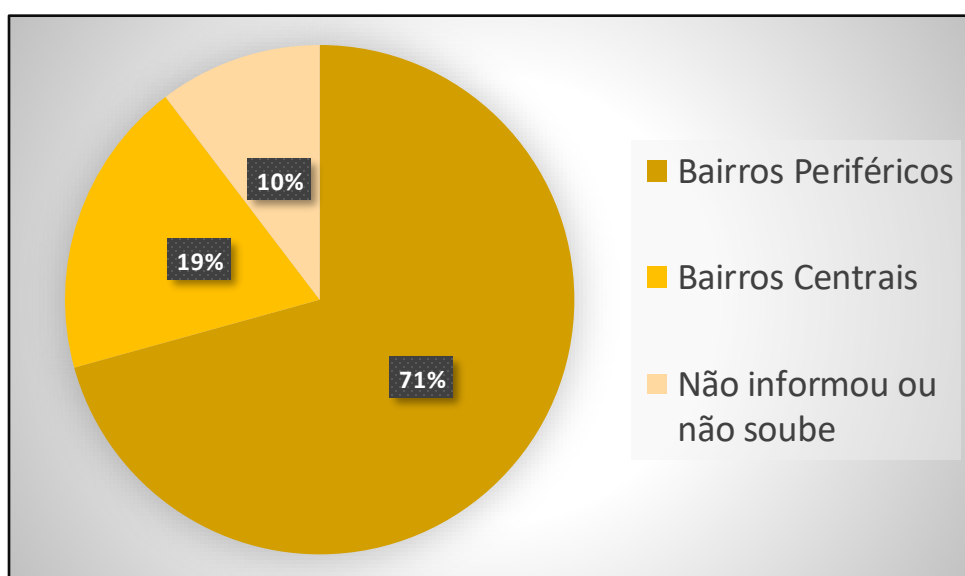


Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Do total de trabalhadores das atividades de transporte, a maioria reside em São Miguel dos Campos, ou seja, expressivos 98,3%. Enquanto que 1,7% declarou residir em Campo Alegre. Dessa maneira, os 58 trabalhadores que afirmaram residir em São Miguel dos Campos, moram respectivamente nos bairros mais pobres da cidade.

Em São Miguel dos Campos a grande maioria da população, como já vimos, reside na periferia urbana. Os trabalhadores da atividade de transporte, em grande parte residem em bairros periféricos. Somando o percentual destes e dos bairros centrais – para os trabalhadores que informaram –, referente a residência dos agentes do circuito inferior de São Miguel dos Campos, obteremos a situação apresentada no gráfico 5. Cerca de 71% dos agentes do circuito inferior do transporte de São Miguel dos Campos residem nas áreas periféricas²⁵.

Gráfico 5: Localização da Residência dos Agentes do Circuito Inferior



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

No que se refere ao acesso à moradia, 71,88% dos atores do circuito inferior residem em casa própria. Enquanto que uma menor parcela vive em casa alugada ou com parentes. Cerca de 18,64% residem em casa alugada com média que varia entre R\$ 250,00 e R\$ 350,00 mensais.

²⁵ Sobre os nexos entre o circuito inferior e o processo de periferização, Eliza Almeida enfatiza que “As periferias resultam da dinâmica criada pelos dois circuitos urbanos, responsáveis pelo aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho. O destino da maioria dos excluídos do mercado de trabalho será morar nas periferias urbanas ou nas áreas degradadas da cidade, onde inevitavelmente estarão privados dos serviços públicos ou somente poderão usufruir de maneira precária” (ALMEIDA, 2000, p. 146).

Moram com parentes, 6,77% do total de agentes do circuito inferior e responderam morar com outros – por não especificar se moram em casa própria, alugada ou com parentes -, 1,7%. Não informaram 1,7%.

4.2- A dinâmica do trabalho na atividade de transporte urbano

As atividades exercidas anteriormente pelos trabalhadores dos transportes, revelam parte de nossa hipótese de trabalho, quando defendemos que os agentes do circuito inferior de São Miguel dos Campos, haviam sido desempregados de atividades econômicas mais modernas, como as usinas de cana-de-açúcar presentes em São Miguel dos Campos e em seu entorno (quadro 2).

Quadro 2: Atividades anteriores dos agentes do circuito inferior de transporte

Indústria	Usina 16 (27,11%), Motorista 14 (23,42%), Operador de máquina pesada 2 (3,38%), Auxiliar de Pedreiro 1 (1,69%), Agricultor 1 (1,69%), Metalúrgico 1 (1,69%), Construção civil 1 (1,69%)
Comércio	Vendedor 2 (3,38%), Comerciante 1 (1,69%), Frentista 1 (1,69%), Promotor de Vendas 1 (1,69%)
Serviço	Segurança 4 (6,77%), Vigilante 2 (3,38%), Funcionário Público 2 (3,38%), Soldador 2 (3,38%), Oficina 1 (1,69%), Tecelão 1 (1,69%), Moto-táxi 1 (1,69%), Bombeiro civil 1 (1,69%), Banco BMG 1 (1,69%)
Outros	Sempre atuou no emprego 1 (1,69%), Padaria e Oficina 1 (1,69%), Cobrador 1 (1,69%)

Fonte: Trabalho de Campo, 2015

A maior parte dos agentes do circuito inferior trabalhava nas usinas de cana-de-açúcar. Muitos dos desempregados da indústria canavieira vão se abrigar no circuito inferior, como os motoristas do transporte urbano que antes eram empregados nas usinas.

As razões da entrada dos agentes do circuito inferior nas atividades de transporte apresentam um consenso: elas configuram a única “alternativa de trabalho e renda” para estes trabalhadores.

Do total de 59 trabalhadores, 30,50% iniciaram uma atividade de transporte por não haver outra alternativa de trabalho. O desemprego aparece como segundo principal impulso

para se entrar no circuito inferior. Declaram ser a motivação principal “desemprego e oportunidade”, 15,25% dos agentes de transporte e 11,86%, o “desemprego” foi a razão pela qual ingressaram no circuito inferior. 19,71% passaram a trabalhar no transporte urbano para “aumentar renda”. Podemos assim averiguar o papel de fornecedor privilegiado de oportunidade de trabalho (SANTOS, 1979, p. 23) do circuito inferior. Temos ainda, os que afirmam entrar na atividade por “falta de emprego”, estes compreendem 11,86%. Para “trabalhar na cidade” 1,7%, “complementar de renda e oportunidade” 1,7%. Por “gostar da atividade” 3,38%. E não soube responder 3,38%.

Os agentes do circuito inferior deste ramo de atividade em sua maioria possuem o trabalho de transporte como principal rendimento mensal, o que corresponde a 67,70% dos trabalhadores que atuam apenas nas atividades de transporte, já 32,20% têm a atividade apenas para complementar a renda. Dentre elas as principais são: empregados em usina, operador de máquina, motoboy e motorista.

A maior parte dos agentes do circuito inferior de transporte não efetuam pagamento de seguro social junto ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, ou seja, 64,40%. Nem mesmo as associações organizam e efetuam o pagamento ao Instituto Nacional de Seguro Social, importante benefício de segurança do trabalho para os agentes dos transportes. Do total de trabalhadores (37), 33,91% pagam INSS e 1,69 não declararam. Os motoristas da Transpam têm o benefício garantido.

Outro dado alarmante referente aos direitos e à segurança do trabalho é a assinatura das carteiras de trabalho. A maioria dos trabalhadores não possuem carteira de trabalho assinada, respectivamente, 74,58%, revelando a precariedade das condições de trabalho dos agentes hegemonizados. Apenas 25,42% possuem carteira assinada.

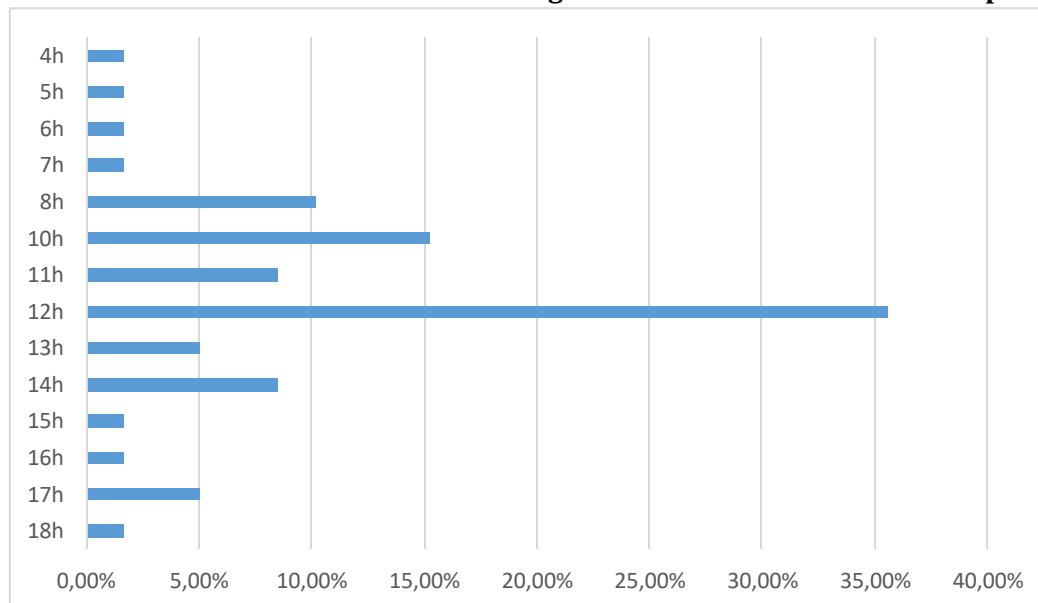
As longas jornadas de trabalho no circuito inferior da economia urbana é uma realidade frequente. Sendo assim o trabalho intensivo compreende um dos principais aspectos do circuito inferior. No dizer de Montenegro,

O circuito inferior, graças às suas variadas formas de organização e à divisão interna do trabalho, é capaz de oferecer um grande número de ocupações, ainda que muitas vezes precárias e não regulamentadas. Essas são realizadas com poucos recursos e geralmente em longas jornadas de trabalho temporário ou instável, daí a aproximação muitas vezes equivocada, com a ideia de “setor informal” (Montenegro, 2006 p. 15).

Observamos que no período atual em que as leis trabalhistas sustentam jornadas de 8 horas diárias, encontramos muitos trabalhadores em São Miguel dos Campos com jornadas superiores a 12 horas.

Os empregados no transporte urbano desenvolvem jornada de trabalho muito diversa. A maior parte dos trabalhadores efetua jornada de trabalho de 12 horas diárias, cerca de 35,59% do total. Enquanto que uma parte dos agentes (15,25%) trabalham 10 horas por dia. 10,16% atuam por 8 horas e os que trabalham 11 e 14 horas compreende 8,47% do total de trabalhadores. Restando ainda outras quantidades de horas trabalhadas como podemos averiguar no gráfico 6. Convém ressaltar que uma parte, embora não muito significativa dos agentes do circuito inferior declararam trabalhar 16 horas (1,69%), 17 horas (5,08%) e 18 horas (1,69%) por dia. Estes correspondem aos motoristas dos ônibus que a partir de acordo firmado com os empregadores estendem suas jornadas de trabalhos 2 vezes por semana.

Gráfico 6: Jornada de trabalho diária dos agentes do circuito inferior de transporte



Fonte: Trabalho de Campo, 2015.

No que se refere a quantidade de viagens, 54,23% os agentes da atividade de transporte do circuito inferior realizam respectivamente entre 10 e 20 viagens, 20,33% realizam entre 21 e 30 viagens. Entre 31 a 40, 6,77%. 7 viagens, 6,77%, 5, 3,40% e entre 41 e 50, 6 e 8, 1,70% cada um destes. A grande maioria dos que realizam de 10 a 40 viagens diárias correspondem especificamente aos moto-taxistas.

Para os trabalhadores do transporte urbano, a quantidade de viagens é a garantia de sua produtividade e lucratividade diária. Desta maneira, os agentes do circuito inferior de transporte

recorrem a estratégias com o objetivo de ampliar a demanda de seus serviços. Uma das principais estratégias utilizadas é o uso de publicidade, que de acordo com os moto-taxistas serve para fidelizar o cliente e aumentar a lucratividade dos negócios. A publicidade está presente na atividade de transporte urbano do circuito inferior, no entanto é pouco expressiva. 74,07% dos trabalhadores do transporte urbano firmaram não utilizar propaganda e publicidade em suas atividades, no entanto cerca de 25,92% afirmaram usar propaganda em seus negócios. Dentre as formas de propaganda utilizadas, as principais são o cartão de visita, a propaganda boca a boca, propaganda em rádio, dar o número do celular para os clientes e mandar mensagens no aplicativo *whatsapp* para os clientes.

Referente à quantidade de dias trabalhados por semana, podemos observar uma predominância daqueles que trabalham os 7 dias integrais e dos que possuem ou dão-se uma folga semanal. Do total de trabalhadores do transporte urbano, 45,76% trabalham 6 dias semanais, enquanto que 42,38% trabalham 7 dias na semana. Declararam trabalhar 5 dias, 11,86% dos empregados no transporte.

Os dias, horários e períodos de pico, isto é, de melhor movimento nas atividades de transporte do circuito inferior possibilita a compreensão das relações estabelecidas por este circuito. Revelam as relações de complementariedade entre as atividades do próprio circuito inferior e a dependência do circuito inferior às finanças públicas. De acordo com os questionários aplicados, a atividade de transporte conhece seu momento de maior e melhor atuação entre às 6h e às 9h da manhã, entre às 11h e 14h da tarde e entre às 17h e 19h da noite. Esse movimento se dá em virtude do fluxo de pessoas para o trabalho (usina, prefeitura, comércio etc), estudantes dirigindo-se às escolas e a população dos mais distintos bairros locomovendo-se até o centro da cidade para o consumo.

Quanto aos dias de mais movimento, a segunda-feira aparece como unanimidade. A grande maioria dos agentes do circuito inferior de transporte têm durante a segunda-feira sua maior lucratividade. Isso ocorre em vista do fluxo de pessoas tanto de São Miguel dos Campos como de municípios da região para a feira livre da cidade. O que denota relação entre a atividade de transporte e a feira livre. Outro aspecto do circuito inferior analisado em nossa pesquisa mostra que o fim do mês é o principal período de lucratividade da atividade de transporte. O que revela a dependência do circuito inferior frente aos repasses públicos, pois os pagamentos realizados pelo poder público municipal e as transferências de recursos federais, injetam e ampliam a circulação do dinheiro na economia da cidade. E o caso do pagamento da prefeitura e do Programa Bolsa Família aumentam a procura pelos serviços de transportes na cidade.

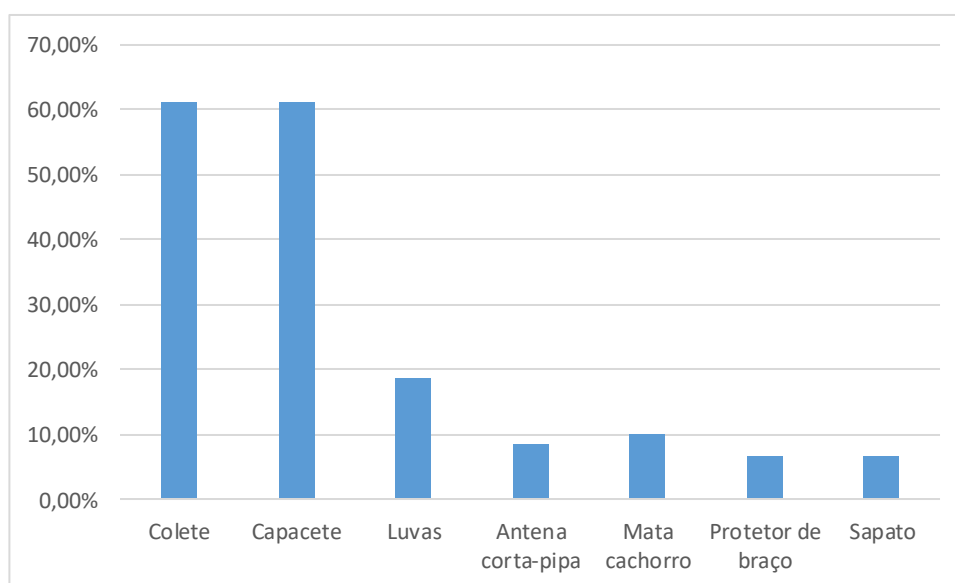
4.3- Equipamentos utilizados na atividade de transporte urbano

No que concerne à organização, elementos indispensáveis para o funcionamento do circuito inferior foram abordados. Acerca da utilização da carteira de habilitação para a atuação no ramo de transporte do circuito inferior, 100% dos agentes (incluindo moto-taxistas, motoristas das vans e motoristas dos ônibus) declaram possuir e usar habilitação. Entretanto, é importante chamar atenção para o fato de que os moto-taxistas antes de atuarem na atividade precisam cumprir a exigência de um curso preparatório realizado na cidade de Maceió/AL, o que confere exigências ainda maiores no âmbito da organização em relação às demais atividades de transporte.

Quanto a propriedade do veículo, a grande maioria dos trabalhadores declarou ser eles mesmos os donos. Cerca de 76,27% dos empregados no transporte são donos de seus próprios veículos de trabalho. 23,33% afirmaram que não são os donos, 1,7% afirmou que o veículo que trabalha é emprestado e 1,7% não informou.

Do total de trabalhadores do transporte urbano, 69,5% confirmaram o uso de algum equipamento para o desenvolvimento da atividade. Em contraponto, 30,50% não usa nenhum equipamento. Os principais equipamentos de segurança são o colete, capacete e luvas, como podemos observar no gráfico 7. Todos utilizados basicamente pelos moto-taxistas. Assim, cerca de 61,01% do total de trabalhadores afirmaram igualmente usar colete e capacete. E 18,64% usam luvas para o desenvolvimento do trabalho.

Gráfico 7: Equipamentos de segurança utilizados pelos agentes do circuito inferior de transporte



Fonte: Trabalho de campo, 2015

O celular é um equipamento importante para as atividades de serviços de transporte. 42,37% dos agentes do circuito inferior utilizam o celular como instrumento de trabalho. Em relação ao uso do telefone móvel, observamos novas tecnologias da informação no circuito inferior. O uso deste aparelho dar-se principalmente pelos moto-taxistas. A principal função da utilização do aparelho celular, dentre outras, é para o atendimento de chamadas por parte dos clientes requisitando o serviço de moto-táxis. Outra função do telefone celular é para a organização financeira. Pois alguns trabalhadores moto-taxistas afirmaram utilizar aplicativos disponíveis gratuitamente em celulares *smartphones* para o desenvolvimento de sua atividade no que se refere às contabilidades pessoais. Aplicativos como “easy money, meu dinheiro, controle financeiro, minhas economias etc”, são usados pelos motoqueiros para organização de suas receitas e despesas mensais como forma de controle financeiro. Vemos na ação de utilizar estes novos aplicativos, mais um elemento da racionalidade do circuito inferior.

4.4- Rendimento, consumo e a financeirização da atividade de transporte urbano

A média de rendimento dos trabalhadores do circuito inferior de transporte urbano é bastante diversificada, conforme demonstra a tabela 21, e varia entre um e dois salários mínimos, principalmente para os motoristas dos ônibus e moto-taxistas. Os motoristas empregados nos ônibus da Transportadora de Passageiros Miguelense recebem principalmente um salário, um salário e meio ou dois salários mínimos. Os moto-taxistas em sua maioria afirmaram que seus rendimentos mensais atingem uma média de R\$ 1.500,00.

As vans da associação dos motoristas autônomos, é a atividade de transporte que compreende os rendimentos mais elevados. Em alguns casos, trabalhadores podem obter rendimento relativamente mais elevados que a média, como é o caso específico do trabalhador que declarou obter renda mensal de R\$ 7.500,00. Este trabalhador é empregado no transporte de van. Atinge considerável rendimento em virtude do tempo de trabalho que compreende 18 horas/diárias trabalhadas todos os dias da semana.

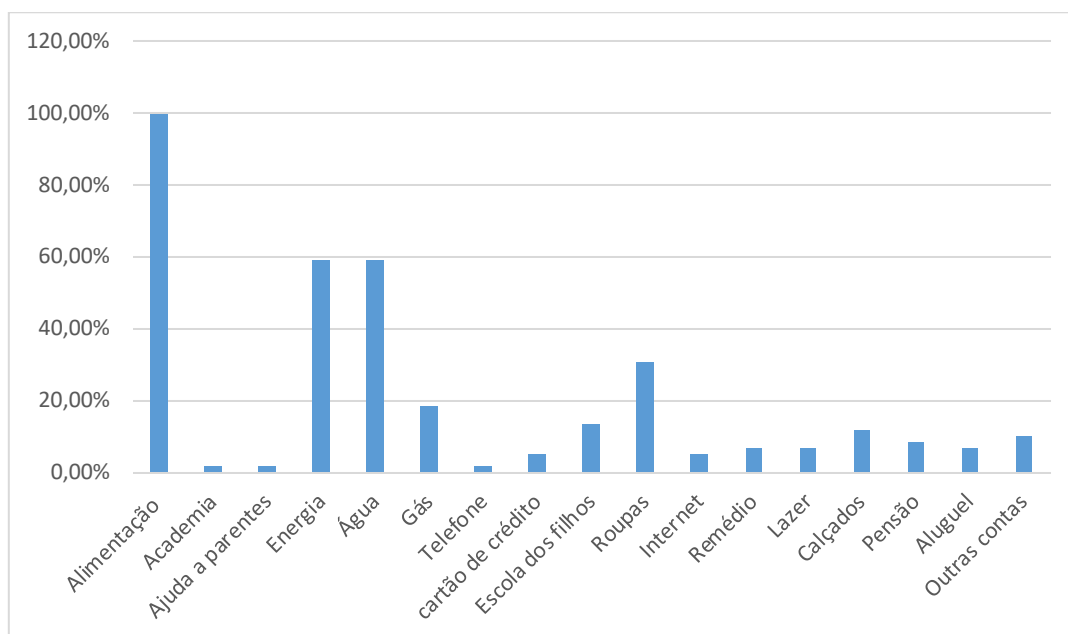
Tabela 21: Valor médio do rendimento dos trabalhadores do circuito inferior de transporte

Valor (R\$)	Quantidade	(%)
1.500,00	19	32,20
1.200,00	9	15,25
1.000,00	5	8,59
1.300,00	4	6,77
800,00	3	5,08
2.000,00	2	3,38
1.350,00	2	3,38
700,00	2	3,38
900,00	2	3,38
7.500,00	1	1,69
4.800,00	1	1,69
4.000,00	1	1,69
2.500,00	1	1,69
2.100,00	1	1,69
1.800,00	1	1,69
1.600,00	1	1,69
1.100,00	1	1,69
780,00	1	1,69
500,00	1	1,69
Não informou	1	1,69
TOTAL	59	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015

A renda obtida com a atividade dos trabalhadores de transportes urbanos é gasta em alimentação (100% dos entrevistados afirmaram destinar parte dos seus ganhos para a compra de alimentos), pagamento de energia elétrica e água (59,32%), roupas (30,50%) e botijão de gás (18,64) que correspondem aos gastos mais relevantes (gráfico 8).

Gráfico 8: Principais gastos dos agentes do circuito inferior de transporte



Fonte: Trabalho de campo, 2015

Quanto às formas de pagamento das compras dos equipamentos e dos veículos predominam o dinheiro líquido e o cartão de crédito. O crediário e o fiado são formas menos usadas (tabela 22).

Tabela 22: Formas de pagamento dos equipamentos de trabalho (%)

Dinheiro líquido	54,92
Cartão de crédito	24,36
Crediário	9,56
Fiado	8,63
Não informaram	2,53
TOTAL	100

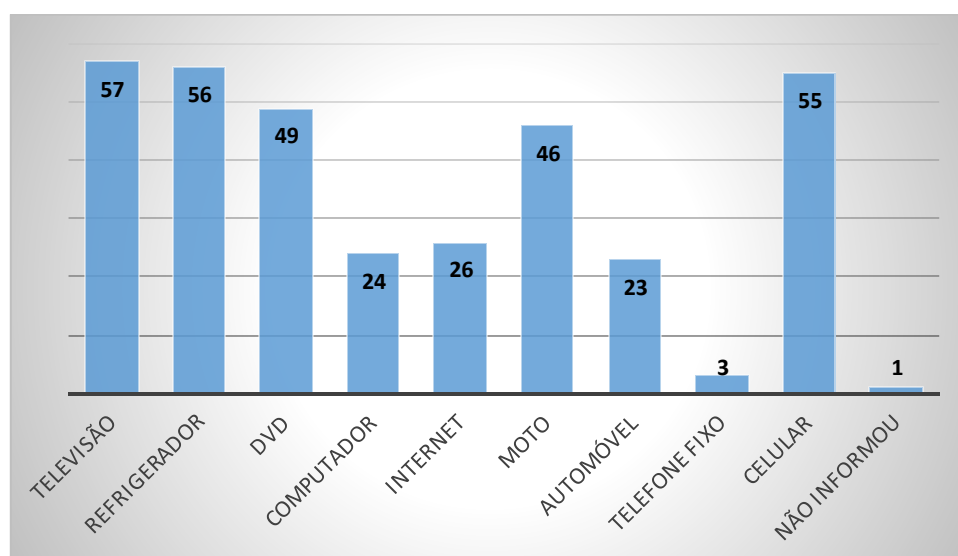
Fonte: Trabalho de campo, 2015

A utilização de cartões de crédito tanto para o consumo familiar e pessoal quanto para a aquisição de equipamentos para o desenvolvimento da atividade, é um dado crescente no circuito inferior no período atual. Mais da metade dos trabalhadores do transporte urbano de São Miguel dos Campos utilizam cartão de crédito. Em números absolutos, 30 foram os trabalhadores que declararam utilizar cartão de crédito em suas compras, o que corresponde a 50,84% do total de agentes pesquisados. No entanto, ainda é elevado o percentual daqueles que não utilizam o cartão de crédito, ou seja, 42,37% dos entrevistados. Não informaram 6,77% do

total. Entre os que afirmaram usar cartão de crédito, 63,33% possuem cartão próprio, 16,66% são emprestados de parentes e amigos e 20% não informaram a natureza do cartão de crédito que utilizam.

Outro dado do consumo dos trabalhadores do transporte diz respeito a equipamentos eletrônicos adquiridos, como pode ser observado no gráfico 9. De acordo com agentes do transporte: televisor, refrigerador, telefone celular e DVD, estão entre os principais itens de consumo. As motos aparecem em quinto lugar, englobando, principalmente, os moto-taxistas. Do total de trabalhadores, 40,67% possuem computadores em casa e 44,06% têm acesso à internet e parte dos trabalhadores têm acesso à internet por meio do telefone celular. O telefone fixo tem pequena participação em virtude do desuso deste aparelho e do custo para sua utilização. 1,7% não informaram os aparelhos ou equipamentos que possuem, como mostra o gráfico 6. Em relação ao consumo de automóveis, constatamos que 38,98% dos agentes do transporte urbano possuem automóvel. Do total que possui carro, a grande maioria corresponde aos motoristas das vans que são os proprietários dos veículos.

Gráfico 9: O consumo dos agentes do circuito inferior



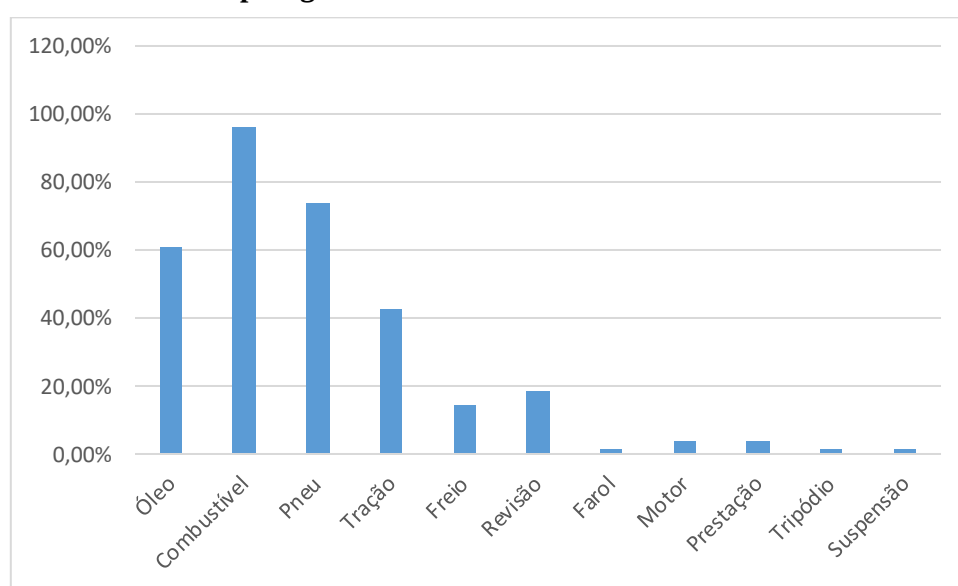
Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Cresce a participação dos agentes do circuito inferior no processo de financeirização do território e da sociedade. As formas de aquisição ou pagamentos dos veículos revelam o crescente uso dos instrumentos de financeirização. 44,44% dos trabalhadores do transporte urbano pagam seus veículos através de financiamento e 29,62% responderam que o pagamento foi efetuado à vista, com dinheiro líquido.

Nesta questão é importante salientar que os moto-táxis adquirem as motos de diversas maneiras. São as principais formas de aquisição das motos: financiamento, dinheiro líquido e consórcio. Já as vans são adquiridas principalmente pela forma de financiamento, dados os elevados preços se comparadas às motos.

A compra de combustíveis e a manutenção dos veículos articula diversos outros comércios e serviços (gráfico 10). De postos de gasolina a oficinas mecânicas, borracharias, lojas de peças para carros e motos. Isso dinamiza esses setores supracitados.

Gráfico 10: Principais gastos com o veículo



Fonte: Trabalho de campo, 2015

Como já mencionamos, importante questão do dinamismo atual do circuito inferior é a sua relação com os circuitos espaciais produtivos. O transporte intraurbano também revela esta estreita relação. Como observamos a partir dos dados dos principais gastos com veículo, o circuito inferior de transporte estabelece intrínseca relação com o circuito espacial produtivo do petróleo, em sua etapa de comercialização do combustível. Diariamente os trabalhadores dos moto-taxistas, motoristas das vans e dos ônibus consomem combustível para o desenvolvimento de suas atividades.

No que concerne ao pagamento de algum tipo de imposto ao poder público municipal, a única atividade que declarou pagar imposto foi os moto-taxistas. Dos 37 moto-taxistas, 33 (cerca de 89,19% do total) pagam imposto ao município e 4 (10,81%) não pagam imposto. O imposto pago por parte dos moto-taxistas ao poder público compreende o alvará de funcionamento no valor de R\$ 58,00 que cada moto-taxista efetua ao poder público municipal.

Como já vimos, o pagamento de imposto das atividades do circuito inferior aponta para a importância desse circuito no incremento das receitas municipais. Além de pagar taxas de impostos para o poder público, os moto-taxistas pagam uma taxa mensal no valor de R\$ 20,00 para a associação.

Um dado que permeia o circuito inferior no período atual, e que nos parece relevante refere-se à prática do rentismo²⁶ nas atividades de pequena dimensão. A atividade de transporte realizada pelas vans nos apresenta um elemento importante. 6 proprietários das vans, detentores da propriedade do veículo e dos direitos da praça, são rentistas. Isto é, “alugam” os carros para outros motoristas cobrando uma diária de R\$ 200,00.

4.5- A importância e a abrangência do transporte urbano do circuito inferior

Elemento importante para a compreensão do transporte urbano é sua abrangência, isto é, sua capacidade de garantir a circulação intraurbana. Os bairros de origem e os destinos dos passageiros que na cidade utilizam os serviços de transportes, permitem compreender a dinâmica dos fluxos de pessoas no interior da cidade. O fluxo da maioria dos passageiros que utilizam o transporte intraurbano da cidade de São Miguel dos Campos ocorre no sentido centro-periferia. Englobam os bairros periféricos de Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II e Hélio Jatobá III, seguido pelos bairros de Fátima, Jaci Clemente, Nova São Miguel, Canto da Saudade, Rodoviária, José Calazans e Edgar Palmeira. Há, também, passageiros das cidades vizinhas que usam os serviços dos moto-taxistas e dos ônibus, como Boca da Mata, Roteiro, Campo Alegre, Teotônio Vilela, Luziápolis, Maceió, Barra de São Miguel, Arapiraca, Anadia, Pilar, Jequiá da Praia, Chã Preta, União dos Palmares, Marechal Deodoro e Penedo.

Os serviços dos transportes urbanos são mais utilizados por trabalhadores, estudantes e por um grande número de pessoas que precisam se deslocar ao centro da cidade em busca de serviços. Nas segundas-feiras, dia em que ocorre a realização da feira livre, aumenta o número de usuários dos transportes. A atividade de transporte urbano realizado pelos moto-taxistas, pelas vans e pelos ônibus, estabelece relações de complementaridade com a feira livre, sobretudo com o mercado público, o que revela sua importante participação e importância na dinâmica do processo de consumo na cidade de São Miguel dos Campos.

²⁶ Rentismo é a atividade econômica cujo lucro financeiro é obtido pela aplicação de capitais.

4.6- Os conflitos e disputas das atividades de transporte como elemento do circuito inferior da economia urbana

As disputas e conflitos são dados importantes existentes nas atividades do circuito inferior da economia urbana. Do total de agentes do transporte urbano (59), a maioria esmagadora declarou ter presenciado algum tipo de conflito. Cerca de 83,05% dos atores do circuito inferior. 13,55% dos trabalhadores afirmaram não existir conflitos e 3,38% não declarou. Os conflitos e disputas ocorrem principalmente entre os moto-taxistas da associação (conforme aponta a imagem 13) e motoqueiros clandestinos, os chamados “piratas”. São clandestinos segundo os moto-taxistas porque não participam da associação de moto-táxis “formalmente”²⁷.

Imagem 15: Placa indicativa dos pontos dos moto-taxistas



Fonte: Trabalho de campo, 2015

Acontecem igualmente conflitos entre a associação das vans e a empresa de ônibus. Essas disputas por passageiros se intensificam de maneira tal, que na maioria das vezes a SMTT é acionada para intermediar ou intervir.

²⁷ Entre os principais motivos que impedem a entrada dos moto-taxistas “piratas” na associação são a falta de habilitação e de documentação da moto, por possuir trabalho fixo, por não possuir condições de realizar o curso técnico de condução de passageiros exigido pela Secretaria Municipal de Transporte e Trânsito-SMTT, por não ter recurso para adquirir motocicleta com no mínimo 7 anos de uso, entre outros. (Entrevista com moto-taxista “pirata”, 18 de novembro de 2015).

A violência é uma preocupação constante nas atividades dos trabalhadores de transportes urbanos. Dos 37 moto-taxistas, 62,13% afirmaram nunca terem sido assaltados, contra 37,87% que foram assaltados. Para evitar os riscos de assalto, alguns moto-taxistas adotaram medidas preventivas. Antes do moto-taxista realizar uma viagem para outras cidades ou para a zona rural, ele passa com o passageiro no Batalhão de Polícia Militar de São Miguel dos Campos, que realiza a revista. Esta estratégia já livrou alguns moto-taxistas dos assaltos.

O papel da associação é fundamental nos casos de roubo das motocicletas. Como há uma arrecadação mensal (como já mencionamos), a associação disponibiliza o valor de R\$ 5.000,00 para o motoqueiro assaltado comprar uma nova moto.

CAPÍTULO 5

**AS CONDIÇÕES TÉCNICAS, DE CAPITAL E A ORGANIZAÇÃO DA
FEIRA LIVRE**

5.1- Breve caracterização dos feirantes de São Miguel dos Campos

No conjunto da economia urbana, “têm-se as feiras livres que desempenham papéis de destaque como atividade econômica, abrangendo em sua maioria, uma população de poder aquisitivo baixo, mediante a sua inserção no CI (**circuito inferior**) da economia urbana [...]” (CLIVILAN, 2016, p. 132, grifo nosso). Desta forma, a feira livre, responsável por uma variedade de produtos comercializados para compra, venda e troca e uma diversidade de atividades e ocupações (CLIVILAN, 2016), integra o circuito inferior e desempenha papel importante na economia urbana de São Miguel dos Campos.

Nesta parte do trabalho, apontaremos as principais características da feira como atividade do circuito inferior e as novas dinâmicas desse circuito no período atual a partir das demandas de consumo e trabalho para as populações que recorrem à feira livre. Assim, buscamos em primeiro momento fazer uma caracterização apresentando o perfil dos feirantes de São Miguel dos Campos.

O quadro 3 apresenta os feirantes que participaram da pesquisa de campo. A partir dos questionários aplicados, a comercialização de cereais, vestuário e de frutos do mar são os principais produtos negociados no mercado e na feira livre de São Miguel dos Campos. A pesquisa foi realizada com um total de 53 feirantes do ramo de carnes e peixes, confecções, alimentos, outros pequenos comércios como artigos descartáveis, bomboniere, miudezas e variedades, alguns serviços, hortifrúti e granjeiro e uma atividade de produção.

Quadro 3: Feirantes entrevistados na feira livre de São Miguel dos Campos

Carnes e peixe	Frutos do mar (7) Carne bovina (1)
Confeccções	Calçados e vestuário (2) Vestuário (8) Calçados (1)
Ramo alimentício	Lanches (2) Alimentos e bebida (1) Cereais (feijão, arroz e farinha) (10)
Comércio	Bomboniere (2) Brinquedos e artigos de presente (1) Artigos descartáveis e de aniversário (3) Peças de bicicleta (1) Miudezas e variedades (2) Revistas, jornais e livros (1) Medicamentos (1)
Serviços	Restaurantes (1) Bar (2) Conserto de celular (2)
Hortifrúti e granjeiro	Frangos (1) Verduras (2)
Produção	Detergente e desinfetante (2)
TOTAL	53 feirantes

Fonte: Trabalho, 2015

Uma primeira questão que merece atenção, refere-se ao gênero dos trabalhadores desta atividade. A maior parte dos 53 agentes do circuito inferior da feira livre de São Miguel dos Campos são mulheres. Estas totalizam 66,03% dos feirantes. Enquanto que os homens são 33,97%. Como a maior parte dos trabalhadores da feira compreende as mulheres, isso aponta, a nosso ver, para o fato de que das três atividades analisadas em nosso trabalho, a feira livre é a que possui maior número de agentes dependentes do programa social de transferência de renda Bolsa Família, como veremos mais adiante. Visto que uma das principais características deste programa é que apenas as mulheres podem ser responsáveis pelo benefício.

Os trabalhadores da feira livre em sua maioria são adultos entre 26 e 55 anos. Mas é considerável a participação de jovens entre 15 e 25 anos e idosos que margeiam dos 66 aos 75 anos (conforme tabela 23), o que denota uma capacidade do circuito inferior em incorporar trabalhadores com idades elevadas. Muitas das vezes abandonados por empresas, que visam uma mão de obra mais especializada e jovem.

Tabela 23: Faixa etária dos trabalhadores da feira-livre de São Miguel dos Campos

Faixa etária	%
15 e 25	7,88
26 a 35	18,86
36 a 45	18,86
46 a 55	28,30
56 a 65	9,43
66 e 75	13,20
Não informaram	9,43

Fonte: Trabalho de campo, 2015

No que concerne ao grau de escolaridade dos agentes do circuito inferior da feira livre, a formação básica é incompleta para a maior parte dos feirantes. Embora um percentual relevante dos trabalhadores tenha completado o ensino médio. É possível constatar que grande parte dos trabalhadores não concluíram o ensino fundamental. O que nos mostra que a feira livre é uma atividade da economia urbana pouco exigente quanto à escolaridade dos trabalhadores que nela atuam, conforme tabela 24.

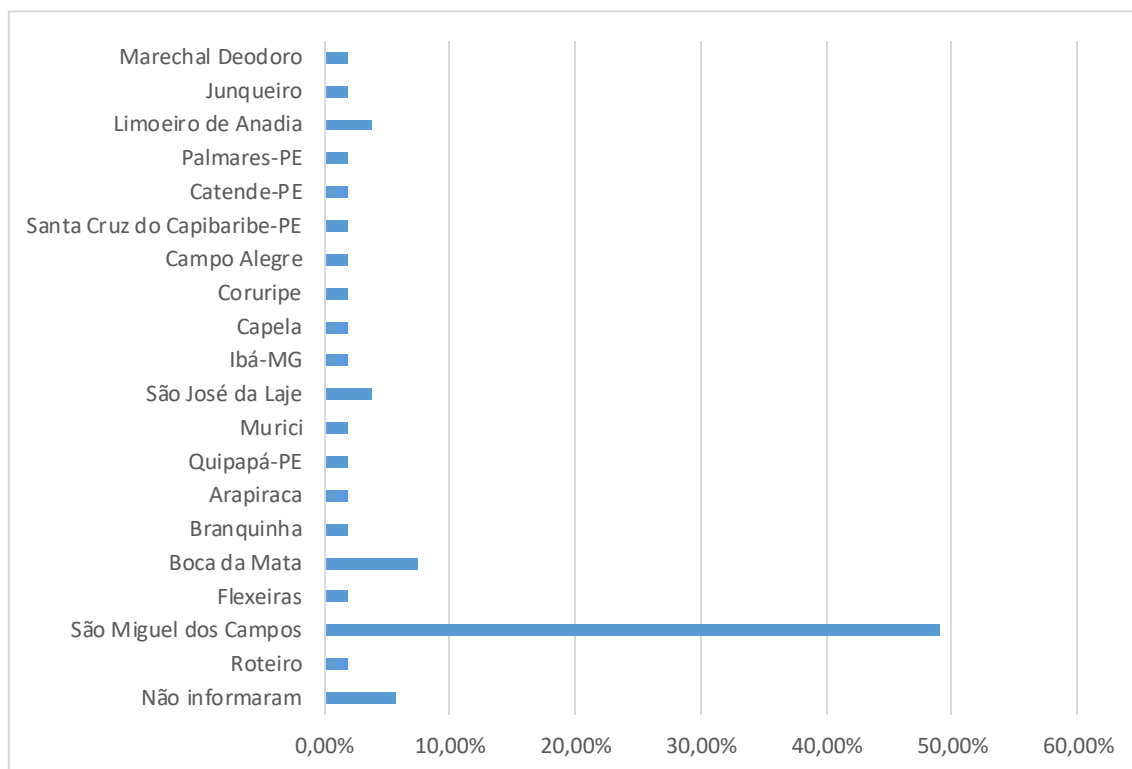
Tabela 24: Escolaridade dos agentes do circuito inferior da feira livre

Grau de escolaridade	%
Analfabetos	1,88
Ensino fundamental incompleto	41,50
Ensino fundamental completo	3,77
Ensino médio incompleto	15,09
Ensino médio completo	20,75
Ensino superior incompleto	1,88
Ensino superior completo	9,43
Não informaram	7,54

Fonte: Trabalho de Campos, 2015

Buscamos apreender a origem destes trabalhadores. Embora os agentes da feira livre tenham migrado para São Miguel dos Campos de inúmeras cidades do estado de Alagoas e de Pernambuco, em sua maioria são da própria cidade de São Miguel dos Campos. As principais cidades de origem dos trabalhadores são Boca da Mata/AL, São José da Laje/AL, Limoeiro de Anadia/AL e outras cidades como Quipapá, Palmares e Santa Cruz do Capibaribe no estado de Pernambuco. Incluindo a cidade de Ibá-Minas Gerais (gráfico 11).

Gráfico 11: Cidade de origem dos feirantes de São Miguel dos Campos



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Em São Miguel dos Campos a origem dos feirantes revela os movimentos migratórios para a cidade e ainda faz perceber que há entre migração e a economia urbana uma estreita relação. Como demonstrou Elidiane Ferreira (2015) ao evidenciar a relação entre a economia urbana e a migração chinesa no território cearense. No caso da cidade de São Miguel dos Campos a migração aparece como variável do circuito inferior da economia urbana. Para Milton Santos (2008 [1979]), as migrações revelam a partir da relação entre economia e espaço as desigualdades existentes entre os lugares à medida que os indivíduos deslocam-se para áreas mais desenvolvidas.

O fenômeno das migrações aparece, portanto, estreitamente ligado ao da organização da economia e do espaço, vistos de um ponto de vista dinâmico. Essas migrações são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas já evoluídas (SANTOS, 2008 [1979] p. 306).

Dos 53 feirantes, incluindo aqueles que migraram, residem em sua maioria na cidade de São Miguel dos Campos. Cerca de 90,56% do total de agentes do circuito inferior da feira livre. Alguns feirantes residem em Roteiro e Maceió, conforme a tabela 25.

Tabela 25: Cidades de residência dos feirantes que migraram para São Miguel dos Campos

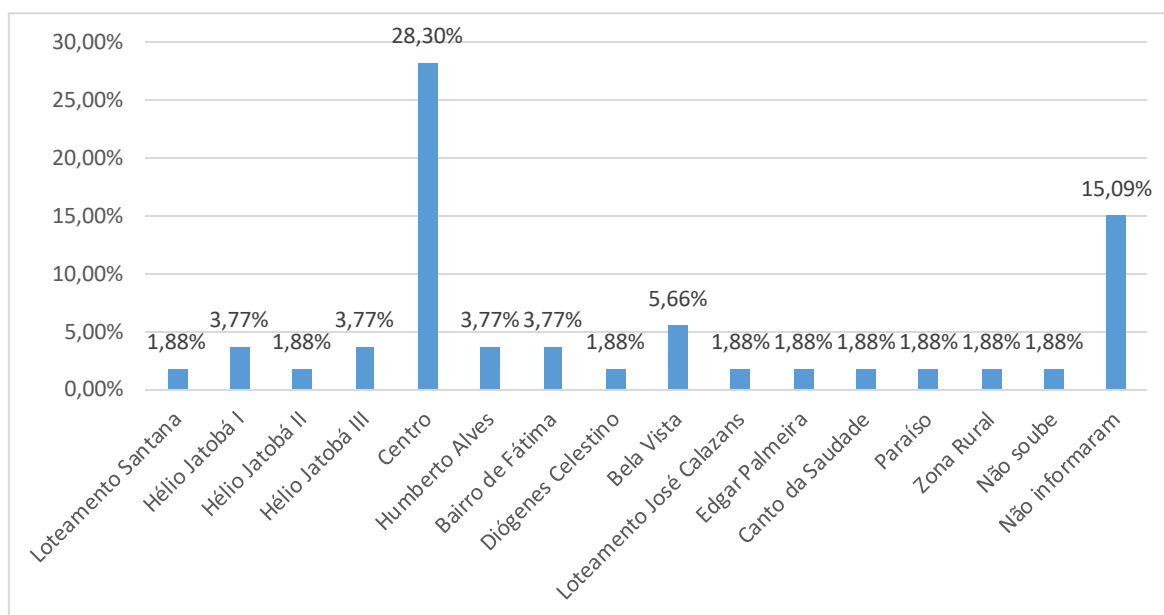
Cidades	%	Quantidade
São Miguel dos Campos	90,58	48
Roteiro	5,66	3
Maceió	1,88	1
Não informou	1,88	1
TOTAL	100	53

Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Dessa maneira, as migrações motivadas a nosso ver por fatores econômicos, tiveram em São Miguel dos Campos papel importante no aumento da população e no processo de urbanização. O que nos faz concordar com Silveira (2014, p. 158) ao sustentar que “não podemos esquecer a importância dos fluxos migratórios no período atual, que revelam novas origens e destinos, novos volumes e frequências” e portanto, concordamos ainda que “a migração de pobres é uma variável inerente ao circuito inferior” (SILVEIRA, 2014, p. 159) como verificamos em São Miguel dos Campos.

A maioria dos trabalhadores da feira livre possuem casa própria. Cerca de 83,01% moram nessas. Enquanto que 16,99% residem em casa alugada. Localizadas principalmente no Centro da cidade e em bairros populares como Bela Vista, Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá III, Humberto Alves e Bairro de Fátima. Esta realidade pode ser observada no gráfico 12.

Gráfico 12: Residência dos trabalhadores da feira livre



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

5.2- As características do trabalho na feira livre

Os trabalhadores passaram a atuar na feira livre de São Miguel dos Campos pelos motivos mais diversos. De acordo com os feirantes, as principais razões de entrada no trabalho da feira é ter o próprio negócio. Para uma menor parcela de agentes do circuito inferior da feira livre, mas não menos relevante, obter uma fonte de renda complementar consiste na principal motivação de entrada para se trabalhar na feira. Em seguida aparecem a falta de oportunidade, continuação dos negócios da família e facilidade de entrada, de acordo com a tabela 26.

Tabela 26: Motivos de entrada dos trabalhadores na feira livre

Motivos de entrada	%
Ter o próprio negócio	32,07
Obter uma fonte de renda complementar	18,86
Falta de oportunidade	7,54
Continuação dos negócios da família	7,54
Facilidade de entrada	7,54
Identidade com a atividade	5,66
Ajudar os parentes	3,77
Trabalho sem burocracia	1,88
Necessidade	1,88
Condições físicas não são mais adequadas para o corte da cana	1,88
Ter parentes produtores	1,88
Para se ocupar	1,88
Desemprego	1,88
Não informaram	7,54

Fonte: Trabalho de campo, 2015

A maior parte destes trabalhadores da feira livre estão atuando nesta atividade da economia urbana durante muito tempo. O que revela a capacidade do circuito inferior em assegurar e manter trabalhadores, conferindo a estes, oportunidades de trabalho e renda durante um significativo período de tempo. Todavia é frequente a inserção de agentes no circuito inferior da economia da feira livre. Neste caso atentamos para a flexibilidade e a facilidade de entrada de agentes no circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 2008 [1979]). Como observamos na tabela 27, a grande maioria dos agentes do circuito inferior da feira livre de São Miguel dos Campos, trabalham nesta atividade em média há 16 e 35 anos. Enquanto que uma menor parcela e não menos significativa, trabalha na feira há 1 mês ou 6 meses, há 7 meses ou 12 meses.

Tabela 27: Tempo de trabalho na feira livre

Tempo	Quantidade	%
1 a 6 meses	5	9,43
7 meses a 1 ano	5	9,43
1 a 2 anos	1	1,88
3 a 5 anos	6	11,32
6 a 10 anos	8	15,09
11 a 15 anos	7	13,20
16 a 25 anos	9	16,98
26 a 35 anos	9	16,98
36 a 45 anos	1	1,88
46 anos ou mais	1	1,88
Não informaram	1	1,88

Fonte: Trabalho de campo, 2015

A feira livre aparece em São Miguel dos Campos como atividade relevante de oferta de oportunidade de trabalho para a população urbana. Dessa maneira, a feira apresenta-se como uma atividade da economia urbana de fácil incorporação de mão de obra, haja vista que pouco se exige dos trabalhadores que necessitem atuar nesta atividade.

É possível encontrar na feira uma diversidade de atividades e ocupações, uma vez que a exigência aí é apenas a força de vontade de trabalhar pois, “a energia (diríamos a força de trabalho) de cada indivíduo é uma mercadoria (BRAUDEL, 1998, p. 36), de forma que para sua realização é necessário um número crescente de pessoas, desde o intermediário, o caminhoneiro, o carregador de bancas, o carregador de fretes, o próprio feirante entre outros (CLIVILAN, 2016, p. 149).

Com base nestas premissas, a feira gera assim uma infinidade de ocupações para a população da cidade. Mas não apenas isso. É também ponto de consumo para as populações de São Miguel dos Campos e das cidades da região.

Acreditamos ser relevante, portanto, compreender as ocupações antigas dos feirantes. Visto que a maior parte destes agentes do circuito inferior de São Miguel dos Campos trabalhavam na mesma atividade que ora atuam, na feira livre. Uma significativa parcela eram donas de casa, outra parte não tinha nenhuma ocupação, outros feirantes trabalhavam como agricultores, vendedores em lojas, atuavam na enfermagem e no funcionalismo público como mostra o quadro 5 montado abaixo.

Quadro 4: Antigas ocupações dos agentes do circuito inferior da feira livre

Feira livre	Sempre trabalhou na feira livre (15,09%) Ambulante (1,88%)
Usina	Cortador de cana (1,88%) Empregado na usina (5,66%)
Empresas	Empregado na Petrobrás (1,88%) Escriturária (1,88%) Construção civil (1,88%) Laboratório (1,88%) Empregado na Antártica (1,88%) Empregado na Cimpor (1,88%) Técnico em química (1,88%) Mecânico industrial (1,88%)
Comércio	Refeições (1,88%) Vendedor de automóveis (1,88%) Vendedor em loja (3,77%) Vendedor de Manguzá (1,88%) Vendedor de sorvete (1,88%)
Serviço público	Enfermagem (3,77%) Professora (1,88%) Funcionário público (3,77%)
Outros	Serviços Gerais (1,88%) Doméstica (1,88%) Agricultor (3,77%) Cortador de lenha (1,88%)
Sem ocupação	Não trabalhava (7,54%) Estudante (1,88%) Dona de casa (15,09%)
	Não informaram (1,88%)

Fonte: Trabalho de campo, 2015

De acordo com os feirantes do circuito inferior, do total de 53, 92,46% trabalham exclusivamente na feira de São Miguel dos Campos. Tanto nas segundas-feiras quanto nos demais dias da semana. E apenas 7,54% atuam também em outras feiras, respectivamente nas cidades de Teotônio Vilela e Boca da Mata. Dessa maneira, a feira de São Miguel dos Campos é para a maior parte dos trabalhadores a única fonte de renda, ou seja, para 64,46%. Enquanto que para 35,84%, o trabalho na feira tem o objetivo de complementar a renda. Trabalham como vigilância, enfermagem, borracharia, aposentadoria, venda de cereais, instalação de antena parabólica. Alguns possuem casas alugadas que complementam a renda.

Parcela significativa dos trabalhadores feirantes recebem benefícios sociais. Cerca de 43,40% do total. O principal benefício recebido pelos trabalhadores é o Programa Bolsa Família-PBF. De acordo com os feirantes pesquisados, 16,10% recebem o PBF. De acordo com

Carvalho (2014) e Silva (2015) é indiscutível a importância desses programas para as populações e a economia das cidades.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, em 2014, 7.161 eram beneficiárias do programa. Os habitantes cadastrados no programa totalizavam 35.483 pessoas (MDS, 2014), o que equivale a mais da metade da população de São Miguel, haja vista que o total de habitantes é de 54.577 (IBGE, 2010). Desta maneira o PBF repassou para as populações pobres de São Miguel dos Campos, um valor total de R\$ 960.337,00 (MDS, 2015). Valor que excede 124% a participação da Indústria - principal atividade econômica – no Produto Interno Bruto-PIB municipal que de acordo com o IBGE (2015), significou R\$ 427.904,00. O que revela certa dependência de São Miguel dos Campos em relação ao programa em questão. O bolsa família é um programa que disponibiliza valor significativo para economia da cidade à medida que aumenta a capacidade de consumo para os mais pobres. Assim as famílias beneficiárias buscam no circuito inferior os bens de consumo que necessitam, como bem evidenciou Silva (2015) ao analisar as novas dinâmicas territoriais provocadas pelo PBF a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana. Dessa maneira, os valores do programa destinados às famílias beneficiárias estão sendo injetados nas atividades do circuito inferior financiando-as e potencializando este circuito. Mesmo que em alguns casos, os recursos sejam sangrados pelo circuito superior. Parafraseando o mesmo autor,

Em trabalhos de campo realizados em algumas cidades do interior do estado de Alagoas ficou claro que os recursos do PBF geram mercados importantes para pequenos comércios do ramo alimentício (mercadinhos, mercearias, bodegas, etc.). Mas em muitos casos esse dinheiro escapa para grandes redes de supermercados em função da necessidade de receber no banco (SILVA, 2015, p. 4734).

Dentro dessa mesma perspectiva, os repasses e os benefícios da previdência social (aposentadorias e pensões), configuram outro importante elemento que assim como o Bolsa Família, garante a sobrevivência de relevante parcela da população de São Miguel dos Campos e conseqüentemente interfere sobre a economia local, assim como de inúmeras outras cidades do estado. Essas são verdadeiras “cidades previdenciárias”. Desta forma, Alagoas torna-se bastante dependente dos recursos da Previdência Social.

As cidades de Alagoas recebem forte impacto da injeção dos repasses previdenciários em suas economias. É significativo o percentual da população do Estado e de São Miguel dos Campos que sobrevivem da Previdência Social. A tabela 27 apresenta a evolução do número de beneficiários para Alagoas e São Miguel dos Campos. Que denota além do aumento do número de benefícios, a ampliação da importância da previdência para a população do Estado e para o município. Em 2000, Alagoas contava com 279.240 habitantes beneficiários da previdência, em 2010, estes totalizavam 434.982 e em 2015 eram 504.316. Em São Miguel dos Campos a Previdência Social assistia 6.888 habitantes no ano 2000, mais 4.914 benefícios foram criados em 2010 e a quantidade de beneficiários atingiu 11.802 neste ano, número que se amplia para 12.467 em 2015.

Tabela 28: Evolução da quantidade de benefícios da Previdência Social – Alagoas e São Miguel dos Campos

	Alagoas	São Miguel dos Campos
2000	279.240	6.888
2001	283.322	6.885
2002	287.295	7.196
2003	293.253	7.246
2004	306.417	7.371
2005	319.831	7.749
2006	337.211	8.296
2007	361.640	9.093
2008	386.970	9.895
2009	409.364	10.939
2010	434.982	11.802
2011	451.747	12.254
2012	467.066	11.179
2013	481.472	11.602
2014	494.058	12.033
2015	504.316	12.467

Fonte: Previdência Social, 2016

Nos anos de 2010 e 2015, Alagoas recebeu um montante de R\$ 2.974.758.656 e R\$ 5.322.570.070, o que demonstra um aumento no valor dos recursos previdenciários repassados para o Estado. Desta maneira, semelhante à realidade previdenciária do Estado de Alagoas, os valores obtidos, em 2015, por São Miguel dos Campos referente à Previdência Social revelam

a importância desse repasse federal para o município. Foram R\$ 138.023.166²⁸ no total e destes R\$ 115.913.666 foram injetados na cidade enquanto que R\$ 22.109.500 na zona rural.

Dos repasses previdenciários, aspecto que nos parece relevante é a importância desse recurso para as populações urbanas. Segundo dados da Previdência Social (2016), a maior parte dos beneficiários do Estado de Alagoas e de São Miguel dos Campos se encontra na cidade. Do total 504.316 beneficiários do Estado de Alagoas em 2015, 317.653 se concentravam na cidade. Cerca de 62,98%. Enquanto que 186.663 residiam na zona rural. Esta realidade é ainda mais aprofundada em São Miguel dos Campos, quando dos 12.467 beneficiários totais 80,37% (10.020) dos benefícios estavam concentrados na cidade e 2.447 dos beneficiários da previdência residiam na zona rural.

Para Cícero Péricles de Carvalho (2014), a Previdência Social é mais importante que o Fundo de Participação dos Municípios-FPM na maioria dos municípios de Alagoas, demonstrando assim a dependência destes em relação aos repasses da Previdência. Não obstante, há uma diferença significativa entre a Previdência e o FPM, pois os repasses previdenciários são pagos diretamente aos beneficiários, enquanto que o FPM é transferido para as prefeituras. Em 2012, a capital alagoana Maceió em suas finanças recebeu a transferência de R\$ 278.142.648,34 de FPM, R\$ 108.694.442,00 foram recebidos pelo Programa Bolsa Família e foram repassados pela Previdência Social R\$ 1.246.796.584,31. Os repasses previdenciários ultrapassam assim em muito os valores do FPM e do PBF, compreendendo a maior parcela dos repasses federais para a capital alagoana.

Realidade semelhante ocorre em São Miguel dos Campos no mesmo ano. Quando o município recebeu R\$ 18.295.731,47 de FPM, R\$ 8.767.274,55 do Bolsa Família e um montante de R\$ 92.410.489,73 da Previdência Social. Assim como Maceió e grande parte dos municípios de Alagoas, São Miguel dos Campos tem na previdência forte sustentação de sua economia e sobrevivência de sua população.

Quanto ao tempo diário trabalhado pelos agentes do circuito inferior da feira livre observamos que o maior percentual diz respeito a trabalhadores cuja jornada de trabalho diária compreende 8 horas principalmente, assim como 6 e 9 horas diárias. A tabela 29 ainda relata que jornadas diárias de trabalho como 10h, 11h, 12h, 14h e até 19h são frequentes no circuito

²⁸ A arrecadação anual da previdência em São Miguel dos Campos foi de R\$ 8.119.272 em 2015. O que representa uma ínfima parcela do total de R\$ 138.023.166 pago pela previdência no mesmo ano.

inferior da feira livre em São Miguel dos Campos. As jornadas de trabalho extrapolam no período o tempo de trabalho de 8 horas/diárias previsto por lei para os trabalhadores do mercado formal de trabalho. Podemos compreender essa questão pelo fato de que nas atividades do circuito inferior o trabalho intenso bem como a elevada quantidade de horas trabalhadas é a garantia de maiores lucros para os agentes hegemonzados.

Tabela 29: Horas trabalhadas pelos agentes do circuito inferior da feira livre

Horas trabalhadas/dia	Quantidade	%
4 - 5	4	7,53
6 - 7	13	24,52
8	13	24,52
9 – 9:30	9	16,97
10, 11 - 12	12	22,63
14	1	1,88
19	1	1,88

Fonte: Trabalho de Campo, 2015

De acordo com os feirantes, 77,35% não possuem carteira de trabalho assinada. O que revela a precariedade do trabalho nesta atividade. No entanto 18,86% possuem registro na carteira de trabalho. Não informaram 3,77%.

No que se refere a capacidade empregatícia da feira livre, observamos a realidade descrita por Santos (1979) acerca do emprego no circuito inferior. Para ele no circuito inferior “às vezes, o proprietário é sozinho e assume, ao mesmo tempo, a direção, o capital e o trabalho” (SANTOS, 2008 [1979], p. 224). No circuito inferior da feira livre de São Miguel dos Campos, a maior parte dos feirantes não possui funcionários. Estes estabelecimentos compreendem cerca de 84,90% do total. No entanto, é possível constatar a criação de trabalho no circuito inferior para além dos proprietários. 15,10% do total dos feirantes possuem funcionários contratados principalmente para o dia da feira. A quantidade varia entre 1 e 3 funcionários. Mas esse número não é exato, acreditamos que é possível haver variação deste percentual, como observamos nos números da utilização de mão de obra familiar.

Ainda no âmbito da empregabilidade do circuito inferior, os estabelecimentos da feira livre declaram que 71,70% não empregam mão de obra familiar, o que reforça uma maior participação do proprietário em todas as etapas do processo de comercialização, como apresentado acima. Mas 28,30%, empregam familiares em seus negócios.

A quantidade de feirantes que declararam empregar mão de obra familiar é superior àqueles que afirmaram ter funcionários. Essa variação dar-se a nosso ver por dois motivos. Em primeiro, pelo fato de que parte dos agentes do circuito inferior da feira não considerarem parentes como funcionários e, por outro lado, por não efetuarem pagamento direto de salário aos parentes que atuam nas atividades. O que a nosso ver fica evidente é a capacidade de empregabilidade do circuito inferior no período atual para familiares ou funcionários contratados para os mais variados ofícios presentes na feira livre. O circuito inferior é empregador, mesmo que seja “[...] um emprego frequentemente inseguro, porque instável, na verdade um subemprego, porque mal remunerado. Mas é assim que as pessoas ganham um pouco de dinheiro numa economia urbana crescentemente monetária” (SANTOS, 2009b, p. 98).

Quanto aos salários pagos aos funcionários na feira livre, estes são significativamente baixos. De acordo com os feirantes, a maioria dos funcionários não recebem salários. Pensamos ser estes, os parentes dos proprietários dos estabelecimentos. Quanto aos funcionários que recebem salários, a média da diária é R\$ 27,00 e para os trabalhadores da feira que recebem salários mensais encontramos trabalhadores que recebem R\$ 240,00, R\$ 440,00 e R\$ 780,00 mensais.

Referente aos produtos comercializados na feira de São Miguel dos Campos, nossa pesquisa ocorreu com agentes comerciantes de alguns dos principais produtos da feira livre e do mercado, conforme as fotos 14, 15 e 16.

Imagem 16: Comércio de variedades no mercado público de São Miguel dos Campos

Imagem 17: Comércio de CD's e DVD's no mercado público de São Miguel dos Campos



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Imagem 18: Comércio de carnes no mercado público em dia de feira



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

5.3- Circuito espacial produtivo e circuito inferior: a feira livre como ponto de escoamento da produção regional

Os comerciantes da feira, dos 53 pesquisados são, em sua maioria esmagadora, apenas vendedores. Estes são 88,68%. O que exige por parte destes a aquisição dos produtos de distribuidores ou dos produtores. Produtor e vendedor são apenas 11,32% do total. Desta maneira, a quase totalidade dos vendedores que não produzem, adquirem os produtos junto aos distribuidores, isto é, intermediários que compram e revendem os produtos para ser novamente revendidos pelos trabalhadores da feira. O que denota a presença e importância dos intermediários²⁹ no circuito inferior da feira livre de São Miguel dos Campos.

Os feirantes que comercializam frutos do mar por exemplo, afirmaram obter os produtos das mulheres do Roteiro (essas mulheres comercializam e distribuem a produção realizada por seus maridos). A dinâmica do circuito inferior de São Miguel dos Campos mostra que a feira livre é uma atividade em que ocorre o processo de escoamento da produção realizada na região.

²⁹ De acordo com Paul Clivilan (2016), existem três tipos de intermediários. “No que diz respeito aos intermediários, estes desempenham papel de significativa importância nas relações entre os diversos atores da feira. É possível encontrar diversos tipos de intermediários: a) uns são apenas intermediários, compram produtos no campo, na indústria e no comércio, para revender aos feirantes que chegam de diversas localidades; b) outros são intermediários e feirantes, compram os produtos para revender diretamente na feira como feirante e para entregar a outros feirantes e comerciantes locais; c) e outro tipo de intermediário, é aquele que compra a outros intermediários, fazendo a revenda em retalho no mercado para os feirantes” (CLIVILAN, 2016, p. 151).

Em nosso caso, na feira ocorrem as etapas da comercialização e do consumo do circuito espacial produtivo da pesca de mariscos como massuni, sururu, camarão e peixes.

Para Cataia e Silva (2013:66), é necessário compreender os nexos e as relações entre os dois circuitos da economia urbana e os circuitos espaciais produtivos. Sem o entendimento destes últimos, os primeiros não podem ser hoje compreendidos. Os circuitos espaciais produtivos compreendem as diversas etapas pelas quais passam um produto até o seu consumo final.

Dessa maneira, quanto às etapas do circuito espacial produtivo da pesca, a produção é realizada na cidade de Roteiro pelos pescadores, a distribuição é feita por intermediários e/ou pelos próprios produtores. A feira livre, portanto, cumpre as duas últimas etapas do circuito espacial produtivo. A comercialização realiza-se no mercado público de São Miguel dos Campos (imagem 17) pelos próprios produtores ou feirantes que adquirem os produtos para revender e o consumo final envolve em sua maioria a população de São Miguel dos Campos e das cidades vizinhas. Dessa maneira, observamos a importância da feira livre e do mercado público como ponto de escoamento da produção da região.

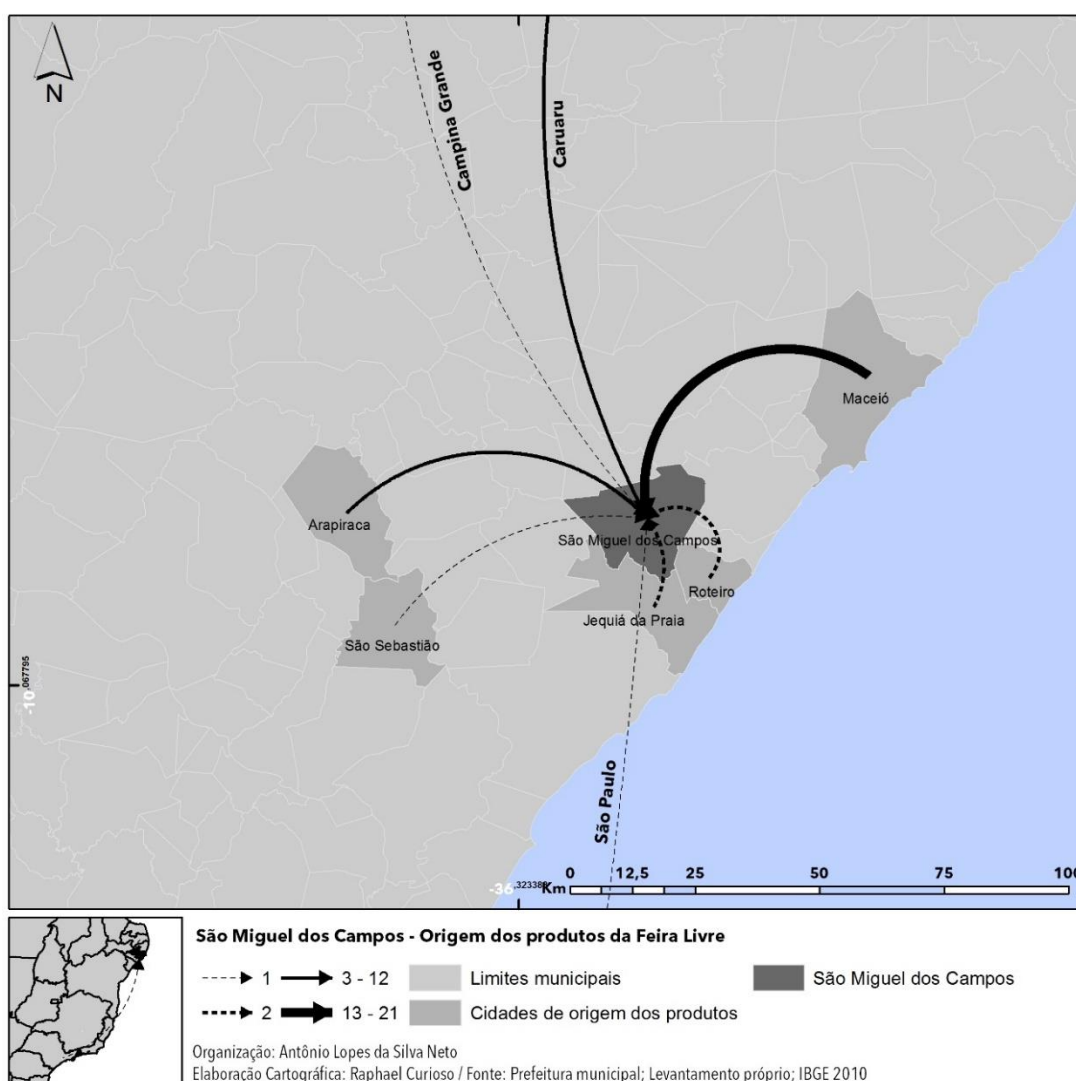
Imagem 19: Ponto de venda de frutos do mar no mercado público



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Os produtos comercializados na feira livre de São Miguel dos Campos são oriundos da própria cidade de São Miguel dos Campos, inúmeras cidades da região, do Estado de Alagoas e de outros estados do Brasil (mapa 9). As mercadorias são principalmente adquiridas na capital do estado, Maceió. Arapiraca aparece como segundo polo de aquisição dos produtos da feira. Em São Miguel dos Campos os agentes do circuito inferior da feira também adquirem seus produtos ou matérias-primas para a comercialização às segundas-feiras. Caruaru/PE, um dos principais polos de confecção do Nordeste, aparece igualmente como uma das principais cidades de aquisição de produtos e a principal neste ramo de atividade por parte dos feirantes de São Miguel dos Campos, além de outras cidades do estado de Alagoas e de outros estados do país.

Mapa 9: A circulação dos produtos comercializados na feira livre



Parte destes produtos ficam guardados na feira livre ao final do expediente. Do total de estabelecimentos pesquisados, 39,62% deixam seus produtos na feira para serem comercializados nos demais dias de trabalho. Outra parte dos feirantes (16,98%) que recebem seus produtos de outras cidades no dia da feira ou mesmo que adquirem suas mercadorias em outras cidades, afirmaram que os mesmos chegam à feira livre e ao mercado público, principalmente transportados pelo distribuidor que é o intermediário. Esses distribuidores transportam suas mercadorias principalmente em caminhão. Assim, “os donos de caminhão são, frequentemente, intermediários entre os agricultores **e produtores**, de quem compram a produção *in loco*, e os comerciantes do mercado, que eles abastecem” (SANTOS, 1979, p. 228, grifo nosso). 13,20% transportam as mercadorias em carro próprio. 7,54% trazem os produtos em caminhão e 7,54% em motocicletas. Em carro de mão 3,77% dos feirantes transportam suas mercadorias (foto 18). No transporte de van e de ônibus, trazem as mercadorias 1,88% e 1,88% dos feirantes. Referente ao transporte dos produtos não informaram 7,54% de trabalhadores.

Imagem 20: Trabalhador responsável pelo transporte das mercadorias



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

Dessa maneira alguns proprietários de estabelecimentos da feira livre têm gastos para a realização do transporte das mercadorias até o local de comercialização. Aproximadamente 22,64% dos trabalhadores contratam serviços de transporte das mercadorias. O valor do

transporte pode variar de R\$ 2,00 a R\$ 100,00 (dois a cem reais). No entanto, a maioria dos negócios da feira não têm gastos com o transporte das mercadorias. Cerca de 77,36% do total. O fato de alguns feirantes não terem gastos com o transporte das mercadorias se dá porque os produtos da maioria ficam armazenados nas barracas e boxes da feira e porque os próprios feirantes ou parentes realizam o transporte das mercadorias.

Os produtos que sobram são, de acordo com os feirantes, guardados e revendidos. Realizam esta prática cerca de 69,81% do total de 53 feirantes. 7,54% põe os produtos no freezer e reaproveitam, 7,54% levam as mercadorias para casa e revendem-nas. Existem ainda aqueles que consomem os produtos (1,88%) e os que afirmaram desenvolver a estratégia de fazer promoção com os produtos que sobram (1,88%). Segundo 1,88% dos trabalhadores não sobram produtos e 9,43% não informaram o que fazem dos produtos que sobram dos estabelecimentos da feira.

Quanto à concorrência existente entre os agentes do circuito inferior da feira de São Miguel dos Campos, esta ocorre sobretudo entre os próprios feirantes. Feirantes que comercializam o mesmo produto e aqueles que são vizinhos, concorrem uns com os outros. Havemos de concordar que “essas firmas não hegemônicas **ou estabelecimentos não hegemônicos** concorrem entre si (para o fornecimento de bens ou serviços) [...]” (SANTOS, 2009b, p. 101, grifo nosso). Tal concorrência ocorre em forma de conflitos, pois as disputas ou mesmo “*a usura*” como lembra Santos (2008 [1979]) em outro momento, são as garantias de aumento dos rendimentos e dos lucros, isto é, da quantidade de dinheiro líquido. Dessa maneira, 26,41% dos trabalhadores da feira têm como principais concorrentes os feirantes que comercializam o mesmo produto. Cerca de 24,52% dos feirantes afirmaram ser seus concorrentes, os feirantes que no local de trabalho têm maior proximidade. Os demais feirantes são os concorrentes para 5,66% dos agentes do circuito inferior. 9,43% declararam não ter concorrentes. Enquanto que 7,54% afirmaram que os comerciantes locais externos à feira livre são os principais concorrentes. Assim, observamos que os estabelecimentos da feira acabam estabelecendo relações de concorrência com os agentes do comércio local. Não informaram 16,98% dos feirantes.

Sobre os equipamentos utilizados para o processo de comercialização dos produtos encontraremos uma dupla realidade. De um lado, o circuito inferior com base em suas necessidades recupera materiais com o objetivo de reutilizá-los para comercializar os produtos. Por outro, em vista da banalização de equipamentos eletrônicos e a ampliação do consumo destes equipamentos, o circuito inferior utiliza novos objetos técnicos no processo de

comercialização das mercadorias. A utilização de bancas e mesas, prateleiras, vitrines e balcões construídos de madeira, cabides, caixas, cordões, balanças e grades são os principais materiais usados pelos agentes do circuito inferior no processo de comercialização. A reutilização de materiais ainda é uma realidade presente no circuito inferior. Desta forma, acreditamos que quanto menor a cidade, mais este fato ocorrerá.

Mas novos equipamentos também são encontrados para realização das vendas no circuito inferior. Freezers, máquina de sanduíche, fogão industrial, serra elétrica, geladeiras, calculadoras, máquina de sorvete, máquina de solda são exemplos de novos equipamentos usados pelas atividades do circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos. Assim, o uso de novos equipamentos técnicos, ou mesmo objetos mais modernos é um dado característico do circuito inferior do período atual.

Os feirantes utilizam também barracas e boxes próprios ou alugados. Do total de 53 estabelecimentos pesquisados sobre a propriedade da barraca, 67,92% dos agentes do circuito inferior que trabalham na feira livre de São Miguel dos Campos são os proprietários da barraca. Enquanto que 17 feirantes (32,08%) atuam na feira em barracas alugadas. Os alugueis variam de R\$ 6,00 a R\$ 22,00 por semana e podem ser efetuados mensalmente, com valores entre R\$ 200,00 e R\$ 350,00 em média.

Para atuarem na feira livre de São Miguel dos Campos, os trabalhadores efetuam pagamentos de alguns encargos ao poder público. A grande maioria dos atores do circuito inferior paga imposto à prefeitura, estes totalizam 94,33%, enquanto que 1,90%, isto é, 1 feirante, declarou não pagar imposto. 3,77% não informaram se pagam algum tipo de imposto. Fica evidente que o circuito inferior da economia urbana tem significativa participação na receita dos impostos do município. Pois, como já demonstramos, para o caso das micros e pequenas empresas que participam de maneira significativa na arrecadação do IPTU da cidade de São Miguel dos Campos, os valores e impostos cobrados para os feirantes têm igualmente significativa participação na arrecadação do município. O que demonstra que o circuito inferior tem importante participação na arrecadação das despesas do município.

Quanto a utilização de publicidade ou propaganda como estratégia de comercialização, a maioria esmagadora dos agentes do circuito inferior da feira não usam publicidade. Respectivamente 98,11%, quase a totalidade dos estabelecimentos não fazem propaganda ou publicidade de seus bens e serviços na feira livre. E apenas 1,89% afirmou realizar uso de letreiros para ampliar as vendas.

5.4- Mecanismos financeiros do circuito inferior da feira livre

A feira livre do circuito inferior a partir das atividades alocadas no mercado público, possui uma dinâmica financeira própria. Os feirantes pagam os produtos que comercializam majoritariamente com dinheiro líquido. Dos 53 trabalhadores da feira, 74,78% afirmaram efetuar o pagamento das mercadorias com dinheiro. Em seguida o fiado aparece como prática frequente no processo de aquisição de mercadorias, isto é, 7,51% dos feirantes. Outras formas de pagamento ocorrem com menor frequência. Realizam o pagamento dos produtos de seus negócios através de crédito ao distribuidor e ao produtor, 1,88% e 2,82% pagam as mercadorias com boletos. Utilizam cartão de crédito para adquirir os produtos 1,24% dos feirantes. 0,94% pagam as mercadorias com notas promissórias e os menores percentuais compram mercadorias tanto com crédito ao distribuidor (0,62%) quanto com cheque (0,62%). Outras formas de pagamento não especificadas são realizadas por 5,6% dos feirantes. Não informaram esta questão cerca de 5,6 % feirantes.

Além das formas de pagamento das mercadorias, as formas de pagamento aceitas pelos feirantes compõem essa dinâmica dos mecanismos financeiros da feira livre. Sobre as formas de pagamentos ofertadas aos clientes da feira, o dinheiro é a principal delas. Este aparece ofertado por 66,03% dos 53 trabalhadores. Seguido de dinheiro e fiado, disponibilizados por 32,07% dos feirantes para seus clientes. O principal critério utilizado para a seleção de clientes para o fiado é o conhecimento pessoal existente entre o vendedor e o comprador. E trabalham aceitando dinheiro e cartão de crédito na feira apenas 1,9% dos feirantes.

Estes mecanismos reforçam como já vimos, que o circuito inferior tem grande “fome” e necessidade de dinheiro líquido no período atual. Pois, mesmo que as operações sejam feitas a crédito e em escala muito pequena, não deixam de ser feitas em termos de dinheiro (SANTOS, 2008 [1979] p. 230). Pois embora utilizem novas formas a aquisição dos produtos pelos feirantes e a comercialização desses aos consumidores, como boleto, cartão de crédito, promissórias, cheque e crédito ao distribuidor, o dinheiro ainda é a principal forma de pagamento das mercadorias no circuito inferior da economia urbana.

Quanto a utilização de empréstimos para aplicações de investimentos nos estabelecimentos da feira, 64,15% nunca utilizaram este recurso. Enquanto que 30,18% do total já utilizaram e ainda recorrem aos bancos para conseguir dinheiro e investir em seus negócios. É importante lembrar que 3,77% dos feirantes não informaram se já haviam utilizado

empréstimos em seu trabalho. Entre os principais bancos que fornecem empréstimos para os pequenos agentes hegemônicos, o Banco do Brasil, Banco do Nordeste e o Bradesco são as principais instituições financeiras responsáveis por esses empréstimos. O programa mais usado pelos agentes do circuito inferior é o Crédiamigo³⁰. Aqui aparece uma questão semelhante ao que levantamos para as micros e pequenas empresas, pois acreditamos que programas e investimentos nas atividades do circuito inferior da economia urbana ampliam sua capacidade e potencialidade de criação de renda e trabalho.

Outro dado que observamos na feira livre, é a possibilidade de alteração do valor do produto oferecido pelos agentes do circuito inferior. Esta flexibilidade dos preços dos produtos corresponde aos mecanismos financeiros das atividades de pequena dimensão. A partir da oferta de produtos, quando esta for menor que a demanda, os preços tendem a subir, mas como verificamos, podem baixar a partir das negociações diretas entre clientes e feirantes. Esta relação podemos identificar como a famosa pechincha. “A pechincha, quer dizer, a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior” (SANTOS, 2008 [1979], p. 250). Dessa maneira, 58,50% dos feirantes afirmaram que os produtos sofrem alteração, os preços podem aumentar ou baixar. Estes são reduzidos quando “a feira não está boa” no dizer dos trabalhadores, ou quando os clientes solicitam. 33,96% dos agentes do circuito inferior afirmaram que os preços não são alterados. Não informaram a possibilidade de alteração dos preços 7,54% do total. A dinâmica dos preços é responsável pela margem de lucro das atividades que varia de 10 a 40% do total investido na atividade.

O rendimento médio dos agentes do circuito inferior da feira de São Miguel dos Campos varia de maneira considerável. Dos que auferem renda de R\$ 20,00 semanalmente até os que declararam ter renda mensal de R\$ 8.000,00. No entanto, em sua maioria, os feirantes possuem renda de R\$ 250,00 e R\$ 400,00 semanalmente. Observamos ainda os que atingem rendimentos

³⁰ O Crediamigo é um programa do Banco do Nordeste e compreende “o maior Programa de Microcrédito Produtivo Orientado da América do Sul, que facilita o acesso ao crédito a milhares de empreendedores pertencentes aos setores informal ou formal da economia (microempresas, enquadradas como Microempreendedor Individual, Empresário Individual, Autônomo ou Sociedade Empresária)”. “O Crediamigo faz parte do Crescer - Programa Nacional de Microcrédito do Governo Federal - uma das estratégias do Plano Brasil Sem Miséria para estimular a inclusão produtiva da população extremamente pobre”.

Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/crediamigo>. Acesso em: 19/04/2016

de R\$ 100,00, R\$ 150,00, R\$ 200,00, R\$ 500,00 e R\$ 800,00 e demais trabalhadores que arrecadam outros valores, de acordo com a tabela 30.

Tabela 30: Rendimento médio semanal dos feirantes de São Miguel dos Campos

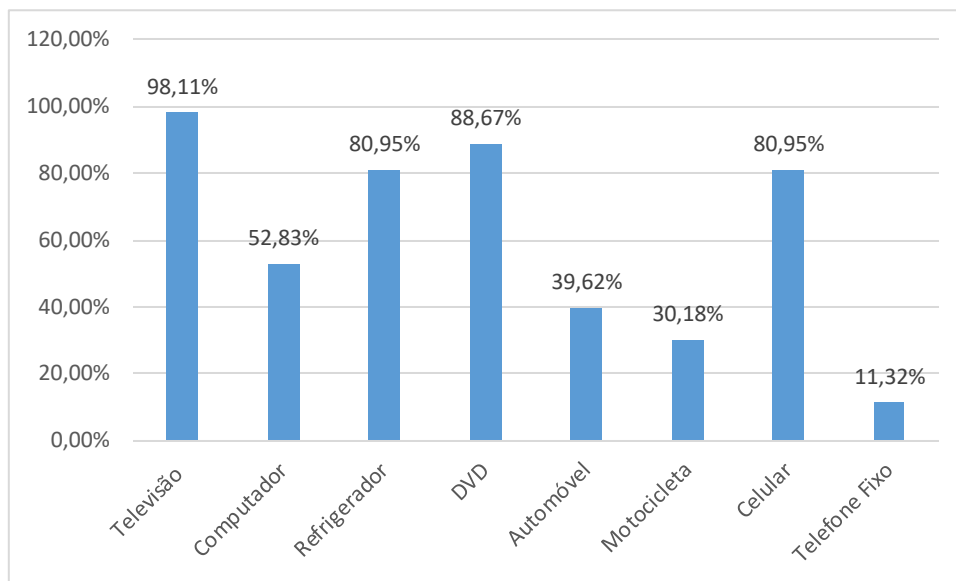
Valor (R\$)	Quantidade	%
20,00	2	3,77
40,00 - 50,00	4	7,53
90,00 – 150,00	8	15,08
200,00 – 300,00	9	16,97
400,00 – 550,00	10	18,85
650,00 – 800,00	5	9,42
1.000,00 – 2.000,00	2	3,76
8.000,00	1	1,88
Não soube	10	18,86
Não informaram	3	5,66

Fonte: Trabalho de campo, 2015

Os rendimentos do circuito inferior da feira são utilizados pelos agentes para o consumo cotidiano. A maior parte dos feirantes utilizam os lucros para as despesas familiares, estes são respectivamente 54,43%. As despesas familiares englobam gastos com alimentação, energia, água, gás de cozinha, remédios etc. Outra parte dos trabalhadores utilizam os lucros obtidos tanto para as despesas com a família, quanto para investir no negócio. Cerca de 22,64% do total utilizam para este fim os lucros. Encontraremos ainda aqueles que usarão os lucros para despesas familiar e pagamento de funcionário. Compreendendo estes últimos 1,88% do total. Iguais 1,88%, utilizam os lucros para despesas familiar e pagamento de funcionário. 1,88% investem no negócio e nos estudos. Existem ainda os que pagam o carro, empréstimo, alimentação, material escolar e fatura de cartão de crédito com os rendimentos, (1,88%). Quanto ao uso dos lucros, 3,77% não informaram e 1,88% não souberam responder.

Ainda abrangendo os gastos com consumo, os trabalhadores do circuito inferior adquirem inúmeros bens. Desde aparelhos eletrônicos até motocicletas e automóveis. Os principais aparelhos eletrônicos consumidos pelos agentes do circuito inferior é televisão, aparelho de DVD, refrigerador, telefone celular e computador. Seguidos de outros bens como automóveis, motocicleta e telefone fixo. O gráfico 13 demonstra o percentual de feirantes que declaram simultaneamente possuir os bens descritos abaixo. Além dos bens relatados, os agentes do circuito inferior utilizam os elementos da informação. A internet é assim usada pelos trabalhadores da feira. 52,83% do total de feirantes têm acesso a internet.

Gráfico 13: Consumo dos trabalhadores da feira livre



Fonte: Trabalho de Campo, 2015

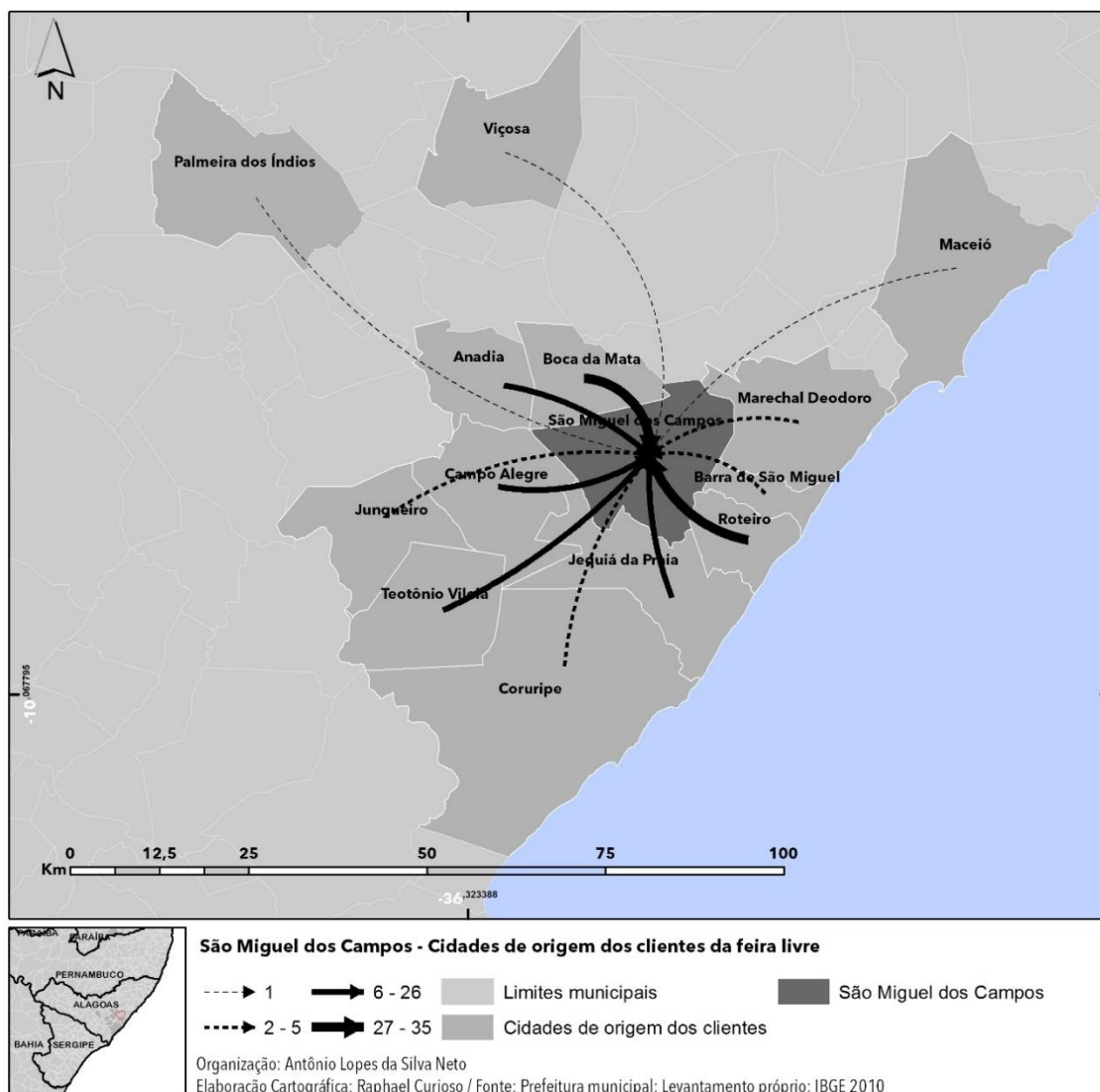
Os agentes do circuito inferior utilizam em sua maioria cartão de crédito no processo de consumo. Cerca de 50,94% utilizam cartão de crédito. Sendo que destes 70,37% possuem cartão de crédito próprio, enquanto que o restante usa cartões emprestados de parentes ou amigos. 45,28% dos feirantes não utilizam cartão de crédito para aquisição de produtos e bens.

5.5- Abrangência de mercado do circuito inferior da feira livre

Referente a abrangência de mercado do circuito inferior, os clientes que são atraídos pela feira livre de São Miguel dos Campos e que realizam seus consumos nesta atividade da economia urbana são oriundos das mais variadas cidades da região. Dessa maneira, a origem dos clientes da feira livre revela a influência e a abrangência de mercado do circuito inferior que extrapola os limites locais ao abrigar clientes de outras cidades.

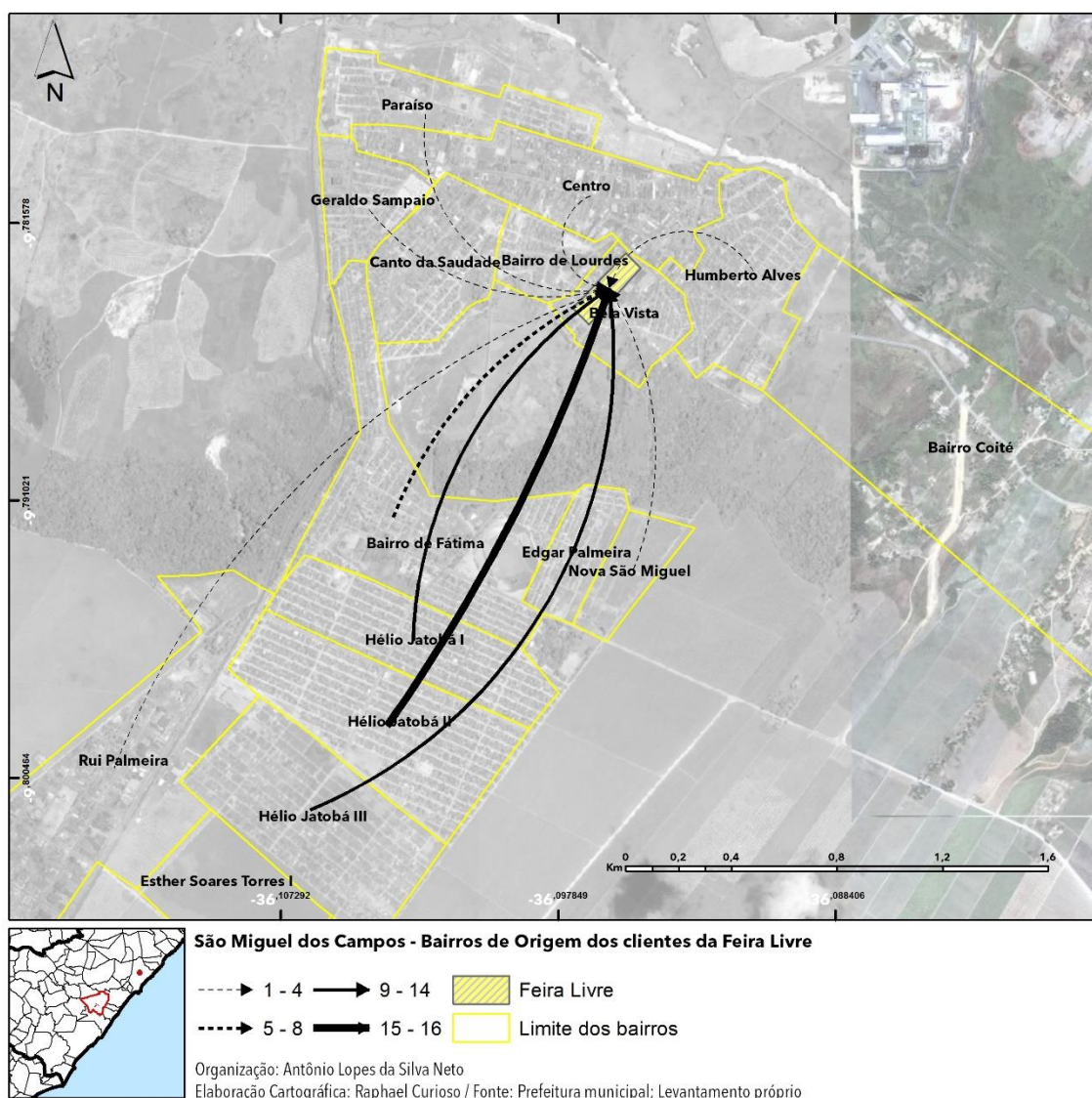
São Miguel dos Campos é a cidade com maior percentual de clientes na feira livre. Aproximados 92,45% dos feirantes responderam que possuem clientes da cidade de São Miguel dos Campos. 66,03% têm clientes da cidade de Roteiro. Iguais 66,03% dos trabalhadores têm clientela de Boca da Mata. Possuem clientes da cidade de Campo Alegre, 47,16% dos feirantes, de Anadia 41,50% e de Teotônio Vilela são 41,50% da clientela da feira. Além de outras cidades, inclusive cidades de outras regiões do estado como mostra o mapa 10.

Mapa 10: A feira livre e os fluxos no circuito inferior



Dos clientes que são principalmente da cidade de São Miguel dos Campos, como vimos anteriormente, buscamos identificar os bairros de origem da população que consome na feira livre. Os principais bairros de origem dos clientes do circuito inferior são Hélio Jatobá II (30,18%), Hélio Jatobá I (26,41%), Hélio Jatobá III (24,54%) e Bairro de Fátima (15,09%), como é possível observar no mapa 11.

Mapa 11: A circulação de pessoas e os fluxos da feira livre em São Miguel dos Campos



As características da feira livre de São Miguel dos Campos fornecem-nos pistas para compreender o dinamismo atual do circuito inferior. A feira livre compreende, portanto, uma das principais atividades do circuito inferior da economia urbana de São Miguel dos Campos.

Esta fornece inúmeras possibilidades e oportunidades de trabalho e de consumo para as populações de São Miguel dos Campos e das cidades circunvizinhas.

5.6- A cidade vista em sua totalidade a partir das atividades do circuito inferior

Como nos atentamos em nossa pesquisa ao circuito inferior, não se pode perder de vista a natureza de suas relações com o circuito superior para assim identificar como o circuito inferior está integrado à economia moderna e como este explica a cidade em sua totalidade. O conjunto das três atividades estudadas nos apresenta a cidade de São Miguel dos Campos de forma mais completa e complexa.

Para Karel Kosik (1976:46) a “totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”. A totalidade consiste dessa maneira no conjunto das partes em constante processo de interação. Milton Santos (1996) segue a mesma linha de pensamento ao propor que “a totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento” (SANTOS, 1996, p. 116). Como adverte Karel Kosik (1976), acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade, como também todos os fatos reunidos em seu conjunto não constituem a totalidade.

Assim, o conhecimento, ou seja, a compreensão da realidade que é a totalidade apenas pode ocorrer com a “decomposição do todo” (KOSIK, 1976, p. 18).

Esta decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento filosófico – com efeito, *sem decomposição não há conhecimento* – demonstra uma estrutura análoga à do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo (KOSIK p. 18, 1976).

Outrossim, “o todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo (SANTOS, 1996, p. 120). É necessário compreender as partes para se chegar ao entendimento da totalidade.

Se a cidade é um todo em permanente movimento (SILVEIRA, 2004), ela é uma totalidade. As micros e pequenas empresas, o transporte urbano e a feira livre de São Miguel dos Campos em suas principais características e funcionamento nos revelam a dinâmica econômica da cidade. Ao buscarmos o entendimento de atividades do circuito inferior, podemos

apreender a economia urbana de São Miguel dos Campos, haja vista, as partes estão contidas e influenciam o todo e o todo está contido e influencia as partes formando um processo dialético. Dessa maneira evidenciamos a importância das atividades de pequena dimensão para o conjunto da economia urbana.

O circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos apresenta características e um comportamento específico a partir das novas variáveis incorporadas pelas pequenas atividades no período atual. Na situação geográfica estudada, o circuito inferior é gerador de uma multiplicidade de formas de trabalho e rendimento. Os proprietários das micros e pequenas empresas, os moto-taxistas, os proprietários e motoristas das vans, os motoristas de ônibus e os feirantes são trabalhadores que buscaram no circuito inferior oportunidades de ocupação em virtude do desemprego e da falta de trabalho na cidade de São Miguel dos Campos. Essas atividades, além de empregar considerável parcela da população, prestam relevantes serviços de mobilidade urbana e desempenham importante participação no abastecimento do mercado interno da cidade a partir da comercialização de mercadorias e serviços. O atendimento das necessidades de consumo da população é um dado do comportamento do circuito inferior da economia em São Miguel dos Campos.

Como as atividades do circuito inferior da economia urbana envolvem diferentes graus de incorporação das variáveis-chaves do período (MONTENEGRO, 2006), a utilização de novas tecnologias como aparelho celular, maquineta de cartão e computador é um dado característico das atividades do circuito inferior de São Miguel dos Campos na atualidade. Além da produção e uso de propaganda com o objetivo de expandir os negócios e aumentar as vendas e a lucratividade.

A dinâmica das atividades do circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos utiliza os elementos do sistema financeiro no período atual. Linhas de crédito bancário, empréstimos, financiamentos, consórcios e o uso de cartão de crédito figuram os principais elementos financeiros incorporados pelo circuito inferior da economia. Estes elementos têm grande implicância no desenvolvimento da economia urbana, pois, a força das finanças é um fator-chave que vem alterar a natureza do funcionamento do circuito inferior no período atual (MONTENEGRO, 2006, p. 53).

A partir das relações estabelecidas entre o circuito inferior e os diversos circuitos espaciais produtivos, o abastecimento do mercado interno da cidade – via micros e pequenas empresas e feira livre – e o escoamento da produção local, regional e as vezes nacional em São Miguel dos Campos, centro de atração e distribuição de mercadorias, o circuito inferior amplia

sua escala de atuação na rede urbana no período atual. Segundo Milton Santos (2012c, p. 112), “as atividades do circuito inferior tornam-se pouco a pouco capazes de impor sua influência sobre unidades espaciais mais extensas”. Em São Miguel dos Campos a abrangência de mercado das atividades estudadas, no que concerne a aquisição de mercadorias e a atração de clientes, ultrapassa os limites locais e regionais.

O meio ambiente construído da cidade de São Miguel dos Campos que enfrentou significativa expansão e complexização, tem relação direta com as pequenas atividades que atuam e sobrevivem na cidade. O circuito inferior da economia dialoga com a materialidade da cidade. Os aluguéis efetuados pelas micros e pequenas empresas demonstram formas de valorização e uso do meio construído pelo circuito inferior. Mas ainda, a sua capacidade de geração de renda, visto que, os imóveis alugados para o funcionamento das atividades conferem rendimentos aos proprietários. O Imposto Predial e Territorial Urbano-IPTU, pago pelas micros e pequenas empresas da cidade, sobretudo aquelas localizadas no centro, também apresenta como as atividades do circuito inferior relacionam-se com a dinâmica do meio ambiente construído no período atual em São Miguel dos Campos, mas também a capacidade deste circuito em gerar receitas para o município. O que revela sua importância no conjunto da economia da cidade.

O pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano-IPTU, de alvarás de funcionamento das atividades de transporte, das taxas semanais e/ou mensais pagas pelo chão da feira e outros impostos efetuados, reforçam o potencial de geração de receitas para o município por parte das atividades do circuito inferior. O poder público e, portanto, os recursos da cidade beneficiam-se dessas atividades. O circuito inferior tem grande potencial de interferência no dinamismo da economia local.

Diante do exposto, as características e o funcionamento do circuito inferior da economia urbana apresenta a dinâmica da cidade em seu processo de construção. As atividades de pequena dimensão estão integradas à lógica econômica da cidade, compreendendo partes de um todo em constante movimento. Assim, pode-se chegar ao conhecimento da realidade econômica da cidade de São Miguel dos Campos, pois entender o circuito inferior da economia urbana é compreender a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste trabalho compreender a economia urbana de São Miguel dos Campos/AL no período atual a partir da compreensão do funcionamento de atividades de pequena dimensão do circuito inferior da economia urbana.

A economia urbana de São Miguel dos Campos foi consolidada pela expansão da atividade canavieira para os tabuleiros costeiros do Estado de Alagoas. Esta atividade impulsionou o processo de urbanização e a dinâmica populacional do município a partir dos anos de 1990. Destes processos resultou a expansão do meio ambiente construído com a doação de lotes para uma parte da população da cidade, do campo e de municípios vizinhos, o que culminou na criação de novas áreas urbanas. O complexo residencial Hélio Jatobá, formado pelos loteamentos Hélio Jatobá I, Hélio Jatobá II e Hélio Jatobá III, todos datados do fim dos anos 90 e início dos anos 2000, é prova cabal da dinâmica populacional e expansão urbana pela qual passou São Miguel dos Campos. Esses novos espaços compreendem áreas periféricas em que reside a grande parte da população pobre da cidade.

Agravam-se as situações de pobreza urbana vividas pela população da cidade com o aumento do desemprego. Visto que com o desemprego gerado tanto pelo fechamento de usinas, quanto pelo processo de modernização do campo, somado à falta de oportunidades de trabalho, grande parte da população de São Miguel dos Campos não vê atendidas as suas necessidades de trabalho e renda. Assim, o crescente desemprego faz multiplicar a quantidade de atividades econômicas de capitais reduzidos. O que obriga os habitantes da cidade a redefinirem as situações de pobreza no período atual.

Dessa maneira é no circuito inferior da economia urbana que grande parte da população de São Miguel dos Campos encontra refúgio, isto é, oportunidades de trabalho e possibilidades de consumo, pois um dos papéis primordiais deste circuito é a criação de atividades voltadas para as camadas mais pobres, que precisam de um circuito diferenciado do setor moderno para satisfazer suas necessidades de consumo (ALMEIDA, 2000).

A partir da compreensão da organização das micros e pequenas empresas de comércio e serviços, o transporte urbano e a dinâmica da feira livre de São Miguel dos Campos, bem como o entendimento da importância destas atividades para o conjunto total da economia urbana e da população da cidade, pudemos averiguar a racionalidade do circuito inferior da economia urbana.

Existe uma racionalidade econômica hegemônica vigente, produzida pelos atores da economia moderna. Esta, nos faz crer erradamente que as atividades de pequeno porte, isto é, as atividades do circuito inferior da economia urbana são “informais”, “irracionais”, “ilegais”, “ilegítimas” etc. Buscamos evidenciar o equívoco desses estigmas para com o circuito inferior e desmistificar esse imaginário – senão preconceito – em relação às pequenas atividades que cumprem papel essencial na economia. E assim, como existem muitas outras racionalidades (GODELIER, 1970), o circuito inferior da economia dada a sua importância, lógica de funcionamento, razões de surgimento e existência das atividades possui uma racionalidade perfeita (SANTOS, 2008 [1979]).

Analisando o funcionamento e as características das micros e pequenas empresas, do transporte urbano e da feira livre, acreditamos ter evidenciado os novos dinamismos deste circuito no período atual. Dessa maneira, ressaltamos tanto a importância das atividades de pequena dimensão para o conjunto da economia urbana quanto a necessidade de pô-las em evidência.

Porém, partindo da realidade das atividades de pequena dimensão de São Miguel dos Campos, constatamos a ausência de atenção e de investimento nestas atividades econômicas e ainda observamos a negação de sua produtividade. O circuito inferior da economia urbana é de grande importância para a economia da cidade, mas não é assim reconhecido.

O governo federal, cada vez mais confere importância às atividades de pequeno capital, a partir de políticas públicas de estímulo financeiro e de organização. Constatamos que os poderes públicos estadual e municipal ainda não compreendem a importância deste circuito da economia para a cidade. Visto que não apoiam devidamente nem incentivam estas atividades no âmbito do poder que lhes compete. O que nos obriga a chamar atenção da necessidade da ampliação das políticas públicas que estimulem e potencializem as atividades do circuito inferior.

Pois um novo olhar por parte destes poderes e conseqüentemente da população, ampliaria a capacidade produtiva destas atividades, melhorando consideravelmente a vida dos indivíduos e criando novos processos. Concretizando o que havia sido predito por Milton Santos ao asseverar a importância de “atribuir a esse circuito uma produtividade mais elevada e um crescimento sustentado, ao mesmo tempo conservando o seu papel de fornecedor privilegiado de empregos” (SANTOS: 2008).

O circuito inferior desperta-nos para um novo olhar sobre a realidade da economia da cidade, uma nova compreensão do presente e seus movimentos no processo de construção do

futuro. E o espaço geográfico é um elemento sumamente importante nessa descoberta. Não obstante,

A memória olha para o passado. A nova conscientização olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 2009, p. 330).

O funcionamento e a dinâmica do circuito inferior da economia urbana revelam as condições vividas pela população da cidade no presente e indicam a necessidade de transformação e construção de um novo futuro cujos interesses da economia atendam às necessidades das populações empobrecidas.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS WEB. **Safra de cana de açúcar supera expectativas e usina Caeté pode produzir 20 vezes mais.** Disponível em: <http://www.alagoasweb.com/noticia/6649-safra-de-cana-de-acucar-supera-expectativas-e-usina-caete-pode-produzir-ate-20-mais>. Acesso em: 01/11/2015.

ALMEIDA, E. P. de. “O processo de periferização e uso do território brasileiro no atual período histórico”. In: SOUZA, M. A. de. (org). **Território Brasileiro – Usos e Abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

ALMEIDA, E. P. de. **A metropolização-periferização brasileira no período técnico-científico-informacional**. 2000. 234 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2000.

ARROYO, M. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. *In: SPÓSITO, E. S., SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (organizadores). Cidades médias: produção do espaço*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BICUDO JUNIOR, E. C. **O circuito superior marginal: produção de medicamentos e o território brasileiro**. São Paulo: 2006. 286p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia do Gestou**. Brasília: 2014. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/>

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Parecer da Secretária de Acompanhamento Econômico**, 01/04/2009. Disponível em: <http://www1.seae.fazenda.gov.br/littera/pdf/08012000709200843.pdf>. Acesso em: 17 de julho de 2015).

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório do Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE**, 2004.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego-MTE. **Relação Anual de Informações Sociais-RAIS**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/>. Acesso em 12/09/12.

CANDIDO, P; MALAGODI, E. Mobilização de trabalhadores canavieiros e ação estatal no setor sucroalcooleiro do Nordeste. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Vitória da Conquista-BA, n. 8, p. 133-151, 2009.

CASTILLO, Ricardo. **Uma abordagem geográfica sobre a situação atual do trabalho no Brasil**. Trabalho apresentado na mesa redonda: O Trabalho humano: situação atual e perspectivas futuras. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CASTRO, G. A. **São Miguel dos Campos**. 2ª Ed. São Miguel dos Campos: Estado de Alagoas, 1991.

CARVALHO, C. P de. **Economia popular de Alagoas: uma via de modernização para Alagoas**. 6 ed. Maceió: EDUFAL, 2014.

_____. **Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana**. 2ª ed. Maceió: Edufal, 2008.

CATAIA, M.; SILVA, S. C. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 1, 2013, p.55-75.

CREDIAMIGO. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/crediamigo>. Acesso em: 19/04/2016

FERREIRA, E. S. Economia urbana e migração chinesa no território cearense. **In: XI Encontro Nacional da Anpege**. São Paulo, p. 4922 a 4934, 2015.

FIRMINO, P. C. **Arapiraca/AL e Itabaiana/Se – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro**. 2016, 316 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2016.

_____. A feira como desenvolvimento do nordeste. **IV congresso ibero-americano de estudos territoriais e ambientais**. São Paulo, p. 2597-2614, 2014.

GODELIER, Maurice. **Racionalidade e Irracionalidade na Economia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

GOMES, F. G. **Ensaio sobre o desenvolvimento e a economia política contemporânea**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. A liberdade da cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo, nº 26, pp.09-17, 2009.

_____. **O trabalho, o capital, e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas**. Sem ano. P. 6-55.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros de 2012**. Rio de Janeiro, 2013a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviço no Brasil 2001**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IBGE. **Censos Demográficos**. 1980, 1991, 2000 e 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PLANEJAMENTO E TRIBUTAÇÃO-IBPT. Disponível em: www.empresometro.cnc.org.br. Acesso em 15 de outubro de 2015.

JUNIOR, E. Maurício - **Toledo sobre a usina Roçadinho: O mais grave é a perda de empregos**. Disponível em: www.blogsdagazetaweb.com.br. Acesso em 20/02/2015.

LORGA, M. A; OPUSKA, P. R. A. **Políticas públicas para micro e pequenas empresas no Brasil: uma vertente para novas perspectivas**. Disponível em: www.publicadireito.com.br. Acesso em: 20/11/2015.

MONTENEGRO, M. R. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém**. 2011. 303 f. (Tese de doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2011.

_____. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo**. 2006. 203 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2006.

NOBRE, C. E; BELO, C. A feira livre como herança algodoeira em União dos Palmares-Alagoas. **Caminhos de geografia**. V. 15, n. 49 Mar/2007. Unberlândia, 2014 p. 27-49.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

OLIVEIRA, E. L. **Divisão do trabalho e circuitos da economia urbana em Londrina – PR**. 2009. 338 f. (Tese de doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DOS CAMPOS. **Plano Diretor Participativo de Desenvolvimento Integrado**. 2010.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Estatísticas Municipais 2000-2015**. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/dados-abertos/estatsticas-municipais-2000-a-2015/> Acessado em: 16 de setembro de 2016.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO-PNUD. Atlas de desenvolvimento humano do Brasil. Perfil Municipal-São Miguel dos Campos. 2013, 2014 e 2015. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2014/pt/perfil>

REGIC. **Regiões de Influências das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

RIBEIRO, A. C. T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: **ANAIS DO X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA** – Universidade de São Paulo, 2005. p.12458 a 12470.

_____. **Homens Lentos, Opacidade e Rugosidade**. Sem ano. p. 58-71.

ROCHA, M. V. A. da. **A expansão territorial urbana de São Miguel dos Campos-AL: da produção do espaço urbano às desigualdades socioespaciais**. 2015. 67 f. (Monografia). Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente-IGDEMA/Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Maceió, 2015.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2012a.

_____. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012b.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2012c.

_____. **Economia Espacial**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2009a [1996].

_____. **Por uma economia política da cidade**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2009b [1994].

_____. **A Pobreza Urbana**. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2009c [1978].

_____. **O Espaço Dividido**. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2008 [1979].

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil território e sociedade no início do século XXI** – Livro vir a vir. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO GESTÃO E PATRIMÔNIO-SEPLANDE. **Alagoas em dados e informação**. Disponível em: www.dados.al.gov.br/. Acesso em 16/01/2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Participação das micro e pequenas empresas na economia brasileira**. Brasil, SEBRAE, 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Lei geral das micro e pequenas empresas**. Brasília, SEBRAE, 2007.

SILVA, F. A.. A dinâmica do território brasileiro no período da globalização: o programa bolsa família como evento. In: **XI Encontro Nacional da Anpege**. São Paulo, p. 4727 a 4738, 2015.

SILVA, S. C. O circuito inferior de produção na metrópole de São Paulo: elementos para o debate do território usado. **Caminhos de geografia** – Revista online. v. 13. n. 41. 2012, p. 282-292.

SILVEIRA, M. L. A natureza relacional dos circuitos da economia urbana. In: FLORIANO, J. G. de O. et al. **Geografia urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014

_____. O Brasil: território e sociedade no início do século 21 – a história de um livro. In: **ACTA Geografia**, Ed. Esp. Cidades da Amazônia, p. 151-163, 2011.

_____. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. In: **XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, p. 1-11, 2010.

_____. Globalización y territorio usado: imperativos y solidariedades. **Cuadernos Del Cendes**. Centro de Estudios Del Desarrollo. Año 25. N° 69, p. 1-19, 2008.

_____. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas –**Cuadernos del cendes**, año 21, n° 57, sep-dic, tercera época, 2004 .

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

VALOR ECONÔMICO. **Usinas dos 'tabuleiros costeiros de Alagoas investem em mecanização**. Disponível em: <http://revistacanaieiros.com.br/conteudo/usinas-dos-tabuleiros-costeiros-de-alagoas-investem-em-mecanizacao>. Acesso em: 01/11/2015.

VERÇOZA, L. V. de. **Trabalhadores nos canaviais de Alagoas: um estudo das condições de trabalho e resistência**. Dissertação (Mestrado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2012.

ANEXOS

Questionários

Questionário: MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

1- PERFIL DO ENTREVISTADO

1.1- Cidade que mora

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

1.2- Grau de escolaridade

() fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto

() médio completo () superior incompleto () superior completo

1.3- Mora em

() Casa própria () casa alugada () com os parentes () outros: _____

1.4- Possui

Televisão () sim () não / microcomputador () sim () não / refrigerador () sim () não / acesso a internet () sim () não / DVD () sim () não / automóvel () sim () não / telefone fixo () sim () não / motocicleta () sim () não / telefone celular () sim () não

1.5- Possui cartão de crédito?

() não () sim, caso sim () próprio () emprestado

1.6- No que trabalhava antes? _____

1.7- Trabalha em outra atividade?

() não () sim, especificar: _____

1.8- Possui algum tipo de benefício social?

() bolsa família () BPC () aposentadoria () pensão () outros: _____

1.9- Porque resolveu entrar nesta atividade? _____

1.10- Quanto tempo está na atividade? _____

1.11- O que a empresa comercializa? _____

1.12- Para a compra dos produtos, utiliza de cartão de crédito?

() Sim () Não

2- LOCAL DE TRABALHO E MÃO DE OBRA

2.1- Imóvel

() próprio () alugado

Se alugado, valor: _____

2.2- O imóvel se encontra

() na residência () fora da residência

2.3- Quantos trabalhadores?

() 0 a 5 () 6 a 10 () 10 ou mais

Carteira assinada? () Sim () Não Quantos? _____

2.4- Emprega mão de obra familiar?

() Não () Sim, quantos?: _____

Carteira assinada? () Não () Sim, quantos? _____

2.5- Quanto ganha cada funcionário?

3- ORGANIZAÇÃO

3.1- A atividade é formalizada?

☐ sim ☐ não

3.2- Como ocorreu o processo de formalização da atividade?

3.3- Depois de formalizado o que mudou em seu negócio?

3.4- Existe algum tipo de fiscalização?

3.5- Já sofreu algum tipo repressão?

☐ sim ☐ não

Se sim especificar: _____

3.6- Utiliza serviços contábeis?

☐ sim ☐ não

4- FINANÇAS E CRÉDITO

4.1- Utiliza ou utilizou de empréstimos bancários?

☐ Sim ☐ Não

Se sim que bancos? ☐ Banco do Brasil ☐ Caixa ☐ Bradesco ☐ outros

Qual o objetivo do empréstimo? _____

4.3- Possui crédito junto a algum distribuidor?

☐ Sim ☐ Não

4.4- Quais as formas de pagamentos aceitas?

☐ dinheiro ☐ fiado ☐ cartão de crédito ☐ cheque ☐ outros

Em caso de fiado qual o critério de seleção dos clientes? _____

Natureza da maquineta: ☐ própria ☐ alugada ☐ emprestada ☐ compartilhada

4.5- Quais as despesas geradas no funcionamento do negócio?

☐ água ☐ luz ☐ telefone ☐ internet ☐ contador ☐ funcionários ☐ novas mercadorias ☐ outros

4.6- Qual a estimativa de lucro mensal?

☐ entre ½ e 1 salário ☐ de 1 a 2 salários ☐ de 3 a 4 salários ☐ 5 salários mínimos

4.7- Com que é gasto o lucro final?

☐ alimentação ☐ vestuário ☐ despesas domésticas (água, luz, telefone, internet) ☐ lazer

☐ outros: _____

4.8- Esta atividade é sua renda única ou complementar?

☐ única ☐ complementar

5- TÉCNICAS DE TRABALHO

5.1- Que tipo de equipamentos utilizados para o trabalho?

☐ computador ☐ telefone fixo ☐ telefone celular ☐ fax ☐ maquineta de cartão ☐ celular como maquineta de cartão ☐ máquina fotográfica ☐ outros

Caso utilize alguns dos equipamentos, especificar a finalidade: _____

5.2- Esses equipamentos foram comprados.

☐ usados ☐ novos

5.3- Utiliza propaganda para a comercialização?

☐ carro de som ☐ propaganda em rádio ☐ folders e panfletos ☐ banners e faixas ☐ internet ☐ outros: _____

6- MERCADO

6.1- Quais as cidades de origem dos clientes?

☐ Anadia ☐ Boca da Mata ☐ Campo Alegre ☐ Coruripe ☐ Jequiá da Praia ☐ Junqueiro ☐ Roteiro ☐ Teotônio Vilela ☐ São Miguel dos Campos

Se São Miguel dos Campos, especificar o bairro _____

6.2- Qual o período do mês de melhor venda? _____

6.3- Qual a produção por dia ou mês? _____

6.4- Qual a margem de lucro por produto? _____

6.5- Quais são os principais concorrentes? _____

Questionário: MOTO TAXISTAS

1- PERFIL DO ENTREVISTADO

1.1-Sexo

() Masculino () Feminino

1.2- Grau de escolaridade

() fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto

() médio completo () superior incompleto () superior completo

1.3- Está estudando atualmente?

() sim () não

1.4-Cidade que mora

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

1.5- Mora em

() Casa própria () casa alugada () com os parentes () outros: _____

1.6- Possui

Televisão () sim () não / microcomputador () sim () não / refrigerador () sim () não / acesso a internet () sim () não / DVD () sim () não / automóvel () sim () não / telefone fixo () sim () não / motocicleta () sim () não / telefone celular () sim () não

1.7- Usa cartão de crédito?

() Não () Sim, caso sim () próprio () emprestado

1.8- No que trabalhava antes? _____

1.9- Porque resolveu entrar nesta atividade? _____

1.10-Quanto tempo está na profissão? _____

1.11- O moto-táxi é sua renda única ou complementar

() única () complementar

1.12- Trabalha em outra atividade?

() sim () não

2- ORGANIZAÇÃO

2.1- A habilitação é uma exigência para ser moto taxista?

() sim () não

2.2- Você tem carteira de habilitação

() sim () não

Desde quando? _____

2.3- Você paga algum imposto ao município?

() sim, especificar _____ () não

2.4- Você paga INSS?

() sim () não

2.5- Você tem carteira fichada como autônomo?

() sim () não

3- TRABALHO

3.1- Quais os horários que trabalha? _____

3.2- Quantas horas por dia? _____

3.3- Quantos dias por semana? _____

3.4- Quais os horários de pico? _____

3.5- Quais os dias pico? _____

3.6- Em que ponto você atua? _____

3.7- Porque escolheu ou está nesse ponto? _____

3.8- Quantas viagens você faz por dia?
☐ de 10 a 20 ☐ de 21 a 30 ☐ de 31 a 40 ☐ de 41 a 50

3.9- Existe disputa ou conflito com outras atividades de transporte?
☐ com moto táxis da associação ☐ com outros motoqueiros ☐ com outras associações de transporte () outros

3.10- Já foi assaltado?
☐ sim ☐ não

3.11- Já sofreu algum tipo de acidente?
☐ não ☐ sim, estava transportando passageiros? () sim ☐ não

3.12- Paga plano de saúde?
☐ sim ☐ não

4- EQUIPAMENTOS DE TRABALHO

4.1- Você é proprietário da moto?
☐ Própria ☐ alugada ☐ emprestada

4.2- Quais os equipamentos utilizados para o trabalho?

4.3- Para que são utilizados cada equipamento?

4.4- Quais as formas de pagamentos dos equipamentos de trabalho?
☐ cartão de crédito ☐ crediário ☐ fiado ☐ à vista

4.5- Quais as formas de aquisição da moto?
☐ Empréstimos ☐ Financiamento ☐ Consórcio ☐ À vista

4.6- Utiliza alguma forma de publicidade?
☐ propaganda ☐ panfletos ou folders ☐ cartão de visita ☐ outros

5- FINANÇAS E CRÉDITO

5.1- Quais são as principais despesas com a moto?

5.2- Com que frequência é feito a manutenção da moto e dos equipamentos

5.3- Qual a média de renda mensal?
☐ entre ½ e 1 salário ☐ de 1 a 2 salários ☐ de 3 a 4 salários ☐ 5 salários mínimos

5.4- No que você gasta o valor o lucro final?

6- MERCADO

6.1- Existem passageiros de outras cidades?

6.2- Quais os principais bairros de destino dos passageiros?

6.3- Quando realizadas chamadas, quais os principais bairros que solicitam o serviço?

6.4- Para quais atividades se deslocam os clientes desta atividade?
☐ trabalho ☐ lazer ☐ estudo ☐ comércio ☐ serviços ☐ não sabe

6.5 – Possui clientes fixos?
☐ sim ☐ não

1- PERFIL DO ENTREVISTADO

1.1-Sexo

() Masculino () Feminino

1.2- Qual a idade? _____

1.3-Cidade de origem: _____

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

() cidade () campo

1.4-Cidade que mora

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

() cidade () campo

1.5- Há quanto tempo reside no município? _____

1.6- Mora em

() Casa própria () casa alugada () com os parentes () outros: _____

Quantas pessoas vivem na casa? _____

1.7- Possui

Televisão () sim () não / microcomputador () sim () não / refrigerador () sim () não / acesso a internet () sim () não / DVD () sim () não / automóvel () sim () não / telefone fixo () sim () não / motocicleta () sim () não / telefone celular () sim () não

1.8- Usa cartão de crédito?

() Não () Sim, caso sim () próprio () emprestado

1.9- No que trabalhava antes? _____

1.10- Porque resolveu atuar nesse trabalho? _____

1.11-Quanto tempo está nesse trabalho? _____

1.12- Qual o meio de locomoção que você usa para chegar à feira?

() ônibus () van () carro próprio () moto taxi () a pé () carroça () outro

1.13- Possui algum tipo de benefício social?

() bolsa família () BPC () aposentadoria () pensão () outros: _____

1.14- Grau de escolaridade

() fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto

() médio completo () superior incompleto () superior completo

2- PRODUTOS

2.1- O que comercializa? _____

2.2- Você é

() Produtor –distribuidor-vendedor () produtor-vendedor () distribuidor-vendedor () apenas vendedor

Caso não seja o produtor

De quem obtém o produto? () Direto do produtor () Do distribuidor ()

2.3- Qual o município de origem do produto? _____

2.4- Qual o período em que efetua as compras da mercadoria? _____

2.5- Qual as formas de pagamento das mercadorias?

() dinheiro () cartão de crédito () fiado () outros

2.6- Valor unitário do(s) produto(s): _____

2.7- O valor do produto pode sofrer alguma alteração?

() sim () não

2.8- Você tem gastos para transportar os produtos da feira?

() sim () não. Se sim, quanto custa? _____

2.9- Qual o meio de locomoção que você usa para transportar os produtos da feira?

() caminhão () ônibus () van () carro próprio () moto taxi () a pé () carroça () outro

2.10- O que ocorre com os produtos que sobram? _____

3- TRABALHO 3.1- Quanto tempo trabalha na feira por dia? _____ 3.2- Trabalha em mais alguma feira? ☐ sim ☐ não Se a resposta for sim, em que cidades são as outras feiras em que trabalha? _____ 3.3- Tem funcionários? ☐ não ☐ sim, quantos? _____ 3.4- Emprega mão de obra familiar? ☐ sim ☐ não – Se sim, quantos? _____ 3.5- Sua atividade é formalizada? ☐ sim ☐ não 3.6- Você tem carteira assinada? ☐ sim ☐ não 3.7- Quantos funcionários trabalham além de você? ☐ 0 ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 3.8- Algum funcionário tem carteira assinada? ☐ sim ☐ não 3.9- Quanto custa o salário dos funcionários? _____ 3.10- Qual a renda semanal? _____ 3.11- No que são gastos os lucros? _____ 3.12- Possui alguma outra renda complementar? Sim ☐ Não ☐. Se sim, ☐ outro trabalho: _____
4- FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO 4.1- Quais os equipamentos utilizados para a comercialização do produto? _____ 4.2- A barraca é própria ou alugada? ☐ própria ☐ alugada Se alugada, quanto custa o aluguel? _____ 4.3- Utiliza algum equipamento para publicidade? ☐ Caixa de som e microfone ☐ letreiros ☐ falas sem amplificador de som ☐ outros 4.3- Quais são os seus principais concorrentes? _____
5- FINANÇAS E CRÉDITO 5.1- Quais são as formas de crédito oferecido aos clientes? ☐ cartão de crédito ☐ promissórias ☐ crediário ☐ fiado ☐ outros 5.2- Formas de compra dos produtos ☐ dinheiro ☐ cartão de crédito ☐ crédito ao distribuidor e/ou produtor ☐ outros 5.3- Utiliza ou já utilizou de empréstimos bancários? ☐ Não ☐ Sim, ☐ Banco do Brasil ☐ Caixa ☐ Bradesco ☐ outros
6- MERCADO 6.1- Qual a cidade de origem dos clientes? ☐ Anadia ☐ Boca da Mata ☐ Campo Alegre ☐ Coruripe ☐ Jequiá da Praia ☐ Junqueiro ☐ Roteiro ☐ Teotônio Vilela ☐ São Miguel dos Campos Se São Miguel dos Campos, especificar o bairro _____

Questionário: MOTORISTAS DAS VANS

1- PERFIL DO ENTREVISTADO 1.1-Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino 1.2-Qual a idade: _____ 1.3-Cidade de origem: _____ ☐ São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____ ☐ outra, especificar: _____ 1.4-Cidade que mora ☐ São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____ ☐ outra, especificar: _____ 1.5-Mora em São Miguel dos Campos desde que nasceu? ☐ sim ☐ não Se não, especificar porque e quando veio morar em São Miguel dos Campos. _____ 1.6- Mora em ☐ Casa própria ☐ casa alugada ☐ com os parentes ☐ outros: _____ 1.7- Possui Televisão ☐ sim ☐ não / microcomputador ☐ sim ☐ não / refrigerador ☐ sim ☐ não / acesso a internet ☐ sim ☐ não / DVD ☐ sim ☐ não / automóvel ☐ sim ☐ não / telefone fixo ☐ sim ☐ não / motocicleta ☐ sim ☐ não / telefone celular ☐ sim ☐ não 1.8- Usa cartão de crédito? ☐ Não ☐ Sim, caso sim ☐ próprio ☐ emprestado 1.9- No que trabalhava antes? _____ 1.10- Porque resolveu entrar nesta atividade? _____ 1.11-Quanto tempo está na profissão? _____ 1.12- Possui algum tipo de benefício social? ☐ bolsa família ☐ BPC ☐ aposentadoria ☐ pensão ☐ outros: _____ 1.13- Grau de escolaridade ☐ fundamental incompleto ☐ fundamental completo ☐ médio incompleto ☐ médio completo ☐ superior incompleto ☐ superior completo
2- ORGANIZAÇÃO 2.1- Você tem carteira de habilitação? ☐ sim ☐ não 2.2- Você paga INSS? ☐ sim ☐ não 2.3- Você é formalizado como autônomo? ☐ sim ☐ não
3- TRABALHO 3.1- Quantas horas por dia? _____ 3.2- Quantos dias por semana? _____ 3.3- Quais os horários de pico? _____ 3.4- Quais os dias pico? _____ 3.5- Quantas viagens você faz por dia? ☐ de 10 a 20 ☐ de 21 a 30 ☐ de 31 a 40 ☐ de 41 a 50 3.6-Quanto custa a viagem? ☐ R\$ 1,50 ☐ R\$ 1,75 ☐ R\$: 2,00 ☐ R\$: 2,50 ☐ R\$: 3,00 ☐ R\$: 3,50 ☐ R\$: 4,00 ☐ R\$: 5,00 OBS: _____ 3.7- Quem são os principais concorrentes? ☐ os próprios motoristas da associação ☐ com outros motoristas ☐ com outras associações de transporte ☐ com empresas de ônibus ☐ moto taxistas ☐ outros 3.8- Existem outras empresas ou associações disputando com a associação? ☐ não ☐ sim, especificar: _____
4- EQUIPAMENTOS DE TRABALHO

4.1- O veículo é ☐ Próprio ☐ alugado ☐ emprestado 4.2- Quais os equipamentos utilizados para o trabalho? _____ 4.3- Utiliza celular no trabalho? ☐ Sim - ☐ próprio ☐ associação / ☐ Não 4.4- Utiliza alguma forma de publicidade? ☐ propaganda ☐ panfletos ou folders ☐ cartão de visita ☐ outros
5- FINANÇAS E CRÉDITO 5.1- Quais as formas de aquisição do veículo? ☐ Empréstimos ☐ Financiamento ☐ Consórcio ☐ À vista 5.2- Quais são as principais despesas com o veículo? _____ 5.3- Quanto gasta com a manutenção do veículo? _____ 5.4- Com que frequência é feito a manutenção do veículo? _____ 5.5- Na compra de peças para a manutenção quais as formas de pagamentos? ☐ cartão de crédito ☐ crediário ☐ fiado ☐ à vista 5.6- Esta atividade é sua renda única ou complementar? ☐ única ☐ complementar 5.7- Se complementar, especificar a outra profissão: _____ 5.8- Qual a média de renda mensal? _____ 5.9- No que gasta o lucro final? _____
6- MERCADO 6.1- Para onde vai a maior quantidade de passageiros? _____ 6.2- Quais os principais bairros de destino dos passageiros? _____ 6.3- Qual o objetivo do deslocamento dos passageiros? _____

Questionário: **MOTORISTAS DOS ÔNIBUS**

1- PERFIL DO ENTREVISTADO

1.1-Sexo

() Masculino () Feminino

1.2-Qual a idade: _____

1.3-Cidade de origem: _____

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

1.4-Cidade que mora

() São Miguel dos Campos, especificar o bairro: _____

() outra, especificar: _____

1.6-Mora em São Miguel dos Campos desde que nasceu?

() sim () não

Se não, especificar porque e quando veio morar em São Miguel dos Campos.

1.7- Mora em

() Casa própria () casa alugada () com os parentes () outros: _____

1.8- Possui

Televisão () sim () não / microcomputador () sim () não / refrigerador () sim () não / acesso a internet () sim () não / DVD () sim () não / automóvel () sim () não / telefone fixo () sim () não / motocicleta () sim () não / telefone celular () sim () não

1.9- Usa cartão de crédito?

() Não () Sim, caso sim () próprio () emprestado

1.10- No que trabalhava antes? _____

1.11- Porque resolveu entrar nesta atividade? _____

1.12-Quanto tempo está na profissão? _____

1.13- Possui algum tipo de benefício social?

() bolsa família () BPC () aposentadoria () pensão () outros: _____

1.14- Grau de escolaridade

() fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto

() médio completo () superior incompleto () superior completo

2- ORGANIZAÇÃO

2.1- Você tem carteira de habilitação?

() sim () não

2.2- Você paga INSS?

() sim () não

3- TRABALHO

3.1- Quantas horas por dia? _____

3.2- Quantos dias por semana? _____

3.3- Quais os horários de pico? _____

3.4- Quais os dias pico? _____

3.5- Quantas viagens você faz por dia?

() de 10 a 20 () de 21 a 30 () de 31 a 40 () de 41 a 50

3.6- Quanto custa a viagem?

() R\$ 1,50 () R\$ 1,75 () R\$ 2,00 () R\$ 2,50 () R\$ 3,00 () R\$ 3,50 () R\$ 4,00

() R\$ 5,00 OBS: _____

3.7- Já presenciou ou participou de algum conflito ou disputa nesta atividade?

() com o motoristas da associação () com outros motoristas () com outras associações de transporte () com empresas de ônibus () outros

3.8- Existem outras empresas ou associações disputando com a associação?

() sim () não – Se sim, especificar: _____

4- EQUIPAMENTOS DE TRABALHO

4.1- Utiliza celular para a execução da atividade?

() Não () Sim, () próprio () associação

5- FINANÇAS E CRÉDITO

5.1- De que forma são realizados o pagamento da tarifa?

() dinheiro () fiado () passe estudantil () outros

5.2- Esta atividade é sua renda única ou complementar?

() única () complementar

5.3- Se complementar, especificar a outra profissão: _____

5.4- Qual a média de salário mensal?

5.5- No que gasta o salário?

() Celular () internet () tv a cabo () alimentação () vestuário () energia () água

() outros: _____

6- MERCADO

6.1- Qual a cidade de origem dos passageiros?

Se São Miguel do Campos, quais os bairros: _____

6.2- Para onde vai a maior quantidade de passageiros?

6.3- Quais os principais bairros de destino dos passageiros?

6.4- Qual o objetivo do deslocamento dos passageiros?
